

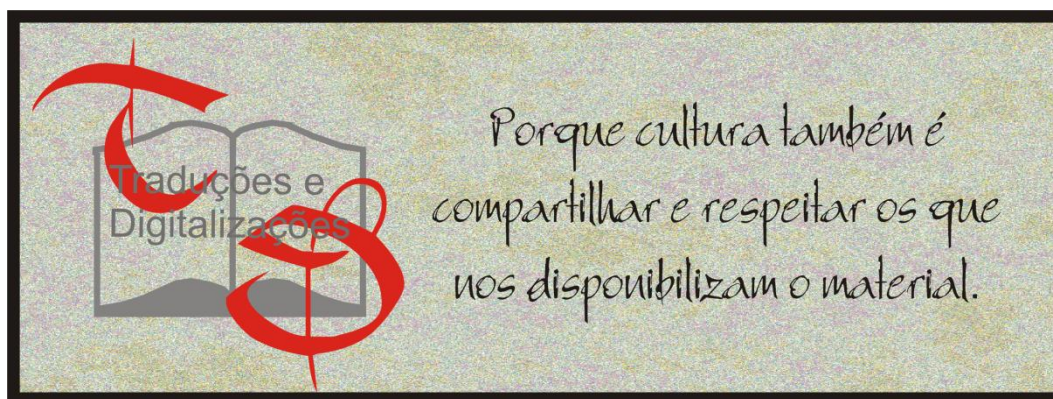
VACATIONS FROM

Steel



Libba Bray Cassandra Clare
Claudia Gray Maureen Johnson
Sarah Mlynowski





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob – <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>



FEITO POR:

Aline Mysock ~ ~ Ilana

Lynn ~ ~ Mary Fleury



VACATIONS FROM *Hell*

LIBBA BRAY

CASSANDRA CLARE

CLAUDIA GRAY

MAUREEN JOHNSON

SARAH MLYNOWSKI



Trusin'

SARAH MLYNOWSKI

*I Don't Like Your
Girlfriend*

CLAUDIA GRAY

The Law of Suspects

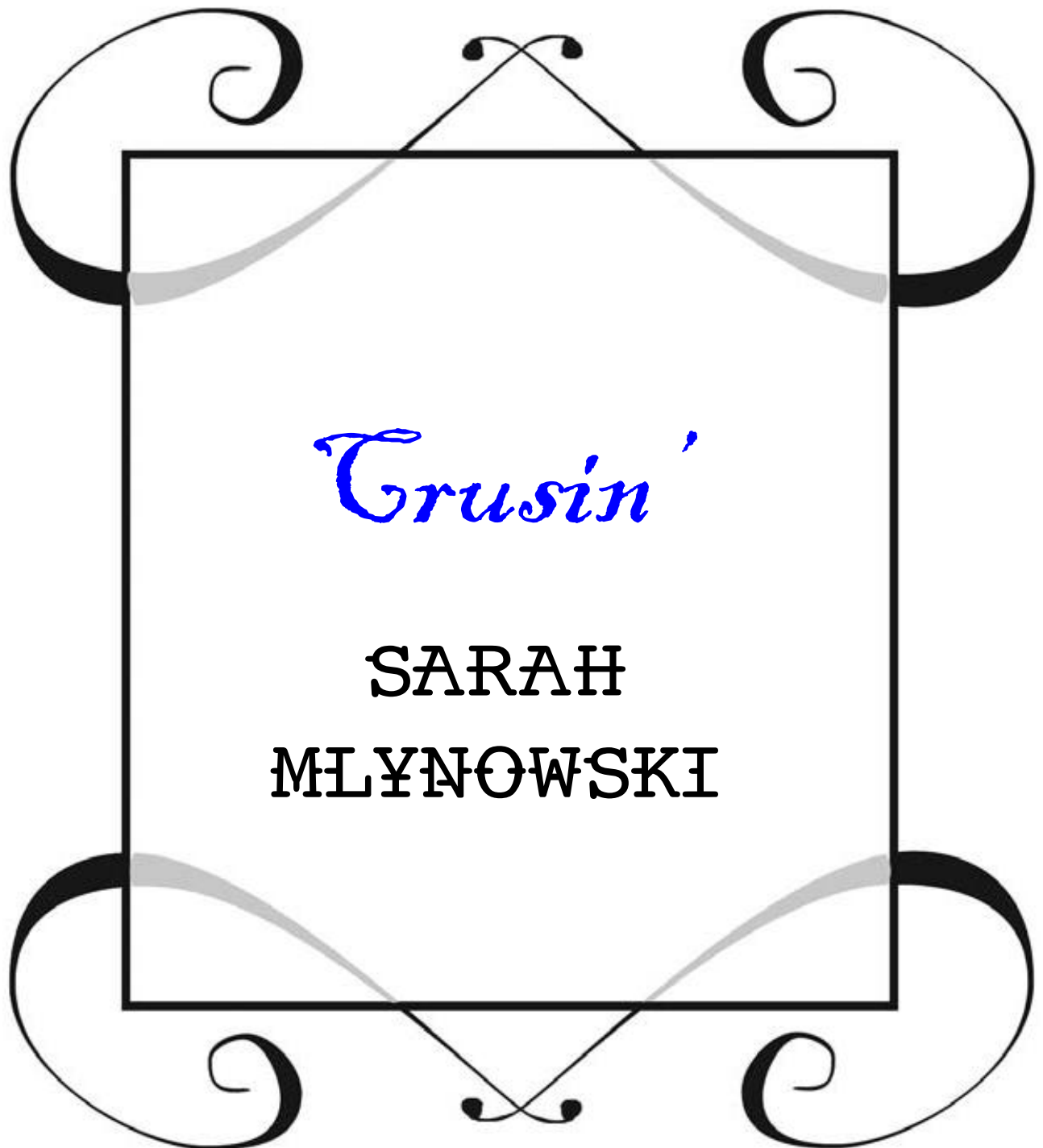
MAUREEN JOHNSON

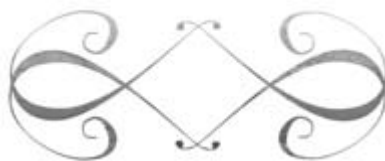
The Mirror House

CASSANDRA CALE

Nowhere Is Safe

LIBBA BRAY





“Protetor solar?” me perguntou Liz
“Confere.”

“Chapéu de sol?”

“Confere”

“Óculos de sol?”

Aponto para o par de óculos acima de minha cabeça. “Eu estou pronta. Podemos ir?”

“Biquíni?”

“Ummm...”

“Kristin, você está usando o biquíni novo que você comprou na semana passada?”

“Bem...”

Ela se inclinou sobre a sua cama de solteiro, levantou minha camiseta e suspirou.

“Não você *não* esta usando esse maiô nessa horrível cor marrom. Você não esta autorizada a utilizar nada do que você comprou antes de me conhecer, ok?”

Liz já estava vestindo um minúsculo biquíni branco, se é que você pode chamar uma minúscula corda sustentando três triângulos de biquíni.

“Eu vou me queimar.” Me queixei.

“Você não vai. É por isso que nós compramos um protetor solar FPS 100 ou qualquer coisa assim. Não banca a bebe e coloca logo o biquíni para que possamos subir logo ao convés.”

Estou um pouco tonta, e não é só porque estou numa cabine apertada de um cruzeiro. Embora creio que isso não ajuda. Estou emocionada de estar aqui, claro que estou, mas estou um pouco nervosa. Nunca estive num cruzeiro antes.

E se eu enjoar? O barco nem saiu do porto e eu já sinto um vai e vem de um lado para o outro como um bêbado numa cadeira de balanço. E se eu encosto em qualquer canto louco e caio? E se o navio bate em um Iceberg e despencamos ao fundo do mar? Até mesmo o nome do navio *Cruise to Nowhere*¹ soa assustador.

Supostamente o chamam assim porque não estamos nos dirigindo a nenhum lugar específico, são três dias e três noites em águas internacionais e em seguida voltar a Nova York. Mais ainda assim soa ameaçador.

¹ Cruzeiro a lugar nenhum



Se eu estivesse a cargo do marketing eu o chamaria *Mar Nômade* ou, *Oceano Estravaganza* ou alguma coisa que não gritasse *Final Mortal*.

Mas isso é ó comigo.

Ok, eu não estou nervosa pelo naufrágio da embarcação. Estou nervosa porque... Bom eu vou contar o porquê.

Nesta viagem, no *Cruise to Nowhere* eu tenho um objetivo. Eu estou indo a isso.

Sim. É a hora. Minha *primeira* vez.

Afffff, não acredito que vou fazer isso.

“Tem certeza do biquíni?” Eu pergunto consciente de mim mesma. Nem me incomodo de olhar ao espelho. Eu sei o que eu vejo. Peitos médios, cabelos castanhos até os ombros, nem muito longos nem muito curtos. Apenas me chame de “cachinhos dourados”². Típico, típico, típico. Meus olhos são legais. Eu tenho que admitir. É uma espécie de verde, marrom, e azul. Misturado.

“Kristin, se você usar esse maiô horroroso tem zero por cento de possibilidade de você ficar com alguém. Menos que zero. Menos um por cento.”

Vê essa é outra coisa. Eu não tenho nenhum candidato em mente para o grande acontecimento. Primeiro passo: encontrar o cara. Segundo passo: caçar ele. Terceiro passo: Fazer. Sem pressão. Respiro profundamente. Exceto, será que o cara vai dar uma segunda olhada em mim com a Liz deitada numa cadeira de piscina ao meu lado? Liz com seu minúsculo biquíni branco, seus cabelos vermelhos, ondulados até a cintura, e suas pernas mais longas que meu corpo. Ela é a Pequena Sereia que veio a vida. Aposto que ela ficaria bem se estivesse no Titanic. Ela moveria seus cabelos e doze rapazes apareceriam com botes salva-vidas para salva-la.

Eu desafroxei minha bolsa. “Está bem, vou me trocar.”

“Anda logo eu quero estar lá quando o barco”

Antes dela terminar sua sentença o chão abaixo de nós se moveu. Olhei pela janela e sobre a nossa sacada podia ver o cais à deriva.

Meus joelhos estavam tremendo. Será que isso é o que eles chamam de “pernas marítimas” *? Ou só estou ansiosa pelo que está por vir?

De acordo com o mapa no nosso quarto esse navio conta com doze andares. Doze andares! Que loucura é essa? Talvez navios não são tão maus como eu pensava. Talvez eu fique morando aqui para sempre. Tem um SPA, uma biblioteca, um salão de beleza, uma academia, e um zilhão de quartos uma dezena de restaurantes. Quatro piscinas. Que mais se necessita?

Tinha uma garota de nossa idade no elevador. Ela é loira, pequena, sua pele corada como se ela tivesse acabado de se limpar.

“Oi,” disse Liz com um enorme sorriso. “Você vai para a piscina do 12º andar?”

² Sim sim, cachinhos dourados, a da historia com os três ursos!!



Liz fala com todo mundo. Ela não tem vergonha. Eu pelo contrario sinto como se tivesse engolido uma centena de borboletas quando tento falar com um estranho.

A garota assentiu com a cabeça, “Sim. O 12° andar se supõe que é o melhor. É todo exterior. E eu preciso começar a me bronzear já!”

“Eu também estou muito branca” disse Liz. “Então o que você achou do navio?”

“Legal. Este é o meu primeiro cruzeiro.”

“Meu também” eu soltei. Não iria prejudicar ser um pouco mais destemida.

“Está aqui com a sua família?” A Liz perguntou. A garota brincava com as pontas do seu rabo de cavalo loiro.

“Sim estou aqui com a insana da minha mãe. Ela já tomou praticamente um frasco de Vicodin³. Ela com certeza vai passar os quatro dias de viagem dormindo. Ela tinha que estar com o namorado nesse cruzeiro mais ele deixou ela semana passada. Não que eu possa culpá-lo.”

Bem. Essa foi uma imensa quantidade de informação. Liz e eu olhamos uma a outra, e depois olhamos a garota.

“Pelo menos você tem o cruzeiro fora disso.” Eu disse.

Ela bufou. “Sorte minha. É uma porcaria de momento para um cruzeiro. Vocês leram o National Eagle esta semana?”

Liz sacudiu a cabeça com desdém. “Eu não leio tablóides.”

Eu também não, Ok de vez em quando.

“Por quê? O que diz?”

“Você se assusta com facilidade?” Ela perguntou

“Sim.”

“Então provavelmente eu não deveria dizer.”

As portas do elevador se abriram. Oww, Brilhante. Boa coisa. Eu tenho meus anti-UV, anti-reflexo, anti-conseguir-qualquer-luz-atravez-desses-estupidos-olhos. Deve proteger meio maior trunfo. Deslizo meus óculos de sol sobre meus olhos e ajusto meu chapéu de palha novíssimo. Nós mapeamos o local. Tem uma espumante piscina retangular. Dois metidos balcões de palha com telhadinhos e uma lanchonete e restaurante com terraço. O deck esta lotado de gente.

“Que tal lá mais no fundo?” Eu pergunto apontando um montão de cadeiras brancas e azuis.

“Porque você não vem e se senta com a gente?” Falou Liz para a garota nova.

“Você tem certeza eu não quero incomodar. Eu sou Hailey” Nos apresentamos e Liz furtou três toalhas pêssego de uma caixa e reivindicou por cadeiras vazias. Eu despejei minha bolsa entre nós, abri o guarda-sol da minha cadeira e me estirei em minha toalha.

³ Um analgésico a base de ópio, extremamente viciante, o mesmo que tem viciado o Dr. House!!!



“Vocês estão aqui com seus pais?” Hailey perguntou procurando em sua bolsa. Ela tirou seus óculos de sol e o *National Eagle*. Não posso deixar de me perguntar qual é a história do tablóide. Quero saber!

“Só nós.” Disse Liz recostada em sua cadeira.

“Uau, vocês são irmãs?” Hailey perguntou.

“Tipo isso.” Disse Liz

Eu ri. “Em espírito pelo menos.”

“Foi um presente de formatura ou algo assim?”

“Exatamente.” Disse Liz.

“Sorte sua.”

Ainda não mais eu planejo que seja. Exceto, qual é a grande história de terror que Hailey não nos está dizendo?

“Então fale, o que diz o tablóide sobre os cruzeiros?”

“Eu vou te dizer mais não reclame se você não conseguir dormir essa noite. Ele diz ‘Ataques de Vampiros em Cruzeiros. Não parece loucura?’

“Sim” Eu digo, O barco balança e meu estomago se aperta.

“É mesmo né?”

Liz bufa. “*Oláá!* É a gente do *National Eagle*. É pior que o *Enquirer*. Não é real.”

“Poderia ser.” Disse Hailey.

Me sentei em minha cadeira. “Espera, que é mesmo o que está dizendo?”

“Que pessoas estão desaparecendo dos navios nos últimos seis meses. E culpam os vampiros.”

“Hamm, eles sabem que não existe esse negocio de vampiros né?”

“Pelo visto não.”

Balanço minha cabeça. “Pelo visto o *Eagle* deve estar com um grave problema de circulação.”

“Nunca se sabe. Talvez os vampiros estejam mesmo matando as pessoas nos cruzeiros. Quem Pode dizer o que é real e o que não é?”

Eu chutei levemente a perna dela. “Ou talvez algum psicopata rouba uma garota que tomou vodka demais e depois joga ela no mar antes que alguém se desse conta do seu desaparecimento.” Eu digo

“Isso soa bastante bem” diz Hailey lançando através do jornal.



“Ou de Bloody Marys⁴!” Brinca Liz.

“Ouvi que estão escondendo mais do que dizem. É por estar em águas internacionais ou algo assim. Parece que fica mais difícil perseguir os delinquentes.” Hailey explica.

“Ou encontrar os corpos.” Agrega Liz.

“Assusta.” Digo tremendo e envolvendo a toalha em meus braços.

Os olhos de Hailey estão arregalados. “Posso prometer que eu não vou caminhar durante a noite.”

“Vamos manter os garotos maus afastados.” Liz promete e se vira para seu estomago.

Fecho os olhos descansando.

Aahhhh, a brisa do mar sobre meus cabelos, o barulho da água e o por do sol ao meu redor. Lindo. Perfeito.

Eu estou prestes a ir a deriva quando uma sombra atravessa meu caminho.

Abro um olho para ver o que esta acontecendo e o outro rapidamente se abre.

Oi ai!!!

É um garoto. Um lindo garoto da minha idade, talvez dezessete. Parado entre a recente pedicure dos meus pés e a piscina. Ele está vestindo uma sunga xadrez preto e cinza. Tem os cabelos loiros, bem cortados e braços sexys torneados.

Poderia ser o escolhido?

Com um suave movimento ele se lança na água, deixando meu lado sem um esguicho de água fresca sequer. Onde vai? Volta ‘checker boy’⁵ volta.

“Mergulha!” disse Liz se sustentando sobre seus cotovelos.

“Que?” Eu pergunto um pouco em pânico.

“Você gostou não? Ele é o tipo gostosinho de se olhar né?”

“Eca, eu nem conheço ele.” Digo.

“Você gosta do que esta vendo não é?”

“Eu acho.”

“Então mergulha vai.”

Eu hesito. E se quando eu entrar em me afogar e engolir duzentos litros de água clorada e ainda perco a parte de cima do meu biquíni?

⁴ Coquetel a base de suco de tomate e vodka.

⁵ Não encontrei no mundo nada que traduzisse bem isso aqui pro português sem que ficasse sem sentido, então achei melhor deixar o original e se alguém tiver alguma sugestão a casa agradece rsrsrs!!! A tradução original seria Garoto Verificador eeecaa!



“Se você quer alguém tem que ir atrás dele.”

“Eu sei ,mas...”

Hailey olha por cima do jornal e procura pelo ‘Checker boy’ na piscina dando voltas agora.

“Ele é fofo Kristin.” Ela disse. “Vai por ele.”

Liz me sorri como se dissesse : “Vê até a garota que acabamos de conhecer acha que você deve ir.”

Eu suspiro. Tem razão. Eu sei que ela está certa. A diferença é que ela sabe o que está fazendo. Ao contrario de mim ela já fez isso diversas vezes antes de mim. Varias, varias vezes.

Mas... Eu não quero parecer uma idiota. E se ele me dá um fora? E se tem namorada? E se tem esposa? E filhos? Bom me parece muito jovem para ter esposa e filhos, mas e se tem?

Liz suspira. “Kristin, vejo como se faz.” Num fluido movimento ela tira os óculos de sol, guarda o ipod e mergulha, ondeando ao extremo mais profundo.

Ela sobe a superfície como uma modelo, chacoalhando os cabelos para trás para mostrar seu minúsculo biquíni branco. Ela vai diretamente ao ‘Checker boy’ bloqueando o caminho dele. Ele puxa a cabeça para trás tossindo.

“Desculpa” ronrona Liz. “Você precisa de um boca a boca?”

A cara do ‘Checker boy’ indica que ele adoraria o boca a boca, muito obrigado mesmo. “Desculpa por isso.” Disse “Tenho que aprender a olhar por onde vou.”

“Não sei se posso aceitar suas desculpas.” Ela disse arrastando “Pode ser que você tenha que me convidar a um coquetel pra que eu te desculpe.”

“Farei o que for necessário” disse ‘Checker Boy’ com os olhos piscando rápido não acreditando na sua sorte. Eles nadaram da piscina para o bar.

“Uaau!”

“Ela é Mestre nisso.” Eu respondi.

“Mas ela não tem vinte e um⁶, como vai beber?”

“Ela tem seus caminhos.”

“Ela roubou seu garoto. Você deveria cobrar ela.”

Eu encolho meus ombros. “Tem outros peixes no navio.”

Uma hora mais tarde Liz volta aos nossos assentos.

“E ai como ele é?” eu pergunto.

⁶ Maioridade para beber nos EUA.



Ela passa os dedos pelos cabelos úmidos e diz, “Quem, Jared? Nada mal, se ofereceu a pagar meu almoço, lhe disse que o encontraríamos mais tarde se acaso.”

“Tem algum amigo gato?” Hailey perguntou.

“Não perguntei, mais essa é a nossa prioridade este fim de semana.” Liz apontou para mim. “Ela tem que cuidar de um tipo de problema.”

“Que tipo de problema?”

Meu rosto esquentou e não foi o sol.

“A virgindade dela.” Liz diz com um meio sorriso no rosto.

“Oh, não faça isso.” Hailey disse. “Quem me dera eu tivesse esperado. Eu perdi a minha no outono passado, no começo do terceiro ano com um otário que espalhou para a escola toda.”

“Idiota.” Eu digo.

“Assim que confia em mim e não se apresse.” Disse ela. “Espera por alguém que você esteja realmente apaixonada.”

“Não escute ela.” Liz disse “Você vai estar muito assustada para fazê-lo com alguém que você esteja realmente apaixonada.”

“Talvez.” Hailey disse. “Pelo menos se você fizer com um estranho qualquer, não vai importar a quem ele conta. Vocês não andam com a mesma gente. Alguma vez você esteve a ponto de perde-la?”

“Uma vez” eu reconheci.

“O que aconteceu?”

Eu hesitei. “Foi com um garoto chamado Tom. Pensei que ia acontecer. Estávamos no seu quarto. Seus pais não estavam em casa. E eu estava a ponto quando...”

“Quando o que?”

“Eu fiquei com medo.” Reconheci, “e sai correndo.”

“Estou certa de que você já superou isso.” Não, é que eu nunca mais vi ele. Melhor para nós dois eu acho.

“E você?” Perguntou Hailey a Liz “Quando perdeu?”

Sacudiu a cabeça. “Sinto como se fosse a muito tempo a atrás.” Ela encolheu seus ombros. “Quem pode se recordar?”

Hailey estendeu seus braços sobre suas cabeças. –“Vou ver minha mãe, Assegurem-se que não caem pela lateral do navio.”

“Ou que seja atacada por um vampiro.” Disse Liz piscando um olho.

Hailey riu. “Vocês vão procurar por alguns garotos mais tarde?”



“Siiim.” Eu disse.

“Legal.”

“Vamos estar no cassino.” Disse Liz recostando no assento. “Nos encontre as nove”

“Ótimo. Obrigado”

Espera Hailey.” Eu disse. “Você já terminou de ler o National Eagle?”

“Sim, você quer ele?”

“Claro, se você não se importar.”

Ela jogou na minha cadeira. “Desfrute.”

Liz riu dissimuladamente quando eu peguei o jornal.

“Isso não é engraçado.” Eu disse, lendo os detalhes. “Diz que houveram sete desaparecimentos em seis navios no ultimo anos. Duas pessoas foram encontradas na água, seu sangue foi drenado. Sangue drenado? Você não fica nem um pouco preocupada?”

“Dá um tempo. É o National Eagle. Oláá! Não existe essa coisa de vampiros lembra? Além disso você só esta transferindo ansiedade de algo que realmente temes.”

“O que é isso?”

Ela me deu uma olhadinha de cumplicidade. “Você sabe, perde-la.”

“Oh obrigada Dra. Laura, mas eu não quero falar nisso de novo.” Me viro na minha cadeira e dou as costas para ela.

“Você está com fome?” ela perguntou uns minutos depois.

“Não.” Eu disse ainda enjoada.

“Deixa de bancar a bebe.” Ela disse. “Vou procurar algo para nós comermos. Deixe-me encontrar o Jared.”

“Hailey disse que eu deveria te cobrar por ele.”

“Hey, ele é todo teu se você quiser.” Ela ofereceu.

“Não vá em frente. Eu não preciso de caridade. Eu encontrarei meu próprio garoto.” Eu respirei profundamente o ar do oceano. “Prometo.”

Liz e eu encontramos Hailey no cassino mais tarde a noite, numa maquina caça-níqueis do James Bond. Se eu a coloco num quarto será que sai um espião bonito?

“Vocês estão incríveis.” Disse Hailey



“Você também” eu disse. Ela estava muito bonita num vestido simples, preto de algodão.

“Ah por favor! Vocês vieram vestidas para uma festa de gala em Manhattan, enquanto eu parece que vou para uma escola de dança.” Ela admirava o vestido tomara-que-caia vermelho púrpura de Liz forçado em mim, e o glamoroso tubinho vermelho com decote nas costas da Liz.

“Posso cometer um assalto ao seu armário?”

“A qualquer momento.” Disse Liz fixando a correia do seu sapato.

“E você cheira maravilhosamente. Que perfume é esse?”

Hailey sorri. “Obrigado! Se chama Parfum de Vie.”

“Muito cheiroso.”

“Como esta a sua mãe?” eu pergunto.

“Ela desmaiou de novo. Tão patético.” Ela virou os olhos e endireitou os ombros. “O que vocês querem fazer? Jogar? Analisar o local? Procurar por garotos bonitos? Ou matar vampiros?”

“Eu prefiro os dois primeiros.” Disse Liz escaneando o salão. “Vamos começar pelo bar.”

Quando fazemos nosso caminho para o bar, o garçom, mais velho mas ainda assim gato, se aproxima perguntando se queremos algo para beber. Liz ronrona seu pedido através do balcão mostrando seu decote extra. Vira para nós e diz. “Dinheiro.”

“Tem a idade suficiente para ser seu pai.” Diz Hailey

“Eu gosto de homens maduros. São mais cheirosos, como o bom vinho.” Levanta a taça em nossa direção e faz ‘Tim-Tim’.

Eu abaixo minha taça, e localizo ele. O único. É ele. É perfeito. Junto a mesa de BlackJack.

Se eu achei que o ‘Checker Boy’ era fofo, esse garoto é inteiramente outro nível de fofura. O nível doze de fofura. Ele é maravilhoso. Alto, cabelo escuro brilhante, pômulos esculpidos, ombros de jogador de futebol americano. A diferença do Sr. Bartender, ele não deve ter mais que vinte e dois anos. Esta usando um Smoking. É serio.

Quem precisa de um quarto? Eu encontrei meu próprio James Bond. Um garoto mais velho, de cabelo escuro também. Eu vou.

“Dinheiro.” Eu sussurro

“Liz chacoalha meu moedeiro e diz. “Boa chamada.”

“Eu estou apaixonada.” Eu digo

“Eu estou vendo.” Ela disse. “Limpa seu queixo você está babando.”

“Onde onde, me mostra ele.” Hailey disse pulando para ver.

“Não seja tão indiscreta.” Eu a advirto, movendo meu cabelo de forma indiferente. “Olhe ele lá na mesa de BlackJack.”



Ela oh-que-casual vira cento e oitenta graus para olhá-lo. “Ooohh, delicia, vai nele.”

Eu brinco com o meu vestido -“Como? O que tenho que fazer?”

Hailey vira para Liz, -“Sim, diz como temos que fazer. Como você fez para conseguir o nadador na piscina? Cadê ele a final? Você não tinha que se encontrar com ele?”

Liz encolhe seus ombros. “Naaada, acabou. Estava entediante.”

Hailey riu. “Acho que você vai encontrar alguém logo. Conta teu segredo para que possamos seguir teus passos, pode ser?”

Liz se aproximou de nós. “Se trata de atitude. Ele tem que saber que você esta com tudo. Se você pensa que está com tudo ele vai pensar que você esta com tudo. Maaas, tudo isso sem dizer que você é a melhor. Quer dizer, sou fabulosa, e você também parece ser, por isso talvez nos merecemos um ao outro.”

“Fabulosa!” Eu repito.

“Sim.” Ela afirma. “Absolutamente fabulosa.”

“Eu posso fazer isso.” Hailey diz. “Eu sou absolutamente fabulosa. Alguma coisa mais?”

“É isso.”

“Isso é tudo para encontrar um namorado?” Hailey pergunta.

Liz força um riso. “Um namorado? Você quer encontrar um namorado? Isso foi como fisgar alguém.” Ela apertou meus ombros. “Está pronta?”

“Sim” eu digo enquanto agito minha cabeça.

“Vai jogar perto dele. Tem um assento vago.”

“Mas eu não sei como jogar.” Eu lamento

Ela me lança uma ficha preta. “Lança no vinte e um.”

“Aannn, vinte e um o que?”

Quando ela começa a rir, eu respiro profundamente e vou para o tamborete vazio. Eu posso fazer isso. “Esta ocupado?” Eu pergunto com uma desafortunada voz nasal.

“Naaaum. É todo seu.” Eu jogo com cautela a ficha no tabuleiro.

“Tendo uma boa noite?” Eu pergunto tratando de parecer um pouco mais sofisticada e sedutora. Em outras palavras parece que eu tenho estreptococo*.

*Afffff que viagem... é um tipo de bactéria que causa um montão de doenças entre ela algo parecido com pneumonia, o que faz pensar que ela estava usando uma voz rouca ou algo assim, rrsrsrs.

“Sim, meu amigo acaba de se casar e esta jantando no seu quarto.” Ele diz. “Eu estava saindo para dançar mas parei aqui para um descanso.”

Isso explica o smoking. “Fabuloso.” Eu digo



“Desculpa?”

“Oh, um... casamento feliz. Você parece muito jovem para ter um amigo se casando.”

“Oh, ele é louco. Companheiro de faculdade. A que faculdade você vai?”

“NYU*.” Eu minto no mesmo instante. Porque não? Ele nunca vai saber a diferença mesmo.

*New York University

Ele concordou comprando a história. “Eu estou em Penn, Hey...” Ele disse, se aproximando de mim e colocando sua mão em meu braço. Uma descarga estática desceu pelo meu corpo. Ele está tão perto que eu consigo sentir no seu pescoço um cheiro de pós-barba. “Você tem olhos maravilhosos.” Ele disse lentamente a medida que eu vejo as palavras terminando em sua boca.

“Obrigado.” Eu digo apenas respirando.

O carteador nos interrompe para a distribuição da ronda das cartas a quatro de nós na mesa.

James Bonde deixa meu braço para se instalar de novo na sua cadeira.

Eu suspiro.

Olho para baixo em minhas cartas, um oito e um coringa. Não tenho nem idéia do que isso significa. Tento sorrir para James, mas parece que ele está por cima de mim e dos meus olhos, absorvido por suas cartas.

“Senhorita?” o carteador me pergunta

“Sim?” Eu pergunto de volta.

“O que quer fazer?”

Olho a minha mão. Não tenho nem idéia. “Obter outra carta?”

O Sr Bond olha para mim m choque. “O que? Porque?”

Muito tarde. O carteador me dá o quatro de espadas e me declara fora.

Whoops.

Neste momento eu não me sinto muito fabulosa. Mais bem idiota.

“Que aconteceu?” Liz reclama quando eu chego de mãos vazias. Sem fichas, sem garoto.

“Perdi todas as minhas fichas não tinha ideia do que eu estava fazendo.”

“Porque você não pediu ajuda?”

“Como se pode pedir ajuda quando se esta tratando parecer fabulosa?”



Ela jogou seu cabelo para trás e disse. “Você pode tratar de ser fabulosa e ainda assim não saber jogar BlackJack.”

“Bom o carteador tinha um As e um Coringa aparentemente ganhou dessa maneira. E antes...”

Liz agarrou eu braço. “E o garoto, como foi com o garoto?”

Eu suspirei. “Disse que nos víamos por aí e sumiu.” Eu sorri “Vou para a cama ver televisão.”

Liz ajustou seu vestido. “Vou pegar o bartender. Imagino que não poderei levá-lo para o quarto mais tarde né?”

“Desculpa.”

“Sem problemas. Eu encontro outro lugar para ir.”

“Evita o deck.” Hailey avisa.

Liz pisca. “Não me espere acordada.”

“Ela é mestre.” Diz Hailey fazendo uma pequena referencia para Liz.

E eu sou a pior aluna que existiu jamais.

“Porque ele não está aqui?” pergunto em voz alta.

Liz boceja. “Porque são apenas nove da manha. Tínhamos que chegar tão cedo? somos as únicas pessoas na piscina.”

“Eu não quero que ele desapareça de mim de novo.”

“Não é como se ele tivesse muito lugar para ir. Ele esta tipo, fechado num navio.”

“Enquanto nenhum vampiro jogar ele pela borda do navio...” Eu digo esticando minhas pernas a frente. “Hailey vai se reunir conosco as onze.”

“O que você acha dela?” Ela me pergunta.

“Eu gosto dela.” eu digo “E você?”

“Tem algo nela. Eu gosto disso.”

“Talvez ela seja um vampiro.”

“Ela não é um vampiro.” Diz Liz.

“Ela é pálida, tem um bom sentido do olfato, viaja sozinha.”

“Ela disse que esta com a mãe.” Liz me recorda.

“Assim diz ela.”



Liz fecha os olhos e depois os abre novamente. “Eu estou com fome. Quer alguma coisa para comer?”

“Ham, não obrigado. Ainda estou cheia do lanchinho da meia-noite. Obrigado por me trazer alguma coisa para comer do bar, de todos os modos.”

“Tudo bem então. Nos vemos mais tarde.” Ela me deu um beijo e saiu fora.

Eu não me importo de ficar um minuto sozinha. A brisa no meu cabelo, o céu azul, um dia perfeito. Que poderia ser melhor?

James. Ver James poderia fazer tudo melhor. Eu sei que James Bond não é seu nome real mas eu posso chamar ele seja do que for que eu gosto. Eu suspiro e fecho meus olhos. Lá estão vários outros garotos, um deles poderia ser o primeiro. Mas tem algo no James... Ele é perfeito. Ele é o único! Meu primeiro! Claro que ele não sabe disso ainda. Ele nem sabe meu nome ainda. O fato é que eu dificilmente sei alguma coisa sobre ele, exceto que ele estuda em Penn, e que ele se vê maravilhosamente bem no smoking.

Bem, eu sei ele é perfeito.

Eu tenho que encontrar ele.

As onze Hailey se senta perto de mim. Pelo meio dia Liz volta com o cabelo despenteado e um sorriso imoral no rosto.

“Então, o que ocupou teu tempo?”

Ela piscou. “Você não gostaria de saber.”

Lá pelas duas da tarde James ainda não apareceu na piscina.

Eu dei uma olhada ao redor e disse “Me pergunto onde ele estará?”

Se ele não vai vir, eu vou ter que ir até ele.

“Alguém quer vir procurar James comigo?” Eu pergunto.

“Definitivamente.” Diz Liz sacudindo-se.

Três de nós paradas no deck.

“Vamos ver. Tem três outras piscinas no navio. Qual ele vai estar?”

“Vamos começar com a parte superior e vamos descendo.” Sugeriu Hailey.

Tentamos a piscina do décimo primeiro andar. A piscina infantil. Nada do James.

“Pelo menos sei que ele não tem filhos.” Eu digo. Vamos lá já sei três coisas sobre ele.

Nada de James, e nada de sol também já que tem cobertura. Coloco meus óculos de sol na cabeça.

“Eu gosto dessa piscina” diz Hailey. Contemplando a força dos caras durões trabalhando. “Podemos voltar aqui mais tarde.”



“Olhar eles é extremamente cansativo.” Liz diz “Próxima piscina.”

Ultima piscina. Nono andar. Saímos do elevador e... OH Meu Deus!!!

“Lá está ele.” Eu digo apontando. James! Em carne! No tubo e água quente. Apesar de ter teto ele esta com óculos de sol aviadores, esta segurando uma cerveja, e, ele esta exatamente maravilhoso como eu me recordo e ele está sentado ao lado de uma garota...

A garota. Quem é a garota que esta nos pés do meu homem? Eu sou a única pessoa que pode estar aos pés do meu homem. A garota ri de algo que o James esta dizendo: um alto, estridente, incomodo riso que me faz ter vontade de matar ela.

A mão dele se apóia no seu ombro.

“Boooooo.” Eu me queixo, “Acho que o meu namorado tem uma namorada.”

Eu entro com minhas sandálias no deck.

“Ele é lindo”. Hailey diz.

Liz concorda. “Você pode tomar dela.”

Balanço a cabeça. “Eu posso encontrar um cara sozinho. Não tenho que tomar o namorado de ninguém.”

“Não é namorada dele.” Liz disse. “É qualquer uma que ele está paquerando. A vi ontem a noite com outro grupo. É só um casinho pro almoço.”

“Você acha?” eu pergunto.

“Eu prometo.” Liz responde

Todas nos separamos a tarde. Hailey disse que precisava de uma soneca, Liz quis ir a academia, e eu fui ao SPA. Todas nos reunimos para o jantar e fomos dançar um YMCA* na discoteca.

*O YMCA do Village People, esse mesmo, rsrs.

Mais tarde eu encontrei o James no cassino.

E boas noticias: Liz estava certa – a garota da tarde já não estava em lugar nenhum.

As más noticias: Ele estava com duas novas garotas. Ele ria para as duas, seus dentes brilhavam em contraste com sua pálida pele.

Eu suspiro.

“Próximo” Hailey sussurra.

“Mas ele é tão perfeito.” Eu digo “Olha pra ele.”

“Kristin você não pode ficar com um cara que já ficou com duas garotas no mesmo dia.” Ela balança a cabeça. “Isso é sacanagem. Sem ofensa Liz.”

“Não se preocupe.” Diz Liz alegremente.

“Não é que eu queira uma relação profunda e significativa.” Eu resmungo.



“Mas ele é um canalha. Que aconteceu com a garota da piscina de água quente? Ele já se esqueceu dela?”

Seu braço tocando suavemente as costas de uma das garotas, a que estava num top rosa. A outra garota com o cabelo preso num coque, está dando voltas no tamborete do bar, como se estivesse entediada. Ela sussurrou algo para a Miss Top Rosa e saiu.

“Excelente, agora os pombinhos estão sozinhos.” Eu jogo minhas mãos para o céu. “Me rendo.”

“Vamos tomar sorvete” Hailey sugere.

“Se eles estão fora do salão do restaurante aposte que tem melhores jogadores ali. Pelo menos garotos que não sejam tão arrogantes.

“Eu gosto de garotos arrogantes.” Eu digo com tristeza.

Damos um passo para trás para o vestibulo.

“Vão na frente.” Liz diz. “Eu tenho que falar com alguém.”

“Com seu amiguinho da noite passada?” Hailey pergunta curioseando.

Liz pisca.

Fomos pelo sorvete. Hailey pegou dois. Um para ela e outro para sua suposta mãe.

“Não que ela vá comer” dia ela “Vai tudo derreter numa porcaria só.”

“Ela não tem saído do seu quarto?” Isso é tão estranho. Poderia inclusive ser verdade? É tão raro que nós ainda não a tenhamos visto nenhuma vez.

“Acho que ela saiu um par de vezes. Mas só de noite. Ela dorme de dia. É ridículo.”

“Quer que eu vá checá-la com você?” Eu perguntei. Para ver se é verdade que ela existe. Talvez ela seja o vampiro. Ha ha ha.

“Oh não! não se preocupe com isso. Ela odeia que eu leve gente pro quarto comigo. Quer ir ao teu quarto descansar um pouco? Posso te encontrar ali e conhecer ele depois que eu levar isso. Tem sacada no teu quarto? ”

“Sim mas... poderia não ser uma boa idéia. Minha companheira de quarto pode estar com alguém lá e nós não queremos... arruinar se estado de animo.”

“É isso.” Diz Liz no dia seguinte na piscina. “Nosso ultimo dia. Pronta para se mover docinho?”

“Eu estou pronta para três dias.” Tipo isso. Quem dera. Eu escaneio a piscina em busca da sua magnificência.

“Ele nem sequer esta aqui.”

“Ele estará.” Ela diz.



“Se você realmente quer que aconteça você deve procurar por outra pessoa.” Diz Hailey “Seu tempo está praticamente se esgotando.”

“Mas ele é o meu homem ideal.” Eu digo “Eu só preciso pegar ele sozinho.”

“Eu duvido que isso aconteça logo.” Diz Hailey apontando o dedo ao pé da piscina. “Olha quem está lá por ela mesma?”

A garota com o coque de ontem a noite e a amiga do top cor de rosa falando com uns garçons.

“Oh Otimo.” Eu digo

“Sua amiga provavelmente é a próxima a abraçar o teu garoto. Tempo para você se mover.”

A garota nos olha fixamente e se apressa em nos alcançar.

“Que poderia ela querer?” Hailey pergunta em voz alta.

Quando a garota se aproxima das cadeiras ela pergunta : “Hey, desculpa atrapalhar vocês mas, vocês estavam no cassino ontem a noite né?”

“Sim.” Respondeu a Liz

“Vocês viram a minha irmã? Ela estava conversando com um cara chamado Jay.”

Serio? O nome dele é Jay? É tão parecido com James.

É ou não é um sinal de que ele tem que ser o meu primeiro mesmo.

“Eu vi” eu digo

“Você viu minha irmã depois disso?” ela perguntou esperançosa. “Por aqui em algum lugar?”

Nós três balançamos a cabeça.

“Talvez ela ainda esteja com... o Jay” quase digo ‘meu Jay’.

A garota suspirou. “Vocês se importam se eu me sentar?”

“Claro que não querida. Pode se sentar.” Disse Liz afastando os joelhos para dar mais espaço.

“Eu sou Ali.” Ela disse “ E minha irmã não está com o Jay.”

“Tem certeza?” eu pergunto esperançosa.

“Tenho sim. Fui ao quarto dele essa manhã e perguntei por ela, e ele disse que não fazia idéia de onde ela estava.”

Essas são boas noticia né? “Mas ela não saiu com ele ontem a noite?”

“Ele disse que não.” Ela disse. “Mas não faz sentido. Ela não voltou pro quarto. Sua cama esta arrumada ainda. Onde ela poderia estar?”

Liz deu umas palmadinhas no seu braço. “Talvez ela pudesse ter encontrado outro garoto?”



“Suponho.”

“Tenho certeza que é isso. Ela encontrou outro garoto e não voltou para o seu quarto.”

“Mas isso é tão diferente de como ela é. Quero dizer, ela gostava do Jay, porque ela iria procurar outra pessoa?”

“Tenho certeza que ela está próximo em algum lugar.” Disse Liz afagando o braço da garota.
“Quer que eu te ajude a procurar por ela?”

“Você faria isso? Eu apreciaria muito. Somos só nós duas e eu estou um pouco assustada.”

“Não se preocupe” disse Liz colocando o braço ao seu redor. “Fico feliz em ajudar.”

“Você quer que eu vá com vocês?” eu perguntei

“Não é melhor que você fique por aqui por se acaso...”

“Carly” Disse Ali

“Se acaso Carly voltar.”

“Você não acha estranho?” pergunta Hailey quando Liz e a garota entram no elevador.

“Ann?”

“Você não acha estranho?”

“O que?” eu pergunto viajando.

Ela descruza as pernas dela e se ajeita em minha direção. “Ééé, o fato de sua irmã estar com Jay ontem a noite e depois desaparecer.”

“Mas Jay disse que a irmã dela não tava com ele.” Eu disse

“Claro que ele disse isso, mas ele não estaria mentindo?”

Eu encolhi meus ombros. “Porque ele iria mentir?”

“Mentiria se ele fez alguma coisa pra ela.”

“Como o que?”

“Como muitas coisas! Algo Mau! Como ter embebedado ela, ter roubado ela, e ter jogado ela pela borda do barco. Poderia ser um assassino. Não sabemos nada dele exceto que é bonito.”

“Não é certo.” Eu digo. “Sabemos que ele tem filhos que goza da companhia de mulheres. Sabemos que está aqui por um casamento, que estuda em Penn.”

“Isso é o que ele diz. Não é estranho que a garota que ele ficou ontem a noite desapareceu, e vamos pensar... o que aconteceu com a que estava no jacuzzi? Não a vimos tampouco.” Ela ficou branca. “OH Meu Deus!!!”

“O que?”



“A historia sobre vampiros. Será que ele é um vampiro?”

Eu quase sorri, “Ah qual é? Jay não é um vampiro.”

“Ele poderia ser.”

Meu Jay um vampiro. “Não ele não pode.”

“Sim ele pode. Pensa nisso.” Ela passou a mão pela testa. “Ele só é visto a noite.”

“Não é verdade. Nós vimos ele no Jacuzzi. Isso foi durante o dia.”

“Oh certo.” Ela disse, “Mas num lugar fechado, Ha! Não na luz do sol.”

“Hu-hum.”

“Você pensa que é uma brincadeira, mas ele pode ser perigoso. Você fique longe dele. Não trate de ficar sozinha com ele.”

Longe dele? Neste ponto não posso obrigá-lo a ficar sozinho comigo.

Uma hora depois chegou Liz olhando satisfeita. –“Tudo certo.” Ela diz sentando-se em sua cadeira. “Irmã encontrada.”

Hailey aplaude. “Serio?”

“Ahan!” Ela abre sua bolsa e pega o bloqueador solar.

Hailey suspira. “Graças a Deus. Onde ela estava?”

“Ela levantou cedo e foi para o SPA. Ali estava dormindo quando ela se levantou.”

“Mas a cama dela não estava feita?”

Liz encolheu seus ombros. “Acho que ela deve ter arrumado.”

“Quem arruma a cama num cruzeiro?” eu perguntei

“Eu devia ter perguntado pra ela.” Liz respondeu

Ou não.

A tensão no rosto da Hailey se derreteu. “Oh Meu Deus, isso é um grande alívio.”

“Hailey queria denunciar Jay como um vampiro.” Eu disse rindo

“Eu estava nervosa.” Hailey resmungou.

Liz piscou seu olho marrom. “Você acha que o Jay é um vampiro?”

“Agora não.” Ela respondeu. “Apesar de que ele faz o estilo vampiro. Você não acha?”



“E qual é o estilo exato de um vampiro?” Eu pergunto, ainda rindo.

“Você sabe. Cabelos escuros. Pele pálida. Olhos melancólicos.”

Liz sorri. “Soa sexy.”

“Vampiros são sexys.” Hailey afirma. “Brad Pitt*? Sexy. Angel**? Sexy. Edward***? Super sexy. Eu acho que a totalidade dos vampiros são sexys.”

*Entrevista com um vampiro. ** Buffy a caça vampiros. ***Pooouutzzzz quem não sabe essa né? Twilight!!!

Lisa me empurrou. “Por falar nisso...”

“Eu sei, eu sei.”

“Essa noite é a sua ultima chance.” Ela falou “você vai encontrar seu namorado vampiro e atar-lo até que vocês o tenham feito. Isso é o suficiente. Entendeu?”

“Entendi” golpeando uma mão com a outra. “essa noite é a noite. Embora eu não tenho nem idéia do que vou dizer pra ele.”

“E porque você tem que falar com ele?” Ela levantou as sobrancelhas.

“Mantenha sua mente longe de sujeiras.” Digo rindo.

“só trata de conseguir sua ‘sujeira’. Que é disso que se trata.”

“Ela tem que dizer algo pra ele.” Hailey diz. “Ela não pode ir simplesmente agarrando ele.”

“Eu realmente duvido que ele notasse isso.” Diz Liz.

“Eu realmente não sei porque você vai perder sua virgindade com ele.” Hailey disse. “Ele é lindo, claro, mais ele parece um idiota. Com certeza ele já ficou com pelo menos mais outras duas garotas nesses três dias. E ele não parece afetado por isso. Parece que ele esta jogando.”

Liz diz para Hailey. “Jogadores são as melhores opções, acredite em mim. Ele é único e você se divertirá muito!”

Eu concordo. Eu sei que ela está certa. “Então o que eu faço?”

“Seja valente.”

“Faz o que você quiser.” Disse Hailey. “Se eu fosse você eu me preservaria de uns chupões.”

Quando eu vi ele no Bar, soube que era o momento adequado.

É isso.

Ele está sentado sozinho. Esperando por mim.

Ok,tudo bem, provavelmente não por mim, mas ele está sozinho. Suficiente né?



Hailey e Liz estão no quarto. Liz disse a ela que podia pegar emprestadas algumas roupas.

Eu relaxo meus ombros e respiro fundo. Eu posso. Eu posso.

“Oi.” Meu coração batia com força. “Posso te oferecer uma bebida?”

Ele deu um sorriso brilhante. “Você quer me pagar uma bebida?”

“Foi o que eu ofereci não foi?”

“Essa deve ser minha noite de sorte.” Ele disse com os olhos brilhando.

Oh meu Deus, ele cheira maravilhosamente bem. Almíscar e sal, absolutamente delicioso. Eu sabia que era!

“Definitivamente eu acho que hoje é seu dia de sorte.” Eu disse com as bochechas queimando. Eu aceno para o bartender. “o que você vai querer?”

“Um Bloody Mary.” Ele diz e sorri.

Sério? Como as pessoas bebem isso. A Liz riria a gargalhadas “Eu vou querer um também.” Digo ao garçom.

“Jay” Ele diz e da um gole na bebida.

“Ah eu sei.” Digo descaradamente. “quero dizer, prazer em te conhecer, sou Kristin.”

Merda. Será que eu fiz bem em dizer meu verdadeiro nome? Isso realmente importa?

“Como hoje é meu dia de sorte acho que deveríamos jogar.” Ele diz, seus dentes manchados de vermelho.

Ele realmente parece um pouco vampiro. Não que ele seja. Claro que ele não é. Meu coração começa a pular. Posso fazer isso?

“Poderíamos...” Me inclino para ele de modo que posso ver um pouco mais abaixo da camisa dele.

“Ou talvez você queira sair daqui.”

Seus olhos se iluminaram como velas. “Sério?” Ele sorriu.

“Sim, eu estou aqui para isso. Quer ver eu quarto?”

“Você tem um companheiro de quarto?” Eu lhe digo, meu coração palpitando.

“Não mas eu tenho uma sacada.”

“Soa muito bem.” Eu tomo o bebo da minha bebida para tomar coragem.

Ele pega a minha mão. “Vem comigo.”

Vamos lá! Eu consegui! Ok, ainda não, mas eu estou na linha de chegada, pronta.



Estamos na sacada. O céu é de um líquido azul escuro salpicado por estrelas. O vento sopra, fazendo minha pele se arrepiar. Eu me apoio no corrimão e respiro profundamente a maresia.

“Legal, né?” ele pergunta.

“Incrível.”

Ele coloca seus braços em meus ombros e diz, “Então...”

“Então.” Eu respondi, virando para ele. Aqui a minha oportunidade. Tudo o que eu tenho que fazer é não me acovardar. Seu rosto está a centímetros do meu. Mais perto. Estou respirando seu cheiro salgado. Quase posso saborear ele. E então... Nos beijamos.

Sim nos beijamos.

Siiimm!

Ele me beija mais... Seus dedos correndo nos meus cabelos... desce suas mãos pela parte baixa de minhas costas. E então me afasta só para me dizer que eu sou linda. O que é agradável. Tão agradável. Oh meu... O que eu estou fazendo? Posso seguir com isso?

Não sei. Me sinto mal.

Não acho que possa fazer.

Não posso fazer isso.

Me afasto.

“Desculpa James, quer dizer Jay. Quer dizer...” Tenho que sair daqui. “Eu pensei que poderia fazer isso, mais não posso.”

“Huh?” ele diz surpreso. Piscando os olhos.

“Eu tenho que ir. Agora. Acredite em mim.”

“Mas, mas...” Ele aperta meus ombros. “Nós não terminamos.”

Desculpa?

“Você não pode sair assim comigo e depois não terminar o que começou.” Ele diz com voz baixa e rouca.

“Não acho que funcione dessa maneira.” Eu digo

“Eu acho.” Ele diz me puxando pra ele.

“Não realmente não é. Eu ainda não estou pronta.”

Talvez ele esteja certo. Talvez eu esteja pronta. Eu tentei relaxar. Respirei profundamente. É isso que eu quero. Certamente ele merece ser o primeiro.

“Hmmm.” Eu digo, respirando profundamente. Eu beijo o canto dos seus lábios. Depois sua bochecha, depois mordisqueio sua orelha. Cuidadosamente. Depois vou baixando pelo seu



pescoço. Ele cheira tão bem. Delicioso. Parfum de Vie, cheiro da vida. Fome, eu beijo seu pescoço. Lambo seu pescoço. Lambo seu pós barba... Hummm...

“Isso é gostoso.” Ele murmura.

Abro bem a boca. Aqui vem. Estou pronta. Eu posso fazer isso. Finco meus dentes nele.

“Hey.” Ele grita. “Isso dói.” Ele tenta me afastar.

Agora é muito tarde para voltar atrás. É a hora. Me joguei encima dele. Firmei seu rosto entre minhas mãos frias e mordi ele.

Liz tinha razão. Não era *tão* difícil.

A medida que ele se esforça inutilmente para sair. Ele pergunta.

“Porque você está me fazendo isso?”

Porque eu tenho sede, eu acho. Eu penso, mas não falo. Eu estou muito ocupada bebendo.

“O que você é?” ele murmura antes de ir...

Tomo um gole de sangue. Muito melhor que Bloody Mary. “Sou um vampiro” Explico antes de terminar com ele.

Eu *fiz*. Eu fiz!

Minha primeira vez.

Eu tenho que admitir, sinto um tipo de orgulho de mim mesma.

Uma vez eu tinha drenado seu corpo, eu lancei ele pela sacada e vi seu corpo sumir na escuridão. Depois de ouvir um suave splash, eu sai fora dali.

Eu encontrei Liz e Hailey na piscina do deck.

Hailey estava estirada na cadeira, com os olhos bem abertos e as pernas tremendo.

“E ai, você fez?” Perguntou Liz “Completo?”

“Recheado.” Eu respondo. “Extremamente delicioso. Fabuloso. Melhor ainda que o ‘Checker Boy’, o bartender mais velho, ou qualquer garota na jacuzzi.”

“Fresco é sempre melhor que as sobras.”

“Você tem toda a razão.”

“Isso que você não provou Ali nem Carly.” Liz disse. “Elas eram muito saborosas.”

Olho para Hailey que esta olhando para o céu ainda tremendo.

”Pensei que você ia jogar ela pela borda também. Decidiu mudar o lugar?”



Liz concorda. “É eu não sei, o que você acha? Eu gosto dela, ela cheira bem. Eu acho que pode ser divertido. Eu dei a ela uma escolha, claro. Ela disse que seria uma coisa nova para ela. Duvida que sua mãe se dará conta de que ela mudou ”

Ouvimos risos no outro extremo do deck. Dois universitários vindos de encontro a nós três. Um dos garotos com um boné dos Yankees. Hailey se levanta, apoiando-se nos cotovelos.

“Você esta bem?” eu pergunto.

Ela concorda com a cabeça, e em seguida sua mão já não tremia. Ela apontou para o garoto com o boné e sussurrou “Dinheiro.”



*I Don't
Like Your
Girlfriend*

CLAUDIA GRAY



Parte Um

LISTA DE FÉRIAS

- Vestido de verão
- Sandálias
- Biquíni preto, caso eu esteja me sentindo corajosa
- Maiô roxo, caso eu esteja me sentindo covarde
- Autoclave portátil⁷
- Óculos de sol
- Concha triturada
- Veneno de cobra
- Asas de mariposa
- iPod

METAS DE AUTO-APERFEIÇOAMENTO

Este ano nos Outer Banks⁸ eu vou:

- Ser mais legal com o Theo, quem Mamãe jura que gosta de mim, mesmo que ele demonstre isso colocando uma estrela-do-mar morta nos meus calçados.
- Revisar as coisas com Mamãe, sozinhas, depois do coven⁹, para que eu não esqueça tudo antes de chegar em casa.
- Ignorar a futilidade de Kathleen Pruitt, porque eu sou muito boa para descer ao nível dela.

“Eu sei que você é metódica, mas isso é ridículo.”

Cecily Harper olhou por cima de seu bloco de notas para ver seu pai, parado no vão da porta, com os braços cruzados em frente ao peito e com um sorriso na face. Ela sublinhou suas últimas palavras com um floreio teatral. “Você sabe, fazer listas é um dos sete hábitos de pessoas bem-sucedidas.”

“Docinho, estou acostumado com suas listas,” o pai dela disse. “Você começou a fazê-las assim que você aprendeu a escrever. Mas a sua mala – você organizou todas as suas roupas por cor.”

⁷ * É tipo uma esterilizadora: <http://www.medicalproducts-4sale.com/images/products/med/All-American-1915X-StoveTop-Autoclave.jpg>

⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Outer_Banks

⁹ Grupo de bruxos(as), que se unem num laço mágico, físico e emocional, sob o objetivo de louvar a Deusa e o Deus, tendo em comum um juramento de fidelidade à Arte e ao grupo.



Ela olhou para sua mala aberta na cama. As brancas estavam aninhadas em uma extremidade, as pretas em outra, com as cores mais claras no meio. Encolhendo-se, Cecily disse, “Bem, como você faz isso?”

Carinhosamente ele despenteou o cabelo dela. Isto era ligeiramente chato, porque ela tinha acabado de fazer seu rabo-de-cavalo, mas Cecily não se preocupou com isso por muito tempo. Ela estava muito mais preocupada com o fato de seu pai ter visto algo incomum na mala dela.

Ele pegou o frasco de asas de mariposa e franziu a testa. “O que é isso?”

“Uh.” Cecily tentou pensar em uma mentira, mas não conseguiu. “Um...”

A expressão dele passou de curiosidade para nojo. “Cecily, isso são - asas de inseto?”

Diga a ele a verdade.

“Sim.” Num acesso de ousadia, Cecily acrescentou: “São asas de mariposa para feitiços.”

Papai olhou para ela. “O que?”

“Cecily, não provoque seu pai.” Sua mãe entrou no quarto de Cecily e rapidamente pegou o frasco. “Simon, estes são flocos de sabonete. Banho de espuma. Eles agora fazem ficar parecidos com asas de mariposa e olhos de salamandra e todo esse tipo de coisas mágicas. Acho que é alguma coisa do tipo Harry Potter.”

“Harry Potter.” Papai riu. “Os caras da publicidade não perdem uma, perdem?”

Mamãe guardou o frasco de volta na mala e lançou um olhar de advertência para a filha. Mas sua voz estava alegre quando disse, “Vamos logo, gente. Nós deveríamos ir para o aeroporto em aproximadamente quinze minutos. Querido, você poderia checar o Theo? A última vez que eu o vi, ele estava tentando esgueirar o Pudge na bagagem de mão dele.”

“Pelo amor de Cristo.” Papai começou a descer o corredor. “Tudo o que precisamos é do Departamento de Segurança Interna nos deter por causa do hamster.”

Assim que seu pai estava fora do alcance da voz, a sua mãe murmurou: “Precisamos ter essa conversa novamente?”

“Desculpe se eu coloquei todas as nossas vidas em perigo.” Cecily jogou os cabelos melodramaticamente, apertando as mãos na frente do peito como uma heroína de cinema mudo. “E se Papai tentar nos queimar na fogueira? O que faremos?”

“Coloque sua mala no carro, certo? E nem tente tramar algo como aquilo, uma vez que chegarmos à Carolina do Norte. As outras não vão te dar tanta folga como eu dou.”

Sua mãe se apressou, não incomodada pela mais recente das suas muitas discussões sobre este assunto. Mas Cecily sentiu raiva de si mesma por fazer piada em vez de tentar falar sobre isto.

Normalmente, ela se esforçava para respeitar as regras do Craft, regras que Cecily tinha memorizado antes de completar oito anos de idade. A maioria das regras era sensível – as rédeas necessárias nos incríveis poderes com que elas trabalhavam. O fato de que ela sabia as regras de trás para frente era um motivo para ela já ser uma boa bruxa.

Na opinião de Cecily, havia outra razão. Ela não apenas memorizava as regras; ela se esforçava para compreender as razões por trás delas. Por exemplo, uma coisa era saber por que o Craft



proibiu as bruxas de usar seus poderes para prejudicar as vontades dos outros; outra era entender *porque* isso era errado e como usando mau os poderes daquela forma poderia corroer tanto sua habilidade como sua alma.

No entanto, havia uma regra Cecily nunca poderia compreender, a mais velha de todas elas: *Nenhum homem pode conhecer a verdade por trás do Craft.*

Papai – que nada sabia sobre a única coisa mais importante na via de sua esposa e de sua filha – chamou, “Nós temos que deixar o Pudge nos O’Farrells e chegar ao aeroporto dentro de uma hora. A menos que ninguém queira ir para a casa de praia este ano!”.

Cecily sacudiu sua melancolia e fechou a mala. Hora de ir encontrar o coven.

Naturalmente, nenhum dos homens envolvidos sabia que as viagens anuais a Outer Banks tinham algo a ver com bruxaria. Todos acreditavam que esta era uma reunião de “amigas de faculdade”: seis mulheres que permaneceram muito próximas e queriam que suas famílias se conhecessem. Assim, a cada ano, elas alugavam um par de casas de praia na Carolina do Norte, com uma curta distância entre elas, e dividiam-nas entre suas famílias. As viagens começaram antes de Cecily nascer, e por isso, agora os seis maridos eram bons amigos também, e eles gostavam de dizer que seus filhos estavam “crescendo juntos”. Cecily poderia ter felizmente pulado a experiência de crescer com Kathleen Pruitt.

"Temos um coven em casa", Cecily tinha se queixado mês passado, quando ela pediu para pular o Outer Banks um verão. "Por que não podemos simplesmente passar o tempo extra com eles, em vez de ficar com as bruxas com quem você praticava na faculdade? Eu aprenderia mais desta forma."

Mas a mãe não queria saber dela. Ela insistiu em que alguns covens tinham uma energia especial que justificavam se manter em contato e um dia Cecily iria compreender. Quando Cecily tentou explicar que uma semana com Kathleen Pruitt era como seis meses no inferno, mamãe tinha dito que estava sendo dramática. (Mamãe poderia ter compreendido se Cecily tivesse dito ela sobre o showzinho anos antes, quando Kathleen falou alto na praia que o fio do O.B. de Cecily estava pendurado para fora do maiô dela, o que *totalmente não estava*. Mas Cecily nunca poderia se forçar a falar sobre isso.) Assim, o Outer Banks. Novamente.

Pelo menos eles estavam na praia. Cecily, que amava nadar no sol, achou que esse era o lado bom de cada verão.

Exceto, é claro, se estava chovendo.

"O boletim meteorológico jurou que esta frente iria ficar ao sul daqui", disse o pai, colocando o pára-brisa brisas do carro de aluguel na velocidade máxima.

Theo chutou impaciente a parte de trás do assento de sua mãe. "Você disse que eu poderia nadar logo que eu chegasse lá. Você *prometeu*."

"Aposto que a tempestade vai sumir logo", mamãe disse suavemente.

Theo não ficaria consolado. "Nós não podemos nem mesmo usar a banheira de hidromassagem se estiver chovendo!"

Cecily olhou para as pesadas nuvens escuras com um mau pressentimento. *O que poderia ser*



pior do que passar uma semana com a sua pior inimiga?, ela pensou. *Ficar presa com ela e seu irmãozinho reclamão por causa da chuva. Isso é pior.*

Então, ela lembrou-se de seus objetivos de não se preocupar com Kathleen Pruitt e ser mais agradável com Theo, que tinha apenas oito anos de idade e que não podia ser esperado ter qualquer perspectiva. "Ei, lembra-se da mesa de pebolim¹⁰ na sala da frente?" Ela cutucou seu ombro. "No ano passado, você não podia me ganhar, mas você está maior agora. Você deveria desafiar-me para uma revanche".

"Eu acho que seria razoável". Theo suspirou, ainda fingindo fazer beicinho. Mas Cecily podia ver o brilho de travessura em seus olhos. Quando ela falou pebolim, ele ficou fisgado.

Quando chegaram à casa de praia, um casal de amigos da mãe dela correu para cumprimentá-los, com ou sem tempestade. Sr. Silverberg, Sra. Giordano, - que pareciam tão ordinários, em seus jeans de cintura alta¹¹ e com suas camisas pólo de cor pastel. Nenhum homem vivo (nem a maioria mulheres) poderia imaginar os poderes que elas ensinavam a suas filhas. Agora eles gritaram olás enquanto pingos de chuva molhavam as folhas de jornal que tinham como tenda sobre suas cabeças, e havia grandes abraços para todos. Cecily se esforçou para parecer entusiasmada, embora fosse difícil, enquanto ela estava ficando encharcada.

Enquanto o pai dela pegou a maior parte das bagagens, Cecily olhou em volta cautelosamente procurando por Kathleen. Um ano ela encontrou Cecily no carro - só para encher a mala de Cecily com um feitiço de coceira. A mãe de Cecily não tinha descoberto o real problema por os dois dias inteiros, durante os quais Cecily tinha arranhado os braços até ficar em carne viva, impossibilitando a natação no oceano.

Não havia nenhum sinal de Kathleen, pensou. Ligeiramente aliviada, Cecily puxou a última mala - a dela - da caçamba, fazendo careta para o peso e querendo saber se ela realmente precisava daquela autoclave. Então, uma mão forte alcançou além dela e apertou a alça. "Deixe-me cuidar disso."

Cecily olhou por cima do ombro o cara mais lindo que já tinha visto.

Ele tinha cabelos loiros e olhos azuis, tão marcantes que ela começou a pensar coisas idiotas sobre areia dourada e mares escuros. Ele era, talvez, um pé mais alto do que Cecily, que normalmente preferia rapazes mais perto de sua altura, mas achava que poderia fazer uma exceção neste caso. A camiseta branca dele foi rapidamente se tornando transparente assim que ficava molhada, a qual era a melhor razão que Cecily conseguia pensar para ficar fora na chuva.

"Pesada", disse ele, levantando a mala sem nenhum esforço aparente. "Você deve ter trazido muita coisa."

"Todo ano eu prometo a mim mesma que vou trazer menos", confessou.

"Eu nunca consigo gerenciar isso completamente."

Ele sorriu ainda mais amplamente. "Isso significa que você quer estar preparada para qualquer coisa."

Lindo, educado, e entende o valor da preparação total. Eu tenho que estar sonhando.

"Cecily?" Mamãe chamou da porta da casa. "Vocês dois vão ficar aí o dia todo?"

¹⁰ http://www.tacosdiamante.com.br/Images/pebolim_1.gif

¹¹ <http://www.heimister.net/storage/scarlettjohanssonolympus068qg.jpg>



"Indo!" Cecily respondeu. O Cara Lindo e Educado, ela riu baixinho enquanto ele colocava as malas para dentro.

As sandálias dela esmagavam contra o chão, enquanto ela entrava na casa de praia, a qual eles deviam chamar de "Paraíso Oceânico." (Todas as casas de praia de Outer Banks tinham um estúpido trocadilho de nomes, e eles tinham esculturas de madeira (daquelas que o mar atira na praia) nas paredes e colchas com padrões de pelicanos ou conchas). A camiseta de Cecily e suas calça cargo aderiram a ela em dobras estranhas, incômodas, e toda sua maquiagem provavelmente foi escorrida até a areia. O que O Cara Lindo e Educado pensaria? Rapidamente ela arrancou seu rabo-de-cavalo mal arrumado e repartiu sua franja - para ver Kathleen Pruitt.

"Aí está você", disse Kathleen. "Eu estava agora perguntando para sua Mãe, onde você poderia estar. Você não mudou nada!"

Gotas de água da roupa encharcada de Cecily pingaram no tapete da casa de praia. "Puxa, obrigada."

Se Kathleen notou o sarcasmo, ela ignorou.

Cecily teria gostado de adicionar um comentário sarcástico em troca sobre o aparecimento de Kathleen, mas infelizmente Kathleen estava ótima. Super-ótima, na verdade. Ela não era muito mais bonita do que Cecily, que em momentos de difícil honestidade teria chamado ambas de "médias", mas os Pruitts tinha um pouco mais de dinheiro para gastar em roupas, maquiagem, e luzes para o cabelo de Kathleen. Isso fez diferença, uma que Kathleen não deixou Cecily esquecer.

Lá fora, um trovão retumbou, sugerindo que Cecily ia ficar presa dentro de casa com Kathleen por um longo tempo.

"Kathleen estava perguntando e perguntando sobre você!", Disse Sra. Pruitt, que estava abraçando a mãe de Cecily. "Ela mal podia esperar para ficar com sua melhor colega de verão!"

Colega. Ugh. Cecily forçou um sorriso. "Parece que estávamos aqui ainda ontem."

"Oh, Cecily," Kathleen cantarolou enquanto fazia um gesto em direção ao banheiro. "Você já conheceu Scott?"

Do banheiro pisou O Cara Lindo e Educado, também conhecido como Scott. Ele tinha uma toalha pendurada nos ombros, que ele tinha aparentemente usado para secar o cabelo, que agora estava deliciosamente desgrenhado. Antes que Cecily pudesse pensar sobre todas as maneiras que ela teria gostado de desajeitar o cabelo dele, ela viu, para seu horror, que ele estava andando em linha reta em direção Kathleen - que se aconchegou contra com satisfação.

Ao fundo ela podia ouvir a mãe de Kathleen dizendo: "Bem, nós pensamos que Scott poderia dividir o quarto com Theo, se está tudo bem para você. Ele é um homem tão jovem e bonito - você vai amá-lo. Os pais dele deram permissão então eu pensei por que não deixar Kathleen trazer seu namorado?"

Namorado. Esse incrível, maravilhoso e perfeito cara era o namorado da Kathleen Pruitt. Não há justiça. Não há um Deus. Ok, talvez haja um Deus, mas justiça? Nenhuma.

Kathleen sorriu ainda mais amplamente. "Você trouxe alguém este ano, Cecily?"



Cecily teria balançado a cabeça, mas Theo saltou, "Tentei trazer Pudge, mas eles não me deixaram. Pudge é o meu hamster".

Kathleen sussurrou para Scott, apenas alto o suficiente para Cecily ouvir. "Ele lhe deu o nome de sua irmã."

Scott não riu do significado da pequena piada de Kathleen. Ele franziu a testa, se fingindo de bobo, como se ele não conseguisse entender, mas é claro que ele deve ter entendido. Não, ele era muito educado rir de algo tão mesquinho. Muito gentil. Muito bom. Aquilo tornou a situação ainda pior.

Kathleen, de alguma forma conseguiu por suas garras em um cara que era alto, bonito, educado, e totalmente não-mal. (Em outras palavras, um cara com quem ela não tinha nada em comum.) Obviamente ela pretendia usar o novo relacionamento para fazer Cecily se sentir tão pequena e sozinha quanto possível. E a chuva só aumentou.

É oficial, Cecily pensou. Eu estou no inferno.



Parte Dois

METAS DE AUTO-APERFEIÇOAMENTO: REVISADAS

Durante esta semana infernal no Outer Banks Eu vou:

- Continuar a ser gentil com Theo, e nunca, nem uma vez, ceder à tentação de perguntar-lhe sobre Scott, porque eu não me importo com Scott;
- Falar com o Scott o menos possível, porque eu devo evitar qualquer cara que decida namorar Kathleen por livre e espontânea vontade;
- Realmente me concentrar durante as reuniões do coven e transformar isso em uma experiência de aprendizagem, porque, vamos encarar, como um período de férias, isso já está muito arruinado;
- Lembrar que eu sou boa demais para perceber a futilidade de Kathleen Pruitt, mesmo que essa futilidade seja grande o suficiente para ser vista do espaço sideral.

As mulheres se sentaram em círculo no porão, uma vela piscando no centro. Fumaças acres misturadas no ar. Cecily estava acostumada com os cheiros por agora, mas às vezes ela se perguntava se eles não poderiam usar uma vela perfumada para fazer seu ambiente de trabalho um pouco mais agradável. Ou será que qualquer novo elemento perturbaria a energia? Ela teria que perguntar.

Mamãe estava utilizando um bastão branco fino para gravar os padrões rúnicos nas cinzas misturadas. Ela tinha uma bela mão para isso -precisa e delicada - e Cecily invejava o toque certo de sua mãe.

Um dia vou ser tão boa, ela prometeu a si mesma.

Cada mulher sentou-se com a filha ou filhas – exceto pela Sra. Pruitt, porque Kathleen havia pulado coven. O que era diferente para Kathleen, que normalmente gostava de usar essas ocasiões como oportunidades para embarçar Cecily. Então, novamente, Kathleen gostava de usar todas as ocasiões constranger uma ou outra pessoa. Cecily estava grata pela breve pausa.

Quando o padrão rúnico foi completado, Mamãe pôs alguma coisa na frente da pequena pilha de cinzas - um único sapato marrom, que pertencia ao pai de Cecily. Todas as demais colocaram algo assim: uma camiseta de um marido, os óculos de sol de um pai. Cecily colocou o Game Boy de Theo em cima do resto. Outro par sacudiu o bastão e desenhou linhas de cinzas em torno da pilha de itens, contendo-os dentro do encanto.

"Tempo de ungir", disse sua mãe para o círculo como um todo. As outras mães todas assentiram com a cabeça, e suas filhas - que variavam em idade, de Cecily até uma de quatro anos de idade com trancinhas – chegaram mais perto para obter uma visão melhor.

Em seguida, a mãe acrescentou: "Tente, Cecily." Cecily já vinha executando este passo no feitiço por um par de meses, e às vezes em feitiços mais difíceis do que este. Mas ela nunca tinha feito isso na frente de ninguém além da mãe dela antes, nem mesmo para o coven em casa. Ela as mães trocaram olhares entre si, surpresos e não necessariamente de aprovação. A maioria das bruxas era um par de anos mais velha que Cecily antes delas serem capazes de manipular aquele tipo de poder.

Sem pressão, ela pensou.



Ela pegou o frasco que elas prepararam na autoclave ontem à noite. O líquido roxo escuro dentro era viscoso - talvez mais que o ideal - mas pelo menos seria mais fácil de derramar. Cecily puxou a rolha e recusou-se a enrugar o nariz ao cheiro. Ela inclinou o frasco para frente e habilmente derramou um filete no formato da runa, seguindo precisamente as ordens de sua mãe. Os sulcos nas cinzas retinham o fluido, e a runa de líquido começou, mesmo que levemente, a brilhar.

"Muito bom", disse sua mãe. Cecily facilmente sentiu a tensão na sala. Sua mãe tomou a vela - uma parte em que Cecily não era muito boa no entanto, porque ela sempre perdeu sua concentração quando a cera quente chamuscava seus dedos. Mamãe não vacilou, uma vez que ela mergulhou a chama em direção ao fluido, que pegou fogo.

Por um instante, as chamas queimaram alto - ainda num roxo brilhante, ainda na forma da runa. Então as cinzas pegaram fogo também, e uma nuvem fumarenta apareceu acima delas. Lá, piscando em três dimensões, eram as pessoas que tinham sido procuradas com o encanto da luneta: todos os pais e irmãos, fora assistindo a um jogo de beisebol em um bar nas proximidades. Cecily teve um vislumbre de Theo roubando um anel de cebola da chapa do papai, e ela quase riu.

A próxima coisa que ela viu, no entanto, limpou o sorriso de seu rosto.

Scott – De algum modo, ainda mais insanamente lindo do que ele estava no dia anterior. Seu braço descansado em torno dos ombros de Kathleen, e ele olhou para ela adorando-a enquanto ela lixava as unhas. Nenhum deles estava prestando atenção no jogo.

Scott não gosta mesmo de esportes, Cecily pensou. O cara com quem ela tinha ficado brevemente na primavera queria gastar mais tardes do fim de semana assistindo golfe na televisão, o que, em poucas palavras, era por que ela não estava saindo com ele mais. Não gostar de esportes era praticamente a única maneira pela qual Scott poderia se tornar mais perfeito, então naturalmente foi o que ele fez.

Encontrar um namorado que era perfeito ao ponto de não gostar de esportes era praticamente a única maneira pela qual Kathleen Pruitt poderia ter-se tornado ainda mais insuportável. Mesmo que Cecily sempre detestou Kathleen, ela nunca a invejou antes.

Sem dúvida, Kathleen sabia que Cecily tinha ciúmes, e estava curtindo cada segundo disso.

Talvez ela não goste de Scott tanto assim, Cecily pensou esperançosamente. *Talvez ela só esteja com ele para me irritar.*

Mas não havia muita chance disso. Apesar de que Kathleen, provavelmente, faria qualquer coisa para irritar Cecily, qualquer garota gostaria de Scott.

Justo quando a imagem deles juntos parecia que queimaria os olhos de Cecily, a imagem se esvoaçou. As chamas sufocaram, e onde as cinzas estavam apenas um alguns respingos de poeira restavam no chão. Uma área de trabalho limpa era sinal de um feitiço bem feito.

"Muito bom", disse uma das mães, e Cecília sabia o elogio era para ela.

A reunião do coven mais ou menos se separou naquele ponto. Aquela foi mais uma sessão de instrução que qualquer outra coisa; o feitiço da luneta tinha sido para demonstração apenas, uma vez que todas as mulheres conheciam a excursão bar/esportes. Algumas das mães falaram sobre os pontos mais delicados da magia com as filhas, assim que todo mundo se levantou e reuniu os itens que usaram para focar a sua magia, para colocar as coisas de volta onde pertenciam.



"Você fez um trabalho muito bom hoje", disse sua mãe, puxando delicadamente no rabo-de-cavalo de Cecily.

"Tento prestar atenção." Cecily tentou olhar inocentemente. "Ao invés de pular o coven. Como algumas pessoas".

"Pode." Mamãe olhou para certificar-se da Sra. Pruitt não tinha ouvido; elas eram boas amigas, o que era uma razão para Cecily não ser autorizada a mostrar publicamente o quanto detestava Kathleen.

Enquanto Cecily dobrava o Game Boy de Theo de volta em sua bagagem, ela se perguntava, *Será que ela pularia o coven se isso significasse que ela poderia passar o tempo com Scott? Sem Kathleen?* Cecily decidiu que não o faria muitas vezes - mas ela certamente faria uma vez.

Mas não. Scott não era perfeito. Ninguém era perfeito. Claro que ele era lindo - e doce e construído - mas ele havia escolhido namorar Kathleen. Então, houve uma enorme falha ali. Sem dúvida, seus outros defeitos apareceriam com o tempo.

Os caras, mais Kathleen, retornaram cerca de uma hora mais tarde, depois que o jogo de beisebol tinha terminado. Se qualquer coisa, estava chovendo ainda mais forte do que antes, o que significava que Paraíso do Oceano mais uma vez parecia lotada e barulhenta. Cecily foi furtivamente até seu quarto para escrever de volta para os seus amigos de casa por um tempo, mas Theo não iria deixá-la sozinha.

"Você disse que iria jogar pebolim comigo!"

"Eu fiz jogar pebolim com você", disse Cecília, pressionando o teclado com o dedo polegar para seus amigos lerem THEO SENDO FEDELHO. "Jogamos três jogos ontem. Lembra?"

"Mas eu quero jogar hoje."

"Theo-"

"Você não gosta de jogar mais porque você não pode ganhar sempre, agora que estou maior." Theo cruzou os braços em seu peito. Aparentemente, esta era sua única recompensa para estar fingindo a perder: um irmãozinho ainda mais birrento.

"Ok, ok. Vamos jogar." O primeiro pensamento de Cecily, assim que desceu as escadas, era mostrar a Theo que ela poderia, de fato, ainda bater ele no pebolim, absolutamente *esmagar* ele, então ele não a incomodaria mais sobre o jogo. Então, ela lembrou-se que ser agradável para Theo era a única meta de auto-aperfeiçoamento das férias que ela tinha sido capaz de manter.

Na sala de jogo, um grupo de pessoas estava assistindo um DVD na TV de tela grande, um filme de ação que parecia ser principalmente sobre coisas explodindo. Seu pai sentou-se no centro mastigando pretzels. Com um alegre sorriso Ms. Giordano chamou-lhes: "Vocês estão se divertindo?"

"Eu posso bater Cecily no pebolim agora!" Theo proclamou.

Cecily rangeu os dentes.

Então, ela ouviu: "Bem, então, talvez eu deveria ajudar Cecily." Ela se virou para ver Scott



colocando as mãos ao lado na mesa de pebolim. "O que você diz, Theo? Posso jogar ao lado de Cecily? Dar uma chance a ela?"

"Bem - " Theo claramente não gostava da idéia de abandonar a vantagem.

"Eu não sou muito bom em pebolim," Scott confessou. "Então não é como se eu fosse ajudar muito."

Theo sorriu. "Ok, então."

Cecily foi para a mesa de pebolim, por isso ela e Scott ficaram lado a lado. Este foi o mais próximo que eles tinham ficado desde ele ajudou a carregar sua bagagem. Ela olhou em torno procurando por Kathleen, que estava longe de ser vista, e Cecília não ia perguntar onde ela estava. "Você não sabe no que se meteu.", disse ela. "Theo é muito sortudo."

Theo girou alguns dos homenzinhos do pebolim , obviamente esperando provar seu ponto.

"Eu sou forte." Scott manteve seu rosto completamente sério. "Eu agüento." O brilho nos olhos dele disse a Cecily que ele perderia o jogo de propósito, como ela teria feito - o que tornaria o ego de Theo quase insuportável, mas também iria deixá-lo realmente feliz.

Lindo, doce, construído e legal com crianças pequenas. Ok, eu tenho que descobrir o que há de errado com esse cara antes que isso me deixe louca.

"Como você conheceu Kathleen? Cecily disse enquanto Theo deixou cair a bola em cima da mesa.

"Na escola", disse Scott, dando uma batida na bola. "Eu a via o ano inteiro, mas nunca chegamos a nos conhecer. Em seguida, após as férias de primavera, a primeira vez que pus os olhos sobre ela, era como se eu a estivesse vendo pela primeira vez. Sabe?"

"Mmm." Cecily concentrando-se no jogo por um segundo, porque essa parecia ser a melhor maneira de não realmente engasgar em voz alta.

Scott continuou, "É uma espécie de piada, no entanto. Temos este ótimo relacionamento, mesmo não gostando das mesmas coisas. Eu costumava pensar que era impossível."

"Que tipo de coisas que você gosta de fazer?" Cecily sentiu que podia adivinhar os interesses de Kathleen: ler revistas de fofocas, descolorir suas raízes, atormentar os inocentes.

"Você nunca iria adivinhar o meu hobby número um."

"Eu não estou mesmo tentando. Apenas me diga".

"Eu gosto de cozinhar." Surpreendida, Cecily olhou para Scott em vez da mesa de pebolim, o que deu uma chance a Theo de pontuação. Como Theo animou-se, Scott riu.

"Você não acha que garotos devem cozinhar? Você não parece antiquada."

"Eu não sou", disse ela. "É só que – você sabe - eu amo cozinhar."

Scott balançou a cabeça. "Você sabe como é, então. Eu estava pensando em talvez tentar me tornar um chef algum dia."

Em casa, na mesa de Cecília, onde a maioria de seus amigos teria mantido catálogos colegiais



das mais prospectivas universidades, ela tinha folhetos de todas as melhores escolas de culinária da nação e algumas de Paris. "Oh," ela disse fracamente.

"Eu também. Isso é -"

"Uma coincidência enorme, hein?" Scott deu-lhe um sorriso conspirador. "Eu sou louco pela Kathleen, mas eu não acho que ela pode até mesmo fazer uma torrada."

O sonho absoluto, principal de Cecily para o seu futuro era um que ela nunca seriamente esperava que acontecesse, porque os sonhos eram sonhos e realidade era a realidade e ela sentiu que as pessoas estariam melhores se compreendessem a diferença. Mas ainda era muito divertido sonhar, de modo que ela imaginou se apaixonar por um lindo, doce, construído cara que adorava cozinhar absolutamente tanto quanto ela. Então, eles iriam abrir seu próprio restaurante juntos, e seria um enorme sucesso, e Cecily e o futuro Sr. Cecily seriam incrivelmente felizes cozinhando lado a lado.

E Scott foi o primeiro cara que ela já conheceu que a tinha feito perceber que o sonho pode não ser realmente impossível.

"É ótimo que você sabe o que quer", disse Scott.

"Muitas pessoas não sabem."

"Exatamente! Eles continuam dizendo que na nossa idade, você não tem que se preocupar. Mas você não *pretenderia* se preocupar com isso?"

"Então você tem algum sentido. É tudo tão mais claro dessa maneira."

"Absolutamente."

"Hey," Theo disse em voz alta. "Você não está prestando mesmo atenção!"

Cecily corou. Scott riu e embarçou o cabelo de Theo. "Desculpa, amigo. Estávamos apenas tentando fazer você baixar a sua guarda, então, talvez tivéssemos uma chance." Então ele olhou para trás para Cecília, e algo sobre o carinho em seus olhos azuis fizeram seus ossos parecerem se liquefazer. Ela encostou-se à mesa, dizendo a si mesma que beijar o namorado de uma outra menina no meio de uma sala lotada não era uma boa idéia. Mesmo que o corpo dela parecia estar se balançando em direção a ele, além de seu controle –

"O que está acontecendo aqui?" Kathleen caminhou para dentro, segurando as mãos na frente dela, dedos bem abertos. As unhas dela brilharam molhadas de esmalte vermelho.

Theo disse, "Scott está ajudando Cecily, mas eu ainda posso bater os dois!"

Kathleen suspirou. "Eu acho que não há ajuda Cecily, há?"

"Você estava fazendo as unhas?", Disse Cecília. "Outra vez?"

"Sim". Aparentemente Kathleen nem sequer registrou aquilo como um insulto. "Essa cor é muito melhor, eu acho. Eu quero fazer meus dedos dos pés também. Scott, me dá uma mão, ok?"

"Certo." Scott piscou para Theo. "Você e eu estamos teremos uma revanche depois. Cecily – foi bom falar com você".

"Com você também."



Scott já havia se afastado - disposto a largar tudo para dar a Kathleen uma pedicure. Ele tinha que ser absolutamente louco por ela para fazer algo assim.

Como ele pode ser assim para ela? Cecily pensava em desespero. Como pode um cara tão certo para mim estar apaixonado pela piranha oxigenada? Isso não pode ser real.

Espere - ISTO NÃO PODE SER REAL.

Os olhos de Cecily se alargaram. A adrenalina fez seu coração bater loucamente, e nada ao seu redor parecia inteiramente genuíno. Embora ela tenha permanecido na mesa de pebolim, ocasionalmente girando seus homenzinhos, ela não podia prestar nenhuma atenção para o que estava acontecendo; por uma vez, Theo a bateu justa e honestamente.

Tão logo o jogo terminou, Cecily apressadamente subiu as escadas para o quarto dela. Ela precisava de alguns segundos de privacidade para pensar. Porque se o que ela suspeitava fosse verdade –

Não é. Não podia ser. Kathleen Pruitt é terrível, mas nem mesmo ela poderia ser tão terrível. Poderia?

Ser uma cadela era uma coisa. Na verdade usar mal o Craft para forçar alguém a se apaixonar por ela – isso era completamente outra coisa. Aquilo era sério. Isso era mau. Talvez não fosse tão terrível como assassinato, mas Cecília tinha sido levada a crer que subverter a vontade de alguém era mais ou menos na mesma categoria geral.

Isso explicaria por que Kathleen havia pulado a reunião do coven à tarde também – o encantamento em Scott teria sido um poderoso, tanto que traços disso poderiam ter permanecido e afetado o trabalho do Coven. A máscara de Kathleen teria caído, e todas as outras bruxas teriam sabido a coisa horrível que ela tinha feito.

O pensamento de Kathleen publicamente envergonhada deu a Cecily um pouco da emoção de satisfação, e quase que instantaneamente sentiu-se envergonhada.

Se você realmente pensou que ela tivesse feito isso, você não estaria feliz, Cecily disse a si mesma. Você ficaria horrorizada e preocupada sobre Scott. Mas você realmente não acha que Kathleen é tão má. Você simplesmente gosta de pensar que ela poderia ser, porque é mais fácil do que pensar que Scott pode realmente estar apaixonado por ela de verdade. O que obviamente está. Então supere.

Mas a idéia não foi completamente embora.

Finalmente, Cecília decidiu que ela iria provar a si mesma quão ridícula era a sua teoria. Rapidamente ela puxou os suprimentos do Craft debaixo da cama e pegou um frasco plástico pequeno de spray de sua bagagem. Em dias quentes na praia, ela enchia a garrafa com água para que ela pudesse se refrescar enquanto permanecia no sol; obviamente, ela não iria precisar dele por enquanto.

Uma solução simples seria o melhor. Algo que ela não teria que inventar. Pensando rápido, Cecily percebeu que alguns dos elixires desta manhã poderiam fazer o truque se ela os derramasse juntos na proporção certa. Foi difícil sem um copo de medição, mas ela conseguiu chegar bem perto.

Primeiro, ela testou a solução, entrando na ponta dos pés no quarto de Theo. Cecily decididamente não olhou para as coisas de Scott na cama de baixo, em vez disso, ela tomou o



Game Boy que ela tinha utilizado para o encanto da luneta. Depois de olhar para baixo no salão para se certificar de que ninguém estava prestando atenção, ela esguichou a garrafa sobre o Game Boy.

O vapor do líquido se tornou brevemente rosa brilhante provando que o Game Boy tinha sido objeto de uma magia ou encantamento, num passado recente.

Cecily assentiu, satisfeita. Se nada mais, pelo menos ela aprendeu a trabalhar com um elixir detector de magia de curto prazo.

Você está indo realmente espirrar isso em Scott?, ela perguntou a si mesma. *O que você vai fazer quando não acontecer nada?*

Lembre-se, ele também vai achar que você é uma completa esquisitona que sai por ai espirrando em caras com garrafas de esguicho cheias de uma porcaria rosa.

"Ei, pessoal!" Sr. Silverberg chamou. "Quem quer de sair para comer pizza? "

"Graças a Deus!", gritou outro dos pais, e todos riram. Cecília não era a único que tinha Febre de Cabine¹², aparentemente.

E se todos colocassem a cabeça para fora, era o que daria a Cecily sua chance. Ninguém iria notar algumas gotas de água no meio de uma tempestade em movimento.

Ela guardou o frasco de spray no bolso de sua jaqueta jeans enquanto todo mundo ficava pronto para ir. Theo, sempre agitado, correu para a chuva antes de qualquer outra pessoa, e Mamãe tinha que persegui-lo com um guarda-chuva. Kathleen, saiu apressada em seguida, seu próprio guarda-chuva na mão, choramingando sobre o que a umidade estava fazendo para os seus cabelos. Scott estava prestes a segui-la, mas Cecily agarrou seu braço na porta. "Oh, Scott -" ela disse casualmente. "Por acaso você viu o Game Boy do Theo? Nós realmente devemos levá-lo junto esta noite para que ele não fique aborrecido."

"Sim, eu acho que eu o vi no nosso quarto." Scott sorriu para ela. "Você é uma boa irmã, você sabe?"

Enquanto Scott se movimentou para dentro para vasculhar o quarto dele, Cecily tomou seu próprio doce tempo para deslizar em suas sandálias. Depois que ela tinha prendido a ultima fivela, as únicas pessoas restantes na casa eram ela e Scott.

"Vamos lá, vocês dois!" Pai gritou por meio da janela meio-aberta do seu carro de aluguel. Scott surgiu, Game Boy na mão. Ambos saíram para a chuva, e Cecily teve a certeza de estar uns poucos passos atrás dele de modo que ninguém seria capaz de ver o que ela estava prestes a fazer. Rapidamente ela pegou a garrafa de spray, lembrando-se que isto era um pouco insano, e apertou o gatilho.

A névoa se tornou rosa, brilhando por momento antes de desaparecer.

Cecily congelou. Por um momento, ela simplesmente parou lá, chuva caindo sobre ela; em seu choque, ela não poderia ter sentido nada.

Kathleen tinha feito isso. Ela realmente tinha feito isso. Ela havia quebrado uma das leis mais fortes do Craft.

.....

¹² Algo como Claustrofobia.



Scott realmente não a ama.

"CECILY!" Papai gritou. "O que você está fazendo?"

Lentamente Cecily conseguiu fazer seu caminho até o carro e entrar. Até que ela fechou a porta atrás dela, ela estava encharcada. "Ugh. Honestamente," Kathleen bufou. Ela sentou-se no centro do banco traseiro, curvada perto de Scott, que estava sorrindo para a falta de atenção dela. "Pare de gotejar em mim, Cecily."

Cecily não disse nada. Ela não podia sequer olhar para Kathleen com medo de revelar que sabia a verdade.

Era engraçado, tipo: ela sempre pensou que Kathleen Pruitt era uma pessoa horrível. E agora acabou que ela não conhecia nem a metade. Kathleen não era só vã, superficial, e cruel - ela era real e verdadeiramente mal.

Cecily roubou um olhar de soslaio. Kathleen sentou com a cabeça dela contra o ombro de Scott, e ela sorriu presunçosamente quando ela viu Cecily assistindo.

De alguma forma, Cecily conseguiu sorrir de volta, mas ela estava pensando, *Sorria enquanto pode. Porque você não vai escapar dessa.*

.....



Parte Três

METAS DE AUTO-APERFEIÇOAMENTO: TOTALMENTE REVISADAS AGORA DEVIDO AO ESTADO DE EMERGÊNCIA

Neste momento de crise, eu vou:

- Conversar com Mamãe sobre a melhor forma de lidar com a liberação de Scott do encantamento, porque quebrar um laço mágico forte o suficiente para fazer um ótimo garoto como ele se apaixonar por Kathleen está provavelmente além de minhas possibilidades;
- Resistir à vontade de dizer "Eu te avisei" para a mamãe quando o mal de Kathleen Pruitt for finalmente manifestado sendo um fato objetivo e verificável;
- Aproveitar o meu momento de triunfo sobre A Repugnante, mas não tanto que eu não preste atenção ao encantamento de quebra, porque isso vai ser magia de alto nível do primeiro grau.

"Cecily, honestamente." Mamãe cruzou os braços. "Estamos saindo, tendo um bom tempo, e você está fazendo outra de suas listas em um guardanapo?"

"Precisamos conversar", disse Cecily, rapidamente dobrando o guardanapo no bolso da saia.

"Não, nós precisamos nos divertir." Mamãe pôs as mãos sobre os ombros de Cecily, empurrando-a para virar e ver o pequeno palco no canto da Pizzaria de Karaokê do Mario. Vários dos pais do grupo, com Theo parado na frente do pai, estavam todos gritando, "We Are The Champions."

Isto normalmente teria sido suficiente para fazer Cecily ficar com vergonha, mas interesses maiores estavam em jogo. "Mãe, é sobre Kathleen. Ela – Eu - bem, temos que fazer alguma coisa, porque - "

"Fazer o quê, Cecily? Brigar cada vez que vocês duas começarem a disputar?"

"Não é isso o que eu estou falando".

Sua mãe não pareceu ouvi-la. "Você age como se Kathleen fosse o ser humano mais horrível que já caminhou na face da terra. Você sempre agiu assim, desde que vocês duas tinham quatro anos de idade e ela derrubou seu castelo de areia".

Cecily tinha ficado orgulhosa desse castelo de areia. "Mas Mãe-"

"Eu não quero ouvir. Sim, eu sei que ela diz coisas ruins; Tenho ouvidos também, você sabe. Kathleen nunca foi tão madura como você é, e eu acho que ela vai levar alguns anos mais para amadurecer. Mas eu realmente desejo que você poderia agir como uma adulta e deixar esse tipo de coisa para trás."

Mãe baixou a voz. "Eu percebo que você parece muito... assim, *caidinha* pelo Scott, por isso deve ser difícil para você. Mas isso não é desculpa para ficar obsessiva sobre Kathleen Pruitt. Agora venha se juntar ao resto de nós, certo? Você não tem que cantar, se você só vai ouvir todo mundo".



Mamãe saiu, deixando Cecily sozinha no final da longa mesa, o rosto em chamas com a raiva e vergonha.

A raiva era porque sua mãe não tinha escutado ela. A vergonha porque Cecily sabia que era culpa dela Mamãe não ter escutado.

Todos os anos, tanto quanto ela se lembrava, ela tinha se queixado acerca de Kathleen. Ela tentou pular o Outer Banks por completo; uma vez ela se trancou em seu quarto quando Kathleen chegou; ela até se lembrou de prender a respiração como uma criança muito pequena, até que sua mãe decidiu que ela e Kathleen não tinham que se sentar uma ao lado da outra no jantar. Seu desagrado tinha sempre sido recíproco - mas Kathleen nunca tinha feito uma cena. Demasiado tarde Cecily percebeu que ela tinha se queixado de Kathleen tantas vezes, e por tantas triviais (embora *inteiramente válidas*) razões, que nem mesmo a mãe iria ouvir ela sobre o assunto por mais tempo.

A bruxa que virou lobo, ela pensou. *Ótimo. Agora Kathleen realmente se tornou má, e ninguém vai acreditar em mim.*

Ela olhou para o grupo e viu Scott sentado ao lado de Kathleen, um vago sorriso no rosto. Ele esguichou ketchup nas batatas fritas dela na forma de um coração. Claramente, para a causa da dignidade dele, alguma coisa tinha que ser feita. Cecily apenas teria de fazê-lo sozinha. "We Are the Champions", terminada, com os homens segurando os punhos levantados sobre suas cabeças e Theo pulando para cima e para baixo de excitação. Todo mundo no lugar aplaudiu e Cecily distraidamente também se juntou. Ela quase não ouviu o locutor dizer: "Em seguida é - Cecily Harper!"

Espere - O quê?

"Cecily Harper? Onde ela está?" O locutor espiou para o grupo, em seguida, e sorriu assim que Theo apontou a sua irmã. "Vamos dar à bela moça uma ajuda!"

Correr não parecia ser uma opção, e era muito tarde para se esconder. Cecily levantou-se, sem saber o que pensar - até que ela viu Kathleen escondendo o sorriso sob uma mão recentemente manicurada.

Ela me inscreveu para isso. Por que não eu estava olhando ela mais de perto?

"Vai lá, querida!" Papai gritou, aplaudindo vigorosamente.

Ele e minha mãe estavam tão felizes que ela decidiu se juntar.

Cecily lançou um olhar sobre a multidão - pelo menos cem pessoas em sandálias e blusas, todas elas levemente chateadas por não poderem sair por causa do mau tempo, à espera de ouvi-la cantar.

Neste ponto, ela descobriu que eles estavam muito famintos por entretenimento. Ela não era uma cantora particularmente dotada, mas ela não era tão ruim também. Dependendo da música, talvez ela pudesse passar por isso. Para o tipo—Kathleen-Pruitt de mal, isso não foi tão ruim assim.

Hesitante, ela fez seu caminho para o palco e levou o microfone na mão. A tela prompter veio com a letra da canção que estava prestes a tocar – A canção que Kathleen tinha escolhido em seu nome.



Em horror ela viu o refrão: "My hump, my hump, My lovely lady lumps."¹³

Segurando o microfone com tanta força que ela poderia o ter usado para atirar em alguém, Cecily forçou um sorriso em seu rosto e pensou, *Isso significa guerra.*

Eles voltaram para as casas de praia bastante tarde naquela noite.

A chuva não parou, mas finalmente reduziu para um garoa leve. Ninguém precisava de guarda-chuvas para ir dos carros para as casas. Cecily andou com Theo, que foi cambaleante em seus pés; ele não estava acostumado a ficar acordado até essas horas. Apesar de Cecily estar bastante cansada, sua mente estava muito ligada para adormecer.

Eu preciso quebrar o encanto de Scott. Eu realmente não tenho idéia alguma de como realizar isso. Eu não posso contar com Mamãe para me ajudar. Então o que eu faço?

O melhor recurso possível era o Livro das Sombras da mãe dela.

Cada bruxa mantinha um Livro das Sombras. Cecily não tinha idade suficiente para ter começado o dela ainda - que começa quando a aprendizagem termina. Ninguém nunca terminou um Livro das Sombras; bruxas trabalham nos delas durante suas vidas inteiras. Os livros continham listas de encantos, mas não só isso; eles também têm cada história de como a bruxa tinha aprendido o encanto, quando, como e por que ela tinha usado, e quais foram os resultados de cada vez. Quando era mais nova, Cecily tinha planejado manter o seu Livro das Sombras em formato eletrônico, que se tornaria mais difícil de destruir e de fácil atualização e organização. (Às vezes ela pensou sonhadora das Planilhas Excel que poderia criar de ingredientes mágicos.) No entanto, ela soube que o livro em si era importante. Era para ser mantido próximo sempre que um poderoso feitiço estava sendo realizado, e ao longo do tempo a proximidade à magia infiltrava-se nas páginas. O Livro de Sombras de uma velha bruxa poderosa quase tinha poderes próprios.

Subindo e dizendo: "Oi, mãe, pode me emprestar seu Livro das Sombras?" estava completamente fora de questão.

Cecily tinha sido autorizada a olhá-lo antes, mas apenas em companhia de sua mãe e só em ocasiões especiais.

Isso significava que ela teria que roubá-lo.

Bem, não "roubar". Emprestar. Parecia melhor pensar nisso como devedora; afinal, a mãe teria seu Livro de Sombras de volta. Ela só não saberia que tinha estado desaparecido.

Todo mundo estava se preparando para dormir, o que significava que eles estavam vestindo pijamas no hall e fingindo não se importar que outras pessoas estavam usando os banheiros. Cecily colocou uma camiseta e uma calça de yoga - acreditável como roupa de dormir, mas também ideal para andar furtivamente pela casa, ou por fora dela.

Ela vagava pela casa, tentando parecer casual, o que não deveria ter sido tão difícil em uma camiseta e numa calça de ioga. *Mamãe e Papai, onde estão vocês? Por favor, não estejam já na cama –*

¹³ É uma música do Black Eyed Peas chamada My Humps, e a tradução ficaria mais ou menos assim: Minha bunda, minha bunda, Minha adorável bunda de menina.



Eles não estavam. Eles estavam sentados na sala da frente, cada um bebendo um copo de vinho, sendo nojentamente piegas um com o outro. Cecily desviou os olhos, o melhor para evitar testemunhar a temida sessão de encontro de pais. O ponto era que eles estavam distraídos, o que deu sua janela de oportunidade.

Rapidamente ela foi na ponta dos pés pelo corredor em direção ao quarto dos pais. Ninguém viu, exceto Theo, que estava esfregando os olhos e, provavelmente, demasiado cansado para observar.

Cecily olhou ao redor do quarto, e considerando e então rejeitando esconderijos possíveis. Papai poderia olhar em qualquer uma das gavetas ou debaixo da cama, então sua mãe não teria colocado o livro lá. A mesma coisa com qualquer uma das malas. Teria que ser um lugar realmente seguro, ainda que inesperado.

Os olhos de Cecily brilharam quando ela percebeu a caixa de sombra cima da cama. Era apenas uma decoração – uma cena kitsch de praia, o que era muito o tipo de coisa que tinha que contar como estilo Paraíso Oceânico, mas destacou-se da parede um pouco, e era grande o suficiente...

Ela arrastou a caixa de sombra da parede, e o Livro das Sombras deslizou na cama.

Justamente quando parecia que ela tinha tirado o livro, Cecily ouviu a mãe no corredor. "Você sabe, é meio sexy quando você canta".

Papai riu baixinho. "Eu teria passado a noite toda no palco, se eu soubesse disso." Horror congelou Cecily no lugar. O que era pior: ser pega roubando o Livro das Sombras da Mamãe ou ter que ouvir seus pais paquerando? Ela nunca saberia, porque ela estava prestes a fazer as duas coisas ao mesmo tempo, o que era tão ruim quanto poderia ser.

Então ouviu Theo. "Mamãe, Papai, venham ler uma história pra mim!"

"Você quer uma história antes de dormir? Você não pede uma faz um bom tempo." Papai pareceu afetuoso. "Nós não queremos manter Scott acordado."

"Ele está lá fora beijando Kathleen," Theo disse com desdém. "Venham ler para mim!" Seus passos se aproximaram da porta, então isso passou, indo em direção ao quarto do Theo. Cecily prendeu a respiração por um segundo antes de apertar o Livro das Sombras contra o peito e sair furtivamente.

Enquanto ela ia, ela olhou para trás. Mamãe tinha Theo em seus braços enquanto caminhavam em direção a seu quarto. Ele sorriu para Cecily em cima do ombro de sua mãe e piscou.

Eu não posso acreditar. Theo me salvou! Seu irmãozinho não poderia ter adivinhado por que ela precisava estar no quarto dos pais, mas ele a cobriu mesmo assim. Só por que esse foi definitivamente o último momento de mau comportamento da vida dele para ser marcado.

Cecily sorriu para o irmão, orgulhosa de que pelo menos uma de suas metas de auto-aperfeiçoamento tinha sido cumprida.

Agora, para cumprir a meta mais importante de todas: Acabar com Kathleen.



Parte Quatro

LISTA DO FEITIÇO DE DESENCANTAMENTO

- Asas de mariposa
- Vinho tinto, localizado no barzinho¹⁴ da casa de praia
- Cinzas purificadas
- Vidros quebrados - quebrar um copo na cozinha, deixar alguns dólares para os donos da casa
- Essência da verdade
- Caldeirão - improvisar
- Cascas moídas de besouro
- Sangue de uma virgem - lamentavelmente, este eu mesma posso fornecer

O vento chicoteou vindo do oceano, refrigerando Cecily assim que ela se sentou na areia ainda úmida. Embora a chuva tinha finalmente parado, o céu sobrecarregado permaneceu sinistramente nublado, sem estrelas.

O Livro de Sombras da mãe dela sentado ao lado dela em uma toalha de praia. Embora não tenha sido decorado tão elaboradamente como algumas bruxas preferiam - mamãe gostava de manter as coisas simples - o livro possuía um tipo de poder apenas estando lá. Talvez fosse a imaginação de Cecily, mas a capa cinza pálido parecia brilhar um pouco, mesmo sem qualquer luar.

Ela poderia ter feito essa pesquisa dentro da casa, mas teria sido muito confortável: quente e aconchegante, com uma lâmpada de leitura. A tentação de descobrir todos os feitiços da mãe dela teria sido muito grande. Cecily não se sentia culpada por roubar o Livro das Sombras, porque isso era importante, mas ela perderia a moral elevada, se ela abusasse desta oportunidade.

Além disso, estar fora da casa abarrotada com suas tolas decorações foi uma coisa boa. Cecily encontrou o frio ar da noite e o oceano rugindo esclareceu seu pensamento. Por exemplo, ela tinha parado de se deleitar com a vergonha que isso causaria a Kathleen e se preocupar como Mamãe reagiria quando ela descobriu sobre o não-autorizado uso de seu Livro das Sombras. Em vez disso, Cecily estava pensando sobre Scott.

Como será o fim do encantamento para ele? Ela perguntou. O Livro das Sombras não dizia. *Será que ele simplesmente não se importaria mais tanto com Kathleen, e se perguntaria o que ele viu nela? Ou seria mais dramático que isso? E se for dramático, ele vai perceber que ele foi encantado?*

Cecily tinha sido objeto de alguns encantamentos inofensivos algumas vezes; o que era uma parte padrão da educação de uma bruxa, descobrir como era ser encantada. Quando o encantamento quebrava, o sentimento era inconfundível: tão súbita e poderosa como a queda de uma montanha-russa, após ela subir uma colina. Você vinha esmagando para a terra, e você *sabia* que algo antinatural acabara de acontecer com você.

¹⁴ (http://www.coloradosignaturehomes.com/images/LGA_WetBar.jpg)



Mesmo alguém que nunca tinha ouvido falar do Craft poderia muito bem entender que tinha sido objeto de uma mágica. Essa era uma razão pela qual os encantamentos deviam ser usados com moderação, se usados.

Se Scott percebesse a verdade, então o quê?

Provavelmente havia uma resposta à espreita no fundo as páginas do Livro das Sombras da Mamãe, mas Cecily não foi vai procurá-la. Em seu coração ela sempre acreditou que os homens poderiam ouvir e aceitar a verdade sobre a bruxaria. (Talvez não *todos* os homens - mas nem todas as mulheres podiam ouvir sobre isso também, não é?) De alguma forma, sua mãe pode viver mentindo para o seu pai para todo o sempre, mas Cecily nunca quis isso para si mesma.

O cara dos seus sonhos - o chef que queria abrir um restaurante com ela - ele não saberia apenas que Cecily praticava o Craft, mas também veria quão incrível isso era. Ele ficaria orgulhoso de seu poder. Ele iria apoiá-la, não importa o quê acontecesse.

Scott poderia realmente ser esse cara?

Seu coração batia loucamente em seu peito. De uma forma ou outra Cecily estava indo descobrir.

Na manhã seguinte, não estava exatamente ensolarado, mas pelo menos não estava chovendo. Apesar do frio no ar e a espessa camada de nuvens, todos muito bem se dirigiram para a praia. Theo correu para o corredor em sua sunga e nadadeiras verde neon, gritando, "Cecily! Você tem que ir nadar com a gente!"

"E já vou", Cecily prometeu enquanto colocava o biquíni preto. "Não vou demorar."

Ela se olhou no espelho. Tivera ela uma vez medo de algo tão pequeno como vestir um maiô? Comparado com o que estava em jogo, hoje, isso parecia tão insignificante.

Além disso - ela parecia bem.

Cecily passeou para fora de seu quarto, agindo casualmente, com uma toalha de praia grande dobrada sobre um braço de tal forma que disfarçava o que ela estava segurando na mão: o frasco de spray, que foi preenchido com um total, mas completo elixir para o feitiço de desencanto.

Já a casa estava quase vazia, exceto por Scott, que estava esfregando protetor solar em seus ombros. Tomou todo o autocontrole de Cecily não perguntar se ele precisava de ajuda. "Hey," ele disse. "Kathleen e eu estamos prestes a ir para a praia. Quer se juntar a nós?"

"Ela não quer!" Kathleen gritou do quarto.

Cecília sorriu. "Eu acho que é um pouco frio para um mergulho no oceano, não é?"

"Sim, mas não há jeito de eu passar uma semana em Outer Banks sem nadar uma vez," Scott disse. Ele olhou para seu biquíni - apenas um olhar - mas era encorajador.

Casualmente, como se a idéia tinha apenas ocorrido para ela, Cecily disse, "Hey, que tal a banheira de água quente no deck? A água morna, jatos de hidromassagem¹⁵, muito melhor do que congelar nossos traseiros no surf."

¹⁵ Jacuzzi jets no original, mas achei melhor traduzir assim



Scott tinha um sorriso lento e quente que fazia ela se sentir pretensiosa por dentro. "Você sabe, isso parece ótimo."

"Você e Kathleen fiquem confortáveis. Eu tenho que verificar o Theo, mas eu vou dar uma passada na banheira de água quente quando eu estiver saindo".

Caldeirão- checado.

Ela caminhou em direção ao barzinho, mas olhou por cima do ombro para ver Scott indo em direção ao deck. Nunca antes ela percebeu que mesmo *a parte de trás* de um cara poderia ser sexy.

Não que Kathleen não fosse cem por cento má por fazer isso com você, ela pensou, mas eu, pelo menos, entendo a motivação dela.

Uma vez que eles estavam fora, Cecily começou a trabalhar. O saca-rolha parecia bastante simples de usar, mas ela nunca tentou lidar com um antes, assim que abrir o vinho tinto levou muito mais tempo do que ela tinha planejado. O atraso tornou o processo ainda mais cheio de suspense. Se a mãe de Cecily entrasse e visse-a desarrolhando uma garrafa de bebida, ela não teria a chance de explicar por que ela realmente precisava disso. Ela não sobreviveria para tanto.

Finalmente, a cortiça deslizou e se soltou com um pop. O vinho tinto cheirava mal para Cecily - talvez essa coisa tivesse virado vinagre. Provavelmente não teria importância para o feitiço, no entanto.

Ela derramou um filete de vinho na garrafa de spray. Um fio de fumaça azul hortências subiu, brilhante e assustador.

A fumaça precisaria ser mais escura do que isso - a magia, mais poderosa.

Com uma mão trêmula, Cecily pegou um copo de vidro do barzinho e segurou-o em cima da pia. Ela estava com medo agora, e disse a si mesma que era estúpido ter medo da dor. Será que ela queria ser como Theo, lamentando e chorando antes dele levar uma injeção no pediatra?

Mas não era a perspectiva da dor que amedrontava ela. Era a realidade de realizar essa magia - de longe a mais potente que Cecily já havia tentado sozinha. Ela não tinha idéia do que aconteceria se ela errasse, mas ela fortemente suspeitava que não fosse bom.

Chega, ela disse a si própria severamente. Virando o rosto para proteger os olhos, Cecily jogou o copo na pia. Ele estilhaçou com a queda, e ela sentiu uma espetada afiada contra palma da mão. Bem, pelo menos, ela não teria que de fato fatar sua pele aberta.

Cecily adicionou alguns pequenos estilhaços de vidro à mistura, segurou em seguida o frasco de spray aberto embaixo da mão que estava tremendo e algumas gotas de seu sangue caíram lá dentro. Com cada gota a fumaça subia novamente, escurecendo em profundo azul, em púrpura, e, finalmente, quase em preto. Aquilo parecia mais com o feitiço.

Hora do show.

Ela caminhou para o deck, esperando parecer confiante. Kathleen e Scott sentaram-se sozinhos na banheira quente, e Kathleen tinha enganchado suas pernas nas dele, como se ela estivesse prestes a se sentar em seu colo. Quando Cecily saiu, Kathleen olhou com uma cara feia. "Uh, você não precisa brincar com seu irmãozinho ou algo assim?"



"Em breve", disse Cecília. "Agora não."

Scott sorriu e apontou para o frasco de spray. "O que é isso?"

Uma rajada de vento fresco bagunçou o cabelo de Cecily e a fez tremer. "Sua liberdade."

Os olhos de Kathleen se arregalaram. Ela sabia. Era agora ou nunca.

Sussurrando o encantamento, Cecily arrancou fora da parte superior do frasco de spray e despejou o conteúdo na banheira de água quente.

As correntes capturaram isso, criando uma espiral de azul-preto que se alargava a cada segundo. Em vez de diluir dentro da água, o elixir escureceu o conteúdo da banheira, até parecia que Scott e Kathleen estavam sentados na tinta. Uma fumaça grossa começou a borbulhar na superfície e caiu pelas bordas. O ar virou sulfúrico, e Cecily sentiu como se ela mal podia respirar.

"Mas que m...-" Scott tentou sair da Jacuzzi, mas ele não fez isso, porque foi quando tudo explodiu.

Não para valer, com pedaços de banheira e pavimento e Kathleen pulverizados em toda parte. Mas parecia com uma explosão de qualquer maneira. Uma onda de choque quebrou para fora, sacudindo-os todos e trovejando como um estrondo sônico. Pequenos arcos de eletricidade estática arquearam pelo ar. Kathleen começou a gritar, e Cecília não a culpava.

Então, tudo havia terminado. Scott escorregou para baixo na banheira como se estivesse inconsciente, mas Cecily saltou para frente para pegar sua cabeça. "Scott?" A voz dela tremeu. "Scott, você está bem?"

"Sim." Ele sentou, piscando lentamente. Sua expressão parecia atordoada. "O que foi?"

"Você não precisa saber!" Kathleen subiu para fora da banheira quente. Seu corpo inteiro tremeu, e alguns de seus cabelos ficaram literalmente em pé a partir da energia no ar. "Scott, vamos lá."

Cecily disse, "Ele não vai a lugar nenhum com você".

"Quem é você para dizer? Scott, venha comigo!"

Kathleen estendeu uma mão para ele, mas ele não se moveu.

Sua expressão ainda parecia confusa. Não, Cecily pensou que a palavra correta era "vaga." Como se não houvesse ninguém em casa. Ela o tinha machucado?

Em seguida, vieram os jatos de hidromassagem, e Scott sorriu um preguiçoso e estúpido tipo de sorriso que Cecily nunca tinha visto antes. "Cara, banheiras de hidromassagem me matam de rir*. Você sabe por quê? "

*(Não achei expressão melhor)

Cecily levantou a cabeça dela. "Uh, não?"

Ele disse: "Porque, quando os jatos fazem as bolhas, é como se alguém peidou."

"Tem certeza de que você se sente bem?", Disse Cecily. "Porque você - você não parece com você mesmo."



Scott riu o tipo de risada que soou como um zurrar de burro. "Adivinha o quê? Estou peidando agora mesmo! E você não consegue perceber!"

Cecily tropeçou fora da banheira quente, recuando em direção ao outro lado do deck. Algo estava errado com ele; ele não era completamente o tipo de pessoa que tinha sido antes. Se ela tivesse feito algo errado quando ela quebrou o encantamento? Se ela tivesse ferido Scott?

Kathleen enxugou as lágrimas com raiva de seu rosto. "Você *arruinou-o!*"

A verdade atingiu Cecily. "Você não apenas o fez gostar de você. O encantamento alterou a sua personalidade também, então ele seria o cara perfeito para você." *Ou para mim*, ela pensou: lembrando como Scott parecia tão ideal quando ele estava com ela - e como sua personalidade parecia mudar no momento em que Kathleen entrava na sala.

Por que ela não tinha visto isso antes? O Scott real era este cara: boquiaberto, estúpido, e completamente despreocupado com tudo ao seu redor. Ele não estava nem mesmo prestando qualquer atenção a conversa delas.

"Se você tivesse a coragem de tomar emprestado do Livro das Sombras de sua mãe, você saberia como fazer mágica real também", Kathleen vaiou. Ela avançou sobre Cecily, que pressionou as costas contra o parapeito do deck. Que outros feitiços do mal Kathleen poderia ter aprendido? O que mais ela poderia estar disposta a fazer? Cecily queria acreditar que ela podia se defender, mas mais do que isso ela queria correr para ajudar. No entanto, Kathleen estava entre ela e qualquer fuga. "Scott era perfeito, e ele pode ser perfeito de novo, porque você está prestes a sair do meu caminho."

"Não, ela não está", disse a Sra. Pruitt severamente. Ela ficou em pé na porta do deck, com todas as mãos de pé logo atrás dela. Seus rostos eram sérios. "Kathleen, venha conversar comigo."

O rosto de Kathleen então mudou, de sua configuração padrão (mal) para algo que Cecily nunca tinha visto antes: medo real. Obviamente, as mães tinham reconhecido a quebra de um encanto; assim como, obviamente, elas tinham ouvido o suficiente para perceber o que Kathleen tinha feito.

Ninguém estava exercendo qualquer tipo de magia; elas não precisavam. O poder das mães eclipsou qualquer coisa que Cecily ou Kathleen poderiam fazer. E, finalmente, o reino do mal de Kathleen Pruitt tinha chegado a um fim desastroso.

"O que vai acontecer com ela?" Cecily perguntou mais tarde quando ela e sua mãe andavam na praia.

"Nunca será permitido a Kathleen praticar magia novamente. Ela nunca vai receber os encantamentos certos para iniciar um Livro das Sombras, e seu material e instrumentos terão que ser destruídos. Não podemos apagar o que ela já sabe, mas de agora em diante ela é cortada deste ou de qualquer outro coven. Vai ser difícil para a mãe dela, mas regras são regras." Elas caminharam em silêncio por alguns passos antes de mamãe dizer, "Eu estou orgulhosa de você por não ficar se gabando".

Cecily tinha certeza que ela iria se gabar de alguma forma mais tarde, mas o choque disso tudo era muito recente para isso. "Toda aquela fumaça, a explosão - papai tem que ter visto isso".



"Nós dissemos para os caras que a Jacuzzi deu curto-circuito. Temo que não teremos mais banheira de hidromassagem nessa viagem".

Demoraria um longo tempo antes de Cecily poder olhar a Jacuzzi da mesma forma, por isso não há perda aí. "E Scott?"

"Não se sabe o que o atingiu. Ou importa, eu acho."

Eles olharam para o céu juntos para o Paraíso Oceânico. Scott sentou-se com Theo nos degraus que levavam à areia.

Ele bebeu meia lata de cerveja, em seguida, arrotou o nome de Theo, o que fez Theo rir e aplaudir. Cecily suspirou.

Mamãe disse: "Você tentou me avisar sobre Kathleen noite passada. Eu deveria ter te dado ouvidos. No futuro, eu vou."

"Obrigado, mãe."

"O que significa que você nunca mais vai ter qualquer desculpa para por as mãos no meu Livro das Sombras, sem a minha permissão."

"Compreendido".

Mamãe puxou carinhosamente no final do rabo de cavalo de Cecily. "Você correu um grande risco, sabe - e não apenas tentar o feitiço por conta própria. Se Scott fosse mais – vamos dizer *curioso*, ele teria percebido que ele tinha estado sob um encantamento. Ele teria percebido que a magia é real. Cobrir nossos rastros a tal ponto teria sido um trabalho duro. Que você não poderia ter feito sozinha."

"Por que temos que mentir para eles? Você nunca desejou que Papai soubesse a verdade? Você não acha que ele ia te amar ainda mais quando percebesse que bruxa incrível você é?"

Por um momento sua mãe ficou em silêncio. O único som era o rugido do oceano. Por fim, ela disse, "Hoje de todos os dias eu achei que você iria entender a importância de obedecer às regras."

Isso não foi uma resposta, mas Cecília sabia que era o mais próximo de uma que ela teria. Ela abraçou mamãe antes de ir lentamente até a costa. As ondas estavam frias e espumosas contra seus dedos.

Algum dia, Cecily pensou. Algum dia eu vou encontrar um cara que pode conviver com a verdade. Só porque não é Scott não significa que um cara como ele não está lá fora.

Pelo menos as férias de verão não foram totalmente destruídas. Cecily tinha poucos dias para se divertir, o que ela sentiu que realmente merecia.

METAS DE AUTO-APERFEIÇOAMENTO: REVISADA

Durante o meu período de férias restante eu vou:

- resistir a me vangloriar sobre a queda de Kathleen, pelo menos enquanto testemunhas estiverem por perto
- nadar pelo menos duas horas por dia



• verificar se as mães agora me respeitam o suficiente para me ensinar algum feitiço serio do Craft

- bater Theo no pebolim apenas uma vez por causa de minha dignidade pessoal
- caminhar três milhas na praia, todas as manhãs
- ver sobre aulas de tênis
- ver sobre aulas de equitação a cavalo
- basicamente, ficar ao ar livre, tanto quanto for humanamente possível

Então trovejou à distância, e pingos de chuva começaram a respingar na areia. Cecily gemeu enquanto ela corria por o abrigo. *Bem, talvez no próximo ano.*



*The Law
of Suspects*

MAUREEN
JOHNSON



"Eu odeio férias", eu disse.

Minha irmã, Marylou, estava na cadeira de balanço ao lado da janela, torcendo seu curto, cabelo cor-de-ferrugem em torno de seu dedo distraidamente, seu DSM-IV aberto em frente dela. O DSM-IV, no caso de você nunca ter ouvido falar, é o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Fourth Edition)¹⁶. Marylou tinha acabado de terminar seu primeiro ano de psicologia, o que significava que ela passava seu tempo favorito em me diagnosticar com todos os métodos incômodos no livro - literalmente. Então foi um erro dizer que esse era o tipo de coisa para ela.

"Falta de interesse em coisas que as pessoas normais podem desfrutar em encontrar", disse ela. "Isso é depressão, Charlie."

" 'Pessoas normais'?" Repeti.

"Bem, esse não é o termo que nos gostamos de usar, na verdade...." Ela disse, embora tivesse apenas usando isso.

"Quem é esse nós?"

"Profissionais de saúde mental".

A última coisa que Marylou era, era uma profissional de saúde mental. Ela era uma barista¹⁷ com dois semestres de introdução psicológica.

"Eu vejo", eu disse. "Um profissional de saúde mental. Vocês também servem lattes. Então, você também é o presidente da Starbucks? É isso que significa?"

"Cale a boca, Charlie."

Pagina arremessada, Pagina arremessada, Pagina arremessada.

"E por que você está tão ocupada tentando me diagnosticar?" Eu perguntei, golpeando para longe uma mosca que continuou tentando pousar em meu nariz. "Você estava lendo no avião quando aquele cara do meu lado, tentou me apunhalar com seu garfo. Você não deu um rotulo a ele."

"Isso porque ele não tentou apunhalar você", disse ela calmamente. "Você estava mentindo".

Veja, isso é algo que me assombra. Eu costumava mentir muito. Ou, eu exagerava muito. Acho que eu estava entediado, e meus pequenos enfeites faziam o mundo muito mais interessante. Eu tenho que dizer, eu era realmente bom no que fazia. Eu podia enganar qualquer um. Eram

¹⁶ (Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais - Quarta Edição)

¹⁷ (pessoa que faz e serve o café em uma cafeteria)



mentiras inofensivas também. Eu não fiz mal a ninguém com elas. O pequeno cachorro que me perseguiu na rua poderia ser maior, talvez raivoso. Não bastou soltar meu sorvete quando estava ventando - Fui atingido por um esquisito tornado.

Mas a mentira é ruim. Eu sei disto. E apesar de minhas mentiras não fazerem mal, elas ainda causaram todos os tipos de problemas e fizeram algumas pessoas não confiarem em mim, então eu desisti, no peru da Turquia, no início do ano novo. Eu estive no caminhão durante cerca de três anos.

Mas não tenho nenhum crédito por isso? Não. Eu acho que é como ter um passado criminoso: ninguém nunca realmente confia em você de novo. Como, se você fosse um ladrão, e que você parou de roubar e totalmente se recriou e todos sabiam disso... Ainda assim, ninguém vai deixar você realizar um depósito com grandes números no banco.

E o cara no assento 56E realmente tentou me apunhalar com o garfo. Acho que isso foi porque ele pensou que eu roubei um fone de ouvido da Air France, enquanto ele estava dormindo, o que eu não fiz. A aeromoça não lhe deu nenhum porque ele estava dormindo. Marylou e eu usamos apenas os nossos próprios fones de ouvido no avião, e ela acabou enfiando um par da Air France no meu bolso quando ela se levantou para ir ao banheiro, então, foi quando o Sr. 56E bufou acordando no meio sobre o Atlântico, ele olhou para os dois pares de fones de ouvido que eu tinha na minha frente. Sua boca não disse nada, mas seus olhos disseram: "Ladrão". Quando sua bandeja veio, pegou o garfo com muito mais força do que necessário e por pouco não atingiu o meu braço. Ele estava estranho por todo o vôo. Se levantou cerca de uma dúzia de vezes para fazer ioga na parte de trás do avião perto da porta de saída. E ele estava lendo um livro sobre fazer iogurte na maior parte do tempo.

Mas Marylou gastou algum tempo com este modelo de sanidade mental?

Não.

Só comigo.

Para ser justo, não tínhamos mais nada para fazer neste momento particular, quando tivemos um ciclo através das desordens e obtivemos algo em torno de depressão. Talvez eu estivesse deprimido. Eu tinha toda a razão para estar.

Marylou e eu estávamos indo para a França por três dias, e isso realmente não estava indo de acordo com o plano. Nossa mãe é tecnicamente francesa, mas seus pais se mudaram para a América quando ela tinha apenas quatro anos. Como resultado, tivemos muitos parentes franceses, que vinham insistindo para minha mãe por anos e anos para enviar as pequenas Marie-Louise e Charlotte para verem a terra dos seus antepassados. Nosso primo Claude, em especial, queria que nos fôssemos. Claude era algum tipo de grande homem na publicidade em Paris, e tinha feito este anúncio que tinham bebês em pequenos ternos de armadura que, aparentemente, todos amavam. Ele tinha um apartamento no centro da cidade, e ele queria nada mais do que mostrar seus primos mais novos ao redor.

Marylou e eu estávamos todos em favor da idéia, porque quem não quer ir e ficar em Paris por quatro semanas? Esse era o plano: todo o mês de agosto. Marylou tinha acabado de terminar seu primeiro ano de faculdade, e eu estava prestes a me formar no ensino médio, então parecia que éramos velhos bastante e suficientemente jovens, e o tempo estava certo, e houve um especial sobre os bilhetes da Air France.

Então finalmente nos fomos enviados, e pousamos em Paris, e lá estava Claude, que tinha cerca de seis passos de onze, loiro e simpático. Passamos uma noite em seu apartamento em Paris,



dormimos fora de nosso jet lag¹⁸ no quarto de hóspedes. Nós acordamos com a expectativa de ir a cidade e ver a Torre Eiffel e passear pela rua em scooters comendo queijo. Queríamos abraçar a vida que nosso fabuloso primo francês queria muito nos mostrar.

Só que Claude disse não, ninguém em Paris fica lá depois de agosto. Era muito quente e horrível e nós não queremos ir para o país? Nós não, mas nós dissemos para ser educados. Realmente não importa o que respondi, porque Claude já tinha alugado uma casa na Provence para nos mostrar a verdadeira vida francesa. Nós estávamos saindo naquela tarde. E então Claude recebeu uma ligação. Alguma coisa tinha corrido mal com os bebês nos pequenos ternos de armadura, e ele teria que corrigir alguma coisa, e só nós poderíamos ir, e ele iria pegar um trem mais tarde, logo que pudesse, e o proprietário estaria lá para nos encontrar e Viva a França!

Portanto, menos de vinte e quatro horas depois de nossa chegada, Marylou e eu fomos colocados em um trem para o campo francês, sem Claude. Foi uma viagem bastante agradável, a qual nós passamos olhando pela janela e ordenando pequenos copos de vinho por sete euros cada um, porque era permitido, e ainda tínhamos o jet lag, e nós quase perdemos a nossa parada.

Estávamos confusos e bêbados. Mas Marylou, sendo Marylou, deu um salto heróico para os nossos sacos, e nós realmente saímos do trem em vez de andar a cavalo até a Itália ou o oceano ou o fim do mundo.

Fora da estação, um homem em um pequeno carro azul estava esperando por nós. Ele tinha cabelos brancos, parecia furioso, e não falava Inglês - mas parecia saber quem éramos. Isso, e a total falta de outros proprietários por perto, foi suficiente para que pudéssemos ir com ele. Nossas enormes malas realmente não couberam no seu carro, então tivemos que entrar primeiro, e então elas foram empilhadas em cima de nós, nos prendendo à fusão de bancos quentes.

Ao longo do passeio, ele nos empurrou uma identidade do governo e nós aprendemos que o nome dele era Erique. Erique tinha uma tosse terrível que fazia com que se mexesse tão forte que ele iria perder o controle do carro por um segundo e nos gostaríamos que isso fosse engraçado ao redor da estrada. Marylou e eu sabíamos sobre dúzia de três palavras em francês entre nós, não o suficiente para qualquer tipo de frase significativa, mas de vez em quando nós tentávamos encantar e entreter Erique dizendo coisas como "quente" e "trem" e "Paris" e "árvore" em nenhuma ordem ou contexto particular. Ele olhava tristemente para nós através do espelho retrovisor sempre que falamos, então paramos.

Atravessamos a própria aldeia, que era tão elegante e bela como qualquer coisa que você poderia possivelmente querer do interior francês. As pessoas estavam saindo da padaria com longos pães, bebendo nas mesas de um café com um toldo vermelho. Havia pequenas crianças francesas circulando em bicicletas, velhos sentados em uma antiga fonte central, montanhas ao longe. As únicas coisas que perturbavam a tranquilidade, linguagem perfeita dos livros em tudo era uma ambulância e um carro de polícia com luzes que piscavam silenciosamente estacionados na frente de uma das casas pitorescas. Um pequeno grupo de paramédicos e policiais placidamente fumando e conversando por uma porta aberta, apoiados ao redor de uma maca vazia. Nesta cidade, mesmo as emergências eram tratadas com uma graça lânguida.

Nós dirigimos para a direita através da vila, fora das estradas pavimentadas pelos muito agradáveis porem instáveis olivais. Depois fomos totalmente fora do pavimento e em uma estrada suja de terra para lugar nenhum e para o nada. Estávamos quentes e triturados e agitados em torno de quinze minutos, quando Erique recusou uma não-estrada mais estreita e uma casa se materializou por entre os ramos.

¹⁸ (é uma condição fisiológica que é uma consequência de alterações no ritmo circadiano)



A casa era feita de uma pedra branca, com ovos de pato azuis maciços em todas as janelas. Ela estava sozinha em um cenário de árvores, árvores e mais árvores, juntamente com o alecrim ocasional ou o arbusto de lavanda. Andando no caminho de cascalho que levava a ela, você estava praticamente derrubado pelo cheiro doce das ervas sob o sol escaldante, e depois você seria sob o dossel espesso de verde que protegia a casa. No lado havia um córrego que realmente gorgolejou e tinha cerca de dez milhões de pequenas rãs pretas pulando ao redor.

Erique nos guiou em torno do nosso novo lar francês, abrindo portas, ligando os ventiladores, pegando uma aranha ocasional ou sapo e sacudindo-o para fora da janela. A casa parecia que tinha sido redecorada uma vez a cada década, começando talvez em 1750 e terminando por volta de 1970. A mobília era grande e pesada, algo como a de *O Hobbit*¹⁹. Alguns dos quartos eram revestidos de madeira, mas a maioria era de papel de parede. Um quarto estava coberto de um amarelo brilhante, anos 60, um turbilhão psicodélico, outro em uma representação plástica de painéis de madeira, outro em um regime maçante de maçãs e pêras pintadas de marrom. Nosso quarto tinha o padrão mais suportável - um delicado bluebells²⁰ e videiras entrelaçadas. Eu não queria que fosse como o meu próprio quarto em casa, mas pelo menos isso não me dava agitações, como na sala amarela ou me deprimia como a sala de frutas podres.

As decorações principais eram velhas, mapas da França emoldurados, todos rastejando manchas amarelas nos cantos de onde tinha começado a umidade sob o vidro. Havia um anúncio para teclados Casio emoldurado no banheiro - um que parecia que era do mideighties²¹, com um cara de terno laranja e um grande bigode que tinha um teclado debaixo do braço. Eu passei muito tempo olhando para isso, tentando descobrir por que alguém tinha tomado o tempo de removê-lo de uma revista, emoldurar, e pendurá-lo ao lado da pia.

Erique encheu a pequena geladeira com alimentos, pães empilhados e Orangina²² quente e água engarrafada na prateleira e, em seguida colocando desligada em seu carro. Nós olhamos a procura de algo para fazer. Para o entretenimento, houve uma prateleira de romances franceses, histórias policiais, guias e livros de história - todos nas fases iniciais do cheiro pungente de livro antigo. Havia também alguns jogos de tabuleiro antigos e uma televisão com antenas e nenhum cabo que tinha apenas uma estação, que mostrava apenas desenhos animados americanos dublados em francês, principalmente Bob l'éponge (**Bob Esponja!**), que vivia em um abacaxi no fundo do mar.

Para ser justo com o lugar, acho mais pessoas francêsas alugavam enrolado suas próprias bicicletas e caiaques e teclado Casio ou qualquer outra coisa que eles precisavam. Claude tinha indicado que estaria trazendo todas estas coisas, tão logo ele pudesse chegar até aqui, então tudo o que tínhamos a fazer era "relaxar" - que, como todos sabem, é uma outra maneira de dizer "sentar e esperar e a mão rastejar por um tempo na execução de seus dedos ao seu redor." Eu não poderia suportar, tudo arborizado e tranquilo e com cheiro de alecrim e tomilho. Era como estar em uma prateleira de temperos.

Nós andamos do lado de fora, mas a pequenez das rãs assustou muito Marylou, principalmente porque ficavam pulando todo o caminho quando menos esperavam, e ela pisou em um por acidente, e ela passou por todos os cinco estágios do sofrimento sobre ele. Marylou é famosa por seu escrupuloso e a sua natureza não-violenta. Aranhas, traças, baratas, até moscas. . . Ela é impotente contra eles. Em casa, ela iria fazer alguma outra pessoa, muitas vezes eu, vir e lidar com o problema. Assim, matar um sapo quase matou ela. O resto da tarde foi gasto acalmando-a. Naquela noite, jantamos, lemos todos os livros que tínhamos trazido, e esperamos.

¹⁹ (é um livro cuja narrativa antecede a história contada na série "O Senhor dos Anéis")

²⁰ (flor)

²¹ (entre os anos 80 e 90)

²² (bebida gaseificada feita de laranjas e tangerinas)



Dois dias se passaram assim. Erique veio todas as tardes e nos trouxe deliciosos e parecendo rústicos mantimentos franceses e nos olhava como se nós fossemos impotentes, por vezes apontando para o relógio ou agitando uma garrafa de leite de uma forma significativa. Nós nunca tivemos nenhuma idéia do que ele estava tentando dizer. O único momento em que poderíamos compreender foi quando ele nos mostrou um pequeno escorpião morto, riu, em seguida, tirou o sapato, e o sacudiu. Isso nos confundiu primeiro, mas desde que ele fazia isso toda vez que ele nos deixava, lentamente começamos a perceber que tínhamos que sacudir os sapatos antes de nós pisarmos neles porque eles podiam ser preenchidos com escorpiões.

Estávamos seguros e bem alimentados e, geralmente olhando ao redor, mas lentamente ficando loucos. Ou assim Marylou pensava, a partir do número de vezes que ela me diagnosticava a partir da cadeira de balanço no nosso quarto. Ao longo desses dias e noites que eu tinha: transtorno de ansiedade generalizada, ADHD²³, transtorno dismórfico corporal, transtorno de adaptação, e incerta cleptomania (porque eu continuei usando seu pincel).

E então eu estava deprimido. Agora você todos foram pegos. Esse foi o dia três.

"Você não está gostando disso também", disse eu. "Então eu acho que nem nós dois somos anormais ou ambos estamos deprimidos. E por que você trouxe isso com você? Isso não é exatamente uma leitura de férias. "

"É se você quiser um ponto quatro oh. E o que mais há para fazer? "

Ela tinha um bom ponto. Eu estava olhando para uma edição da Vogue francesa de 1984. Quer dizer, era divertido olhar para o cabelo grande, mas você só pode fazer isso por certo tempo. Eu o coloquei de lado e peguei o pouco inútil pague-quando-você-for telefone francês que Claude nos deu (porque os nossos queridos americanos não funcionavam direito e teriam custado cerca de um milhão de dólares por segundo, se tivessem).

"Talvez seja a casa que está bagunçando o telefone", disse eu, não acreditando por um segundo. A última vez que eu tinha visto um sinal, estávamos na estação de trem, dez ou mais quilômetros de distância. "Tem que haver algum lugar por aqui, onde funciona um telefone celular. Tenho de descobrir. "

"Sinta-se livre," Marylou disse, sacudindo a mão, mas não olhando para cima. "Vá tentar."

"Não é bizarro você estar fora de tudo?" Eu disse. "Três dias. Ele disse que iria vir, como, um ".

"Ele nunca disse isso. Ele disse que estaria aqui, logo que pudesse. Ele tem alguém para nos trazer comida duas vezes por dia - comida muito boa - e nós estamos em uma bela casa.. . ".

"Bela?" Repeti.

". . . Nós estamos em uma casa no meio do campo francês. É importante tentar se adaptar a um estilo de vida diferente, um ritmo diferente. Tranquilidade é bom. "

Estremeci.

"Eu odeio tranquilidade", disse eu.

Ela virou uma página, para qualquer distúrbio caracterizado por um ódio de estar em tranquilidade, lugares distantes.

²³ (Transtorno do déficit de Atenção/Hiperatividade)



"Por que você não vem?" Eu perguntei.

"Os sapos", disse ela. "Estou bem aqui".

Fui para fora e me sentei no caminho com as minhas pernas na minha frente e deixando o salto de rã á pouco mais de meus tornozelos. Elas realmente pareciam gostar disso. Meus tornozelos foram claramente melhorando coisa que tinha acontecido na terra rã por um tempo. Era melhor ficar fora, pelo menos, e fora de casa sem ar. Comecei a caminhar de volta para a estrada. Era uma visão bonita, sem dúvida. Mas até ver o mais bonito vai usar em seus nervos, se você está se sentindo muito cortado e furado e incerto sobre o que diabos está acontecendo. Então, enquanto eu apreciava a luz suave amarelada espalhada por montes brancos em torno de nós, as listras brilhantes das culturas de lavanda roxa, e o cheiro inebriante do pinheiro. . . O que eu queria ver eram barras no visor do meu celular.

Eu andei por pelo menos dois quilômetros, com nada além da bela vista para me fazer companhia. Sem pessoas, sem sinal. Passei por um olival, as árvores carregadas de frutos. Eu vi alguns pequenos animais felpudos animais correndo por todo o caminho. Caso contrário, nada.

Eu finalmente cheguei a uma pequena casa de campo vermelha, uma com uma pessoa real em torno da moagem na frente dela. Eu digo moagem porque isso é realmente o que ele estava fazendo. Eu nunca tinha visto antes uma moagem real. Certamente, a moagem real tinha uma qualidade desajeitada para ele, um verdadeiro despropósito que podia ser sentido por qualquer espectador. Ele estava circundando o gramado na frente da casa.

O moleiro era bom o suficiente para se olhar, em seus vinte ou trinta anos, com cabelos compridos. Ele estava coberto de sujeira, nos joelhos e shorts e nas mãos, como se tivesse acabado de trabalhar no jardim. Havia um cesto de plástico de grandes tomates, pimentões e berinjelas no degrau da frente de pedra. Ele tinha um olhar de total confusão em seu rosto, e um jeito nervoso de fumar, como se ele apenas não pudesse começar nicotina suficiente e tivesse de sugar rápido, goles ávidos. Ele me viu, piscou algumas vezes, acenou com firmeza, e disse bonjour. Eu disse bonjour de volta. . . Mas quando ele começou a falar em um rápido francês, eu balancei a cabeça e me aproximei.

"Desculpe, eu disse. "Eu não falo -"

"Oh", ele disse rapidamente. "Você é Inglês? Americano? "

"Americano", disse eu.

O inglês do homem era perfeito, mas ele era claramente francês. Seu sotaque era leve - apenas torcia as extremidades de suas palavras.

"Meu cachorro", disse ele. "Estou procurando meu cachorro. Muitas vezes ele sai a caça de coelhos, mas ele foi há horas agora. Você viu um cachorro? "

"Não", eu disse. "Eu sinto muito".

Ele mordeu o lábio inferior, pensativo e olhando para as árvores novamente.

"Tenho medo que ele possa ter ficado preso em um buraco ou ferido", disse ele. "Eu chamo e chamo, mas ele não vem."

Ele chupou o último cigarro até o topo e derrubou para a grama, ainda em chamas. Ele apagou a si mesmo.



"Você está visitando?", Disse.

"Yeah. . . eu e minha irmã. . . estamos na casa de campo na estrada, e nosso primo - "

"Eu conheço a casa de campo", disse ele.

"Eu estou tentando fazer um telefonema. Nossos celulares não funcionam aqui. Não há recepção."

"Os telefones celulares? Ah. . . móveis. Sim, eles não funcionam aqui. Eu lamento. Eu não tenho telefone. Meu nome é Henri. E o seu?

"Char -" Todo mundo me chama de Charlie. Mas parecia que eu deveria usar meu nome verdadeiro na França, para forjar minha nova identidade francesa. "- Lotte".

"Charlotte. Mas você está com sede? Esta muito quente. Gostaria de uma bebida? "

Acenou-me dentro da casa, sem esperar pela minha resposta, pegando a cesta quando fomos para dentro.

"Você planta aqui?" Eu perguntei.

Ele olhou para a cesta. Parecia que ele tinha esquecido que ele estava segurando ela.

"Sim", disse ele distraído. "Temos um jardim muito bom".

A porta se abriu diretamente em uma grande cozinha de fazenda com piso de madeira tosco, molhos de ervas secas pendurados no teto, e um fogão enorme vermelho pesado, acendedores lisos cobertos por tampas pesadas. A cesta foi para a mesa.

"Eu tenho limonada", disse ele. "É muito boa".

Lhe agradei, e ele me serviu um copo. Era certamente muito autêntico - tão torto que eu quase comecei a chorar. Mas eu senti que tinha que passar por isso de alguma forma, apenas para ser educado.

"Você está aqui com a sua família?", Perguntou ele.

Novamente, ele disse vagamente, pegando outro cigarro do maço sobre a mesa, acendendo, e chupando-o rapidamente.

"Só a minha irmã, Marylou", eu lembrei dela. "Bem, na verdade, Marie-Louise".

Os olhos de Henrique entraram plenamente em foco, como se ele estivesse me vendo pela primeira vez. Ele abrandou o fumo, tendo um fácil arrastar e definindo o cigarro no cinzeiro.

"Seus nomes são muito engraçados", disse ele. "Muito históricos".

"Eles são?"

"Você sabe muito sobre a Revolução Francesa?", questionou.

"Um pouco", disse eu. E por "um pouco", quero dizer quase nada, mas parecia que ele estava preparado para fazer mais do que falar, então eu estava bem.



"Bem, como estou certo que você sabe, o povo derrubou o rei e a rainha e matou a maior parte da aristocracia. Houve um período chamado de Terror, onde milhares de pessoas foram mortas. Então havia a Lei dos suspeitos. Isso significava que qualquer cidadão determinado a ser um inimigo do povo poderia ser preso imediatamente ou executado. Acho que agora podemos chamá-los de terroristas. . . . Qualquer um poderia ser acusado. Qualquer um poderia ser morto. Qualquer um poderia ser capaz. "

Eu estava assentindo longe, me perguntando onde isto iria, mas principalmente o que eu estava tentando descobrir quando bebi a limonada sem parar na parte em que a minha língua realmente reagiu ao azedume.

"Marie-Louise era o nome da princesa de Lamballe, a confidente de Marie Antonieta. Ela foi morta nos Massacres de Setembro, em 1792. Você sabe o que fizeram com ela? "

"Não", eu disse.

"Eles a arrastaram da prisão de La Force. Uma multidão desceu sobre ela, rasgando-a em pedaços. Eles cortaram a cabeça de seu corpo e levaram a um cabeleireiro para dá-la. . . . Como você diria isso. . . . estilo? Então eles colocaram em um pique e levaram para a janela de Maria Antonieta e ela ficou preso lá dentro, como uma marionete. E Charlotte. . . . que é o nome da assassina mais famosa em toda a França. Charlotte Corday. Ela apunhalou Jean-Paul Marat na banheira. Há um quadro muito famoso disso. "

"Certo", eu disse. "Mas os nossos nomes são do tipo comum".

"Eles são, é claro. Isso é verdade. "

Ele acendeu um cigarro, e notei que Henri beliscou um bocado no lado. Ele teve que trabalhar seu caminho através de quatro partidas antes que ele pudesse tê-lo aceso. Eu meio que sabia do que ele estava falando, mas agora eu estava pronto para ele fazê-lo. Isto era talvez mais do que eu tinha esperava, conversa-sábua, e eu estava com uma limonada. Eu ainda não tinha sinal de telefone celular, e eu ia ter de me apressar para trás se eu estava indo para voltar a tempo para Bob l'éponge.

"Esta é apenas a história francesa", disse ele. "Você aprende como uma criança. Mas ela sempre foi um ponto para mim: qualquer pessoa é capaz de matar. Qualquer um. Muitos na revolução, disseram que mataram para serem livres, mas isso não explica as multidões. . . . As pessoas que invadiram as casas, que arrastaram pessoas gritando para a rua e rasgaram sua carne, as lavadeiras que gritaram para o sangue na guilhotina. Completamente pessoas normais, o cidadãos medianos. O espírito revolucionário, que era chamado. Ela nunca foi o espírito revolucionário. Foi o espírito de assassinato. É na França, está em toda parte. .. "

Havia oficialmente algo estranho com Henri, pelo menos para mim. Talvez esta era apenas uma maneira de ser francês no ambiente: uma pequena história sobre os assassinatos em massa famosos do passado para quebrar o gelo. Ele passou a cerca e sobre várias atrocidades até que eu senti que eu simplesmente tinha que trazer um fim ao processo.

"Você se importaria se eu usasse o banheiro?" Eu perguntei quando ele tomou uma respiração entre as frases.

Este pedido apanhou Henri desprevenido por um momento, e ele se atrapalhou com o cigarro um pouco.

"Sim". . . É claro. O banheiro está no topo da escada. "



A casa de Henrique era muito mais agradável do que a nossa, mas fazia sentido, já que ele realmente vivia lá. A sala era muito arrumada. Não havia televisão lá - apenas um monte de livros, alguns equipamentos de câmera, uma impressora maciça, e o que parecia ser um aparelho de som agradável. As paredes eram cobertas de fotografias artísticas: algumas paisagens e alguns de Henri e uma mulher, que eu presumi que era sua esposa. Em uma delas, perto do topo da escada, a mulher estava completamente nua. . . Mas era muito bom gosto e francês e meio tocante. Havia pilhas de livros absolutamente em todos os lugares e alguns brinquedos de cão no chão.

O banheiro era bem no topo da escada, como ele disse. Era numa sala com azulejos azuis. Não havia nenhuma casa, nenhum tapete de banho, sem cortinas, sem papel higiênico, sem cortina de chuveiro - nada macio. Sem sabonete, mesmo. Era como se ninguém vivesse aqui, ninguém usava esse banheiro em tudo.

Quando eu voltei lá embaixo, Henri estava em pé na soleira da porta escancarada. Um vento tinha empurrado para cima, e o vermelho grande da porta bateu longe sobre as dobradiças para a frente da casa. O vento chicoteava para o corredor e mandou coisas flutuando por todo o lugar. Nada disso pareceu incomodar Henri.

"Uma tempestade, eu acho", disse ele. "Acho que hoje à noite. Posso lhe oferecer algo para comer?"

"Não", eu disse rapidamente. "Eu deveria voltar. Minha irmã. . . ela vai se preocupar. "

"Ah, sim. Sua irmã. "

"As imagens são realmente agradáveis, eu disse. "É sua esposa?"

Ele olhou como se ele não tivesse absolutamente nenhuma idéia do que eu estava falando.

"As fotos ao longo das escadas", eu disse, apontando para trás em uma dúzia ou mais gravuras.

"Minha esposa", repetiu. "Sim. Minha esposa. "

"Nós ficaremos por um tempo", eu disse, escorregando por ele e para fora da porta. "E eu vou manter um olho para um cão perdido".

Voltei para a casa rapidamente, querendo colocar a maior distância possível entre Henri e eu. O vento soprava como o inferno todo o caminho de volta, jogando poeira e pólen nos olhos. Eu era um meio-cego bagunçado quando eu cheguei de volta ao nosso quarto, onde Marylou estava na mesma posição exata, seus pezinhos dobrados em cima da cadeira. Ela havia fechado as pesadas persianas azuis na janela do quarto para bloquear o vento, por isso agora a sala estava bastante escura, iluminada apenas por uma lâmpada antiga no canto.

"As pessoas aqui são estranhas", disse eu.

Marylou olhou do *The Big Book of Crazy*²⁴

"Defina estranho", disse ela.

"Estranho como eu passei em uma casa no caminho, e o cara estava de pé ao redor como um zumbi, procurando seu cão, e tudo que ele falou foi da Revolução Francesa e do espírito de

²⁴ (O grande livro da loucura)



assassinato e algo sobre alguma lei suspeita. Ele era muito assustador. Ele não tinha nada em seu banheiro - "

"Charlie", disse ela, colocando o dedo em seu livro e o fechando. "Eu pensei que você tivesse parado."

"Estou falando sério".

Mas era claro que ela não acreditava em mim.

"Nós devemos apenas voltar para Paris", eu disse. "Voltar para a cidade, tomar o mesmo trem de quando viemos. Este lugar é péssimo ".

"Só que Claude esta provavelmente a caminho daqui. Então, nós chegaríamos lá e não teríamos para onde ir. Você não teve nenhuma sorte com o telefone? "

Eu balancei minha cabeça.

"Bem, Erique trouxe o mantimento, enquanto você estava fora. Devemos comer, eu acho."

Erique tinha trazido comida deliciosa para nós - frango assado, pão, tomates e queijo fresco cheio de lavanda. Havia ainda mais Orangina quente. O vento estremeceu a casa quando Marylou juntou a nossa mesa Hobbit com as pesadas placas azuis-e-brancas do armário. Ela fechou as cortinas da cozinha bem quando a sala ficou às escuras. Sentei-me num dos bancos, olhando para o padrão de nós e saliências na madeira da mesa.

"Venha", disse ela. "Coma. Isso aqui não é tão ruim. Tente isto. "

Ela arrancou algum frango com um garfo e me cortou um pedaço do queijo e do pão. Era tudo delicioso - o frango fresco cheio de tomilho, o queijo com as bonitas manchas roxas de lavanda. Eu acho que eu deveria ter sentido o conteúdo e o francês, seguro e confortável por dentro, com o vento soprando de fora. Mas eu não senti. Me senti apenas um pouco doente.

"O que ouve com você?", Perguntou ela.

"Foi esse cara e sua estranha historia".

"Tudo bem", disse ela, espalhando o queijo grosso em um pedaço de pão. "O que ele disse que te assustou tanto?"

Então eu disse a ela tudo que eu podia lembrar sobre a história de Henri, desde os grandes cumprimentos de apunhalar aos fatos exatamente como eu tinha ouvido falar deles. Quando terminei, Marylou apenas balançou a cabeça.

"Então, ele gosta de história", disse ela. "E ele é um pouco mórbido. Você não pode simplesmente lhe escrever como um louco, Charlie. "

"Essa não é a palavra que eu gostaria de usar", eu a corriji.

Marylou riu disso. Eu me senti um pouco melhor uma vez que eu tinha começado a por a história para fora. O vento não parecia tão tempestuoso. Tomei um grande pedaço de frango, e conversamos sobre outras coisas por um tempo, como o fato de que Marylou tinha encontrado uma raquete de Ping-Pong e bolas, quando eu tinha ido embora e como nós conseguimos converter a nossa mesa em uma mesa de pingue-pongue do paraíso. Nós só estávamos



terminando quando fomos surpreendidos por uma batida na porta. Marylou saltou para respondê-la.

Não era Claude, como tínhamos tanto esperado. A notícia foi realmente um pouco melhor do que isso. Era um cara, talvez da idade de Marylou. Ele era alto e magro, com cabelos encaracolados escuros em um corte curto, mas desiguais. Ele estava vestindo uma surrada camiseta do Led Zeppelin e jeans esfarrapados cortados na altura do joelho. Ele tinha um raminho de algo verde ou outro em seu cabelo, algo das muitas formas de vida vegetal que nos rodeiam. E ele estava suando abundantemente. Tudo isso de lado, ele era muito bonito. Bem, muito, realmente.

Ele abriu a boca para falar, mas eu cheguei primeiro, só para tirá-lo do caminho.

"Desculpe", eu disse. "Nós não falamos francês."

"Meu Inglês é tão-tão", disse ele, entrando na sala timidamente e olhando em torno de nossa pequena cozinha. "Eu sou Gerard. Eu vivo na aldeia. Eu vi você antes, andando no caminho. Eu pensei que eu poderia vir, dizer Olá".

Nós olhamos para ele estupidamente. Acontece que, se você está preso em uma cabine francesa durante dias a fio e um cara aparece, basicamente você perde a cabeça. Habilidades Sociais corretas para fora da janela.

"Olá", Marylou disse finalmente. "Você quer. . . Hum. . . Algum frango? Ou queijo ou. . ."

Ela apontou para a escolhida carcaça de frango em cima da mesa e o queijo em maior parte comido e os restos de pão.

"Uma bebida!" Eu disse, lembrando o início da hospitalidade. "Temos Orangina!"

"Uma bebida. Obrigado. "

Coloquei para Gerard alguma Orangina, e ele se sentou à mesa conosco. Ele olhou para o vidro timidamente. Ele era um garoto forte, do tipo que parecia que ele tinha sido levantado nestes domínios gloriosos, o desenvolvimento de músculos fortes através do queijo rolando ou seja lá o que você fazia quando você era um cara alto francês que cresceu em uma bonita vila no meio do nada.

"Você é?", Perguntou ele.

"Eu sou Charlie. Charlotte".

"Charlie Charlotte?"

"Qualquer um", eu murmurei.

"E eu sou Marylou", acrescentou a minha irmã. Ela tinha visto eu me atrapalhar, e ela não estava indo na rota do nome francês.

"O que vocês estão fazendo aqui?", Perguntou ele.

Eu fui na frente de Marylou e comecei a contar a Gerard a história do Sr. 56E, Claude, as pequenas armaduras, Erique, os sapinhos, todo o caminho através de Henri e seu conto de angústia, destruição, e estranheza. Esta última pareceu chamar a atenção de Gerard, porque ele olhou para mim o tempo todo que eu estava falando, seus brilhantes olhos castanhos olhando bem para os meus.



"Henri gosta de história", disse ele, mas ele certamente não parecia feliz com isso. Juntei ao habito que Henri tinha de falar de morte e destruição e história para quem chegava perto. Gerard apenas tinha aquele olhar que ele tinha ouvido isso antes.

"O que você faz?" Marylou perguntou.

"Eu vou para a universidade em Lyon. Eu estudo psicologia."

Oh, a alegria no rosto de Marylou. Uma alma gêmea. Ela começou a divagar sobre todos os bons momentos que ela tinha no laboratório de psicologia atormentando outros estudantes por oito dólares á hora. Gerard balançou a cabeça e, ocasionalmente, comentou. Eu deduzi que ele tinha dezenove anos, tinha ido a universidade por um ano, e não estava tão animado sobre ser um psicólogo como Marylou. (Ninguém pode ser, realmente.) Ele ouviu por uma boa e sólida hora, mas notei que ele olhou para mim muito mais do que para Marylou.

O que foi um pouco estranho. Eu só imaginei que Gerard estaria mais interessado naquele que parecia um pouco mais velho, mais são, e em seu assunto, mas este não era o caso.

Toda vez que Marylou desviava o olhar, seus olhos encontraram os meus com um interesse definido, e eu gostaria de beliscar um pouco de emoção. Eu não me importava com a França toda com Gerard na imagem.

"Este DS. . . DS. . . ", Disse ele em resposta a algo que Marylou estava dizendo.

"O DSM-IV", disse ela.

"Sim". Eu gostaria muito de ver isso. Você diz que tem isso? "

"Claro!" Marylou estava fora do seu assento em um tiro e subiu os degraus para o nosso quarto. No momento em que ela saiu, Gerard se inclinou sobre a mesa, chegando perto do meu rosto.

"Me ouça", disse ele. "Se você quer viver, se você ama sua irmã, me siga agora."

"O que?"

Mas com isso, ele pegou meu telefone e correu.

Certo, então. Você está comigo. Você está sentado lá com um dos caras mais bonitos que eu já vi. E ele pergunta se você quer viver. E ele rouba o seu telefone. E diz que você tem que o seguir.

Você vai segui-lo, certo? Porque o que mais você vai fazer?

Certo?

Talvez nem todos teriam feito isso. Acho que algumas pessoas teriam imediatamente fechado a porta atrás dele e começado a gritar. Se eu fosse como você, se você é uma dessas pessoas, esta história teria sido muito diferente.

Mas eu fui rasgando o caminho após ele, gritando seu nome. Gerard era rápido, e alto, com pernas muito longas. Ele rapidamente me ultrapassou. Segui todo o caminho até a estrada de terra, onde ele fez uma curva acentuada, em seguida, ele dirigiu pelas árvores. Segui.



Então ele se foi. Eu estava em pé no meio do mato.

"Eu não vou te machucar", disse Gerard.

Ele saiu de uma árvore atrás de mim. Eu recuei, finalmente percebendo que seguir um ladrão no meio do nada é um movimento realmente idiota.

"Ah", disse eu.

"Isso é importante, Charlie", disse ele, pisando mais perto. "Você quer contar a história para sua irmã? A que Henri te contou. Você repetiu isso? "

Esta era a última coisa que eu estava esperando ouvir, e provavelmente não é o tipo de coisa que uma pessoa que planeja atacar você diria.

"O que?"

"Você tem de me dizer, Charlie! Você contou a ela sua história? Sobre a Lei de suspeitos? "

"História?" Repeti. "Essa história estúpida que Henri me disse? Sim! Eu disse a ela! "

Esta lhe atingiu como um golpe. Todos os músculos de seu rosto pareciam estar relaxados e ele caiu de costas contra uma árvore e olhou para os ramos em desespero. Ele exalou uma vez, muito lentamente, e olhou para mim.

"Eu estou lhe mostrando alguma coisa", disse ele. "Você não vai gostar disso. Mas você precisa ver isso para entender o que está acontecendo. "

Ele puxou o saco de mensageiro em torno de seus ombros. Do qual ele removeu o que parecia ser algum lixo. Apenas um pacote de sacos plásticos. Ele lhes deu uma sacudida, e algo pulou para fora do caminho. Algo pequeno, como um pássaro. Um morto.

E eu me lembro de pensar: Por que diabos ele está carregando um pássaro morto? Então o meu cérebro continuou a trabalhar sobre o problema e, finalmente, decidi que a única coisa no caminho não era um pássaro. Então essa foi a boa notícia. A má notícia foi. . .

Era uma mão.

Não ligada em um corpo.

Uma mão branca azulada, sem derramamento de sangue, desmembrada - cortada muito cuidadosamente sobre o local onde você deseja usar um relógio. Era muito suja. Era uma mão pequena, mas talvez todas as mãos parecessem pequenas quando elas estão. . . Desconectadas.

Por um momento eu não senti nada, então fiquei muito tonto. Eu tive um ciclo através de uma série de emoções, de fato. Havia um sentimento, flutuando alto na minha cabeça. Eu ri. Eu tossi. Eu tropecei e cai em todos os quatro.

"Eu encontrei isso na casa de Henrique", disse ele, como se minha reação fosse exatamente o que ele estava esperando. "Isso estava semi-enterrado no jardim de berinjelas. Algo cavou isso e deixou exposto. Creio que esta é a esposa de Henrique. Bem, a mão dela. O resto dela. . . Acho que também está lá. Agora você tem que me escutar. Sua vida está dependendo disso. "



Eu coloquei meu rosto contra a sujeira, acidentalmente, farejando algo dele no meu nariz. Acho que eu estava respirando muito rápido. Cheirava cogumelos até o fecho.

"Charlie", Gerard disse, "você pode se sentir doente, mas esta não é a hora. . .".

"Não é?"

Eu estava rindo de novo e cheirando mais sujeira. Ele me ergueu em meus braços e começou a me por sobre meus pés.

"Polícia", murmurei.

"Nós não temos tempo", disse ele, me apoiando contra uma árvore e me deixando equilibrado. "Agora você deve ouvir, e você deve tentar entender. Nós não podemos ajudar essa pessoa. . .".

Ele apontou para o lado, que era ainda apenas fracassado, palma para cima, e tendo nossa conversa em um passivo tipo de mão, desencarnado da forma.

"Mas nós podemos salvá-la. E sua irmã. Qualquer um de vocês pode estar infectado. Você poderia ter passado isso para ela. "

"Do. . . que. . . você. . . esta. . . falando? "

"Isto é minha culpa", disse ele melancolicamente. "Eu preciso consertar isso".

Gerard pegou um pau e usou-o para empurrar o plástico sobre a mão um pouco, de modo que eu parasse de olhar para ela. Ele levantou meu queixo para cima para olhar nos olhos dele.

"Três semanas atrás" começou ele, "um psicólogo muito famoso morreu em um acidente de carro juntamente com sua esposa. Ele deixou sua biblioteca e papéis para minha universidade. Milhares de livros e papéis. Eu sou um dos cinco alunos convidados a percorrer os jornais, lê-los, classificá-los. Eu li através das caixas uma dúzia de dias, talvez mais. A alguns anos atrás eu vim para casa para ficar com a minha prima para uma visita. Eu estava autorizado a pegar levar alguns papeis comigo. Eu os li no trem. Muitos deles eram muito chatos, mas depois, eu encontrei um maço de papéis que parecia muito velho. A eles estava associada uma nota manuscrita do psicólogo que dizia: "Não leia".Então, eu os li. Ou a maioria deles. Isso fazia parecer que ele estava estudando o impulso de assassinato - como pessoas normais poderiam matar ".

Eu quase ri e quase disse: "Normal não é uma palavra que eu gostaria de usar".Mas eu tinha certeza que se eu tentasse falar, eu vomitaria.

"O psicólogo", Gerard continuou, "ele era um grande homem, mas quando ele ficou mais velho, começou a estudar coisas que muitos acham ridículo, áreas muito incomuns da psicologia. Estas notas suas falavam de uma história em que as pessoas se matam, uma vez que ouviram isso. A história era sobre a revolução, sobre o espírito de assassinato. Sobre a Lei dos suspeitos. Uma vez que você ouvir isso, você vai matar alguém próximo a você antes da manhã seguinte. Os papéis passaram a dizer que só uma pessoa é. . . infectada. . . ao mesmo tempo. Como uma maldição. Uma vez que a pessoa mata, eles são obrigados a contar a história para alguém, então eles se matam.

Uma cópia desta história mortal foi anexada, junto com muitas notas de advertência. Não havia nenhuma indicação de que ele tinha lido isso. Na verdade, parecia que ele não tinha. Ele simplesmente localizou a última cópia conhecida e manteve. Um impulso acadêmico. Você não pode se livrar de um documento importante, não importa o quão perigoso. As notas indicam que isso estava em uma carta datada de 1804. Isso tinha sido perdido por muitos e muitos anos, mas



ele tinha descoberto e desejou que ele não tivesse. Eu não levei isso a sério. Isso não é científico. Ridículo. Então eu parei de ler e adormeci. "

Com isso, ele sacudiu a cabeça miseravelmente.

"Quando cheguei na minha prima, eu lhe contei a história ao longo de um café. Ela riu e pediu para ver os papéis. Eles não eram secretos, então eu mostrei a ela. Naquela noite eu saí com amigos. Eu fui embora muito tarde. Eu cheguei e fui dormir direito.. .".

Era obviamente difícil para Gerard dizer essas coisas. Mas eu não tinha dúvida de que elas eram verdadeiras. Mentirosos não são bons dizendo verdades. A cor tinha ido de seu rosto e ele estava pegando no seu cabelo. O choque causado pela mão aprofundou em pavor, um pavor que afundou em meus ossos e me fez incapaz de se mover.

"Na manhã seguinte, a casa estava em silêncio. Minha prima e seu marido não faziam nenhum barulho. Depois de algum tempo eu estava preocupado. Então, eu abri a porta do quarto. Isso foi quando eu encontrei o marido. Ele tinha sido apunhalado com um saca-rolhas, profundamente dentro do ouvido. Minha prima estava no armário. Ela se enforcou com o . . . o cordão. . . em torno da cintura de seu roupão. Isso foi há três dias atrás. "

Me lembrei do carro da polícia e uma ambulância. Essa deve ter sido a casa. Tínhamos passado direto e eu não tinha idéia.

"A polícia pensou que ela talvez tivesse enlouquecido, entrou em uma crise de ciúmes, mas eu conhecia minha prima. Não havia nada de errado com ela, até que li essa história. Eu não sei como isso funciona ou porquê. A história é real, e eu trouxe isso de volta trazendo os papéis aqui. Eu não fui capaz de voltar para casa por um dia, mas quando eu fiz. . . os papéis não estavam em nenhuma parte. Perguntei para a polícia se eles tinham pegado isso, mas eles não tinham. Lembrei-me que o psicólogo afirmou que a história seria transmitida antes da morte. Pensei que o meu primo tinha passado os papéis para alguém. Nos dois últimos dias tenho observado seus amigos. Eu vi Henri na aldeia, esta manhã, pegando alguma correspondência. Mais tarde eu fui à sua casa. Eu vi você lá. Eu vi ele regando o jardim, agindo muito estranho. Eu fui ao jardim enquanto você estava lá dentro com ele. Achei isso. . .".

Ele apontou para o plástico cobrindo a mão.

"Eu não vi a esposa. Você viu?"

"Não", eu disse, conseguindo encontrar a minha voz. "Ele disse que estava à procura de seu cão".

"Seu cachorro", disse ele, balançando a cabeça. "Sim. Isso faz sentido. O cão estava sempre com sua esposa. Quando ele a atacou, eu imagino que o cão tentou detê-lo. O cão também deve estar morto. "

"Então você está dizendo", eu disse, "que Henri está infectado por alguma história em uma carta, e ele matou sua esposa".

"Eu não quero acreditar em mim mesmo. Mas a minha prima e seu marido estão mortos. E Henri tem apenas um corpo enterrado em seu jardim. E ele disse que tem uma história exatamente como descrevi. Os próximos passos são claros. Henri vai morrer, e você ou a sua irmã será infectado. Só pode ser um. Antes que a noite acabe, um vai matar o outro, e depois cometer suicídio. "



Isto não era possível. Nada disso era possível. Mas havia uma mão. E me lembrei como me senti depois de Henri falar comigo. Não era certo. Não era normal. Alguma coisa tinha acontecido.

"De acordo com as notas", disse ele, "há um caminho. Houve casos em que pessoas foram poupados porque estavam seguros, ou estavam sozinhos. Você deve se colocar em um lugar onde você não pode machucar ninguém".

Um silêncio caiu entre nós. De longe, ouvi Marylou chamando por mim. Isso me trouxe de volta à realidade de estar no mato com Gerard e a mão.

"Por favor, Charlie", ele implorou, se levantando. "Não volte. Olhe. Eu tenho. . . Tenho água e alimentos. Aqui. Suficiente para uma noite".

Mais coisas foram produzidas a partir do saco. Uma garrafa de água. Algumas barras de chocolate. Uma pequena lanterna. Ele colocou a comida no chão e apertou a lanterna na minha mão.

"Henri sabe o que ele fez. Ele passou sobre a história. Seu tempo está acabando. Se você for agora, se você pode ficar até de manhã, então você estará bem. Você só precisa ser isolado. Pegue estas coisas e passe a noite aqui fora, tão longe da casa, você pode começar. Tão longe da vila. Você se perde."

"Oh", eu disse, rindo agora. "Eu vejo. Eu me perdi na floresta durante a noite. Soa maravilhoso, Gerard. Soa como um plano. E por que você tem que dizer isso para mim aqui fora?"

"Sua irmã não iria acreditar em mim", disse ele simplesmente. "Mas eu senti que você iria. Eu espero que você faça."

O céu escureceu e tinha começado e o ar umedeceu. A tempestade que Henri tinha prometido anteriormente estava sentado em cima de nós, esperando para entrar em erupção. Olhei para a água e os doces. O alimento que tinha estado em um saco com uma mão decepada.

"Você está certo sobre uma coisa", disse eu. "Precisamos sair daqui".

Eu me virei e comecei a andar para trás. Ouvi Gerard me chamando, implorando. Mas eu continuei. Ele não me seguiu.

Quando me empurrei para trás através dos ramos, seguindo o som da voz de Marylou na casa, eu avaliava a minha situação. Aquilo era uma mão real, eu tinha certeza. Essa era a grande coisa aqui. Alguém estava morto. E o banheiro nu de Henrique, despojado de qualquer coisa que pudesse. . . Absorver o sangue. Toalhas e papel. Se eu estivesse indo cortar um corpo, eu o faria em uma banheira. Então eu lavaria a banheira e desinfetaria isso. Então eu me livraria de tudo o mais. Sim, isso fazia sentido. Então, Gerard teve um trauma e achava que isso tudo foi baseado em uma história. Luto e culpa o haviam confundido. Mas ainda havia um perigo aqui, e o perigo era Henri. Henri sabia onde morávamos. Ele sabia que os nossos telefones não funcionavam. Ele sabia que estávamos sozinhos. O que significava que eu tinha que convencer Marylou de que precisávamos sair agora.

Tudo parecia estranho e embaçado. Comecei a correr, sem prestar atenção para os sapos minúsculos que poderiam estar sob os meus pés, sentindo como eu estava saltando alto a cada passo. O céu escurecendo lentamente parecia como uma das paisagens que Van Gogh costumava pintar: nuvens rodeando contra uma paleta de cores brilhantes do sol. A visão da casa palpitava no tempo em meu pulso. Marylou estava me esperando na porta aberta, parecendo furiosa, ainda segurando seu fiel DSM-IV.



"Aí está você!", Disse ela. "Sai por dois minutos e você tinha ido embora! Que diabos está acontecendo? " Eu a empurrei para dentro e fechei a porta atrás de mim.

"O que há de errado?", Ela perguntou quando eu cai sobre uma das bancadas da cozinha. "Charlie, você está doente. Você está tão pálido".

Ela não ia acreditar na mão. Não, não, não ia acreditar. Seria preciso algo mais, algo mais plausível. Levaria uma mentira. Um megaton²⁵ de mentiras.

Eu tinha um em um segundo.

"Gerard", eu disse. "Aquele cara. Ele é louco. Ele roubou o meu telefone, e ele correu para fora. Eu o persegui, e ele tentou me atacar. Eu quase não escapei. Ele ainda está lá fora. Temos que sair daqui. "

"O que?", Disse ela, me sentando e colocando um braço em volta dos meus ombros. "Charlie... Ele machucou você?"

"Estou bem. Eu bati nele. Com isto" Eu levantei a lanterna. "Eu não sei o que ele ia fazer com ele, mas eu tive que tirar dele e bater nele com isso. Eu bati na cabeça dele, duro, e ele meio que fugiu. Agora temos que sair, chegar à vila, e pedir ajuda. Isto não é uma mentira. Olhe para mim. "

Eu podia ver Marylou testar a plausibilidade da minha história em sua cabeça. Eu tenho que dizer, eu dei uma performance magnífica. O que eu estava dizendo não era exatamente verdade, mas o sentimento por trás disso, certamente era. Meu medo era real. E eu tinha a sua lanterna. E ela provavelmente tinha visto ele correr. Havia muito para apoiar a minha história.

Marylou se levantou e passeou na cozinha, enquanto ela pesou os fatos. Eu vi o lampejo de aceitação em seu rosto.

"Quantos anos você acha que ele tinha?", Perguntou ela. "Dezoito? Dezenove? É comum que as pessoas daquela idade terem experiência de uma menor ruptura psicótica ".

"Isso é tranquilizador", disse eu, engolindo em seco.

"Se ele está lá fora, temos de ficar aqui. Temos de trancar tudo ".

"Não", rebati rapidamente. "Ele disse que ia voltar. Ele disse que iria entrar. Esta é a nossa única chance. Se formos agora, poderíamos chegar à cidade antes que ele nos apanhe ".

Marylou deu um passo para trás do banco e colocou as mãos nos quadris, olhando preocupada em torno do quarto.

"Tudo bem", disse. "Tudo bem. Aqui".

Ela foi para os ganchos na parte de trás da cozinha e pegou duas pesadas capas impermeáveis de chuva verdes que estavam penduradas ali.

"Ponha isso", disse ela, deixando cair uma das capas sobre a mesa. "Vai chover".

Ela sacudiu em torno de uma das gavetas da cozinha e produziu pesada escultura de faca, que passou para mim.

"Ponha isso em alguma coisa", disse ela.

²⁵ (A unidade de força explosiva igual ao de um milhão de toneladas de TNT)



"Para que é isso?"

"Proteção. Estou indo fechar as persianas do resto do andar de cima. Você fecha as daqui em baixo. "

Ela subiu as escadas. Fui para os outros dois quartos, e fechei as persianas contra nada, então coloquei a minha capa.

"Eu achei isso também", disse ela, correndo pelas escadas. Era um pedaço de cano pesado, cerca de um pé de comprimento, que parecia uma seção de algo muito maior. "Se ele chegar perto de nós, isso vai pô-lo para fora".

Minha irmã foi surpreendentemente boa com armas improvisadas, especialmente para alguém que não conseguia sequer segurar uma aranha. Se Gerard estava assistindo, eu rezei para que ele conseguisse nos evitar.

Provei o ar úmido, e tudo cheirava profundamente à terra molhada e lavanda. Era um céu estranho, tudo suave e ondulado à luz verde difusa. As rãs estavam fora em um vigor de rãs completo, e praticamente tínhamos que dançar no caminho para evitá-las. Para além das cigarras descontroladamente cantantes, não havia nenhum barulho, exceto os pés no cascalho. As árvores e o ar pesado parecia absorver e abafar todos os outros ruídos.

Nós não vimos ninguém em nossa caminhada. Marylou pegou o tubo o tempo inteiro.

Começou a chover após a primeira milha ou algo assim. Ela veio com força, fazendo um barulho ensurdecedor sobre as capas de chuva pesadas. Os poços na estrada cheios de água e era impossível de se ver, por isso continuamos tropeçando nelas.

A chuva tinha uma vantagem, no entanto. Ele fez má visibilidade. Quando chegamos à casa de campo de Henrique, era fácil bloquear o campo de visão de Marylou e mantê-la olhando para outro lugar, então ela não poderia ver as manchas através das árvores. Tínhamos passado dela, sobre um outro quarto de milha ou algo assim, antes de minhas ilusões de segurança serem quebradas. O encontramos de pé na estrada, olhando fixamente para o nada. Henri levantou a mão em uma distraída saudação. Ele não pareceu notar a chuva batendo. Um cigarro se desintegrou na sua mão.

"Meu cachorro", disse ele em voz alta. "Eu não consigo encontrar o meu cão".

Não havia nada que eu pudesse fazer. Marylou foi imediatamente desligada do nosso dilema com Henri, que parecia não entender uma palavra disso, mas ele apontou de volta para sua casa. Marylou o seguiu. Então eu fiz também.

Era úmido na cozinha agora. Henri estava cortando cebolas. Carregando elas. Elas foram empilhadas em cima do balcão, uma dúzia ou algo assim. A tábua em cima da mesa estava repleta delas, fatiadas e picadas, uma taça transbordando ao lado dele também.

"Estou fazendo sopa", disse sem emoção. "Sopa de cebola".

Uma pequena televisão e um aparelho de DVD posicionados no fim da mesa, e Missão: Impossível (em francês, claro) estava passando, e Tom Cruise estava fazendo a sua pequena corrida de Tom Cruise.

"Precisamos chamar a polícia", disse Marylou. "Um rapaz veio a nossa casa hoje. Qual era o nome dele? Ger. . . Gerald?"



Eu não fiz nenhum esforço para corrigi-la, mas era uma pequena aldeia e Henri sabia o que ela queria dizer.

"Há um Gerard", disse ele.

"É ele", disse Marylou, balançando a cabeça. "Meio alto? Cabelo escuro crespo? "

"Isso soa como Gerard".

Henri não parecia muito preocupado com tudo isso. Ele puxou uma cabeça de alho de uma corda pendurada no canto e se sentou sob sua tabua. Ele levou um momento para colocar um cigarro na boca, mas não o acendeu. Então ele pegou a enorme faca. Eu cheguei até Marylou para puxá-la de volta, mas ele simplesmente deu uma paulada na cabeça de alho com o lado da faca para quebrá-la em dentes.

"Minha mãe cozinha as cebolas por horas", disse ele. "Em duas garrafas de vinho. Ela iria adicioná-los lentamente, gota por gota. "

Bate, bate, bate. Ele esgotou os dentes de alho, quebrando a pele fina e quebrando-o com os dedos. Marylou me olhou de lado e tentou novamente. O calor e a umidade cheirando a cebola no quarto me tiraram o fôlego.

"Um telefone", disse ela. "Precisamos chamar a polícia. Ele atacou Charlie. "

"Ele atacou você?" Henri perguntou, não soava muito preocupado. "Isso me surpreende".

"Ele fez", Marylou lhe garantiu, assim, espalhando a minha mentira.

"Bem, ele não pode feri-lo aqui. Sente-se. Ela vai ficar bem aqui. Você está seguro aqui. A minha mulher ... mas ela não está aqui agora ".

Havia uma estranha omissão na sentença.

"Você conhece esse filme?", Perguntou ele, apontando a pegajosa faca de cebola na tela. "É muito americano, mas eu gosto. Assista. "

"A polícia", disse Marylou novamente.

Henri foi para a direita no corte. Eu tinha que fazer alguma coisa - procurar ao redor por um telefone, um computador, alguma coisa. Marylou tinha escondido o tubo sob sua capa impermeável. Se alguma coisa desse errado, espero que ela não o use.

"O banheiro", disse eu, caindo para trás em minha velha desculpa. "Eu posso. . .".

Ele acenou com a faca como permissão.

No escuro, sabendo o que eu sabia agora. . . Nada era mais horrível do que aquelas etapas escuras, a dúzia de fotos da esposa de Henrique. Eu nunca senti tanto medo. Tão sozinho. Tão condenado.

Então, quando cheguei ao topo da escada e Gerard bateu a mão na minha boca e me puxou para o banheiro, eu estava realmente muito aliviado. O outro braço envolto em torno do meu corpo, me segurando ainda. Ele se inclinou muito perto de mim, tão perto que eu podia sentir seu calor e sentir o cheiro de suor e luz ao ar livre e sentir sua respiração na minha orelha.



"O segui até aqui", disse ele calmamente. "Eu subi em uma árvore e entrei pela janela. Eu vou deixar você sair. Não grite. Eu confio em você para não gritar. "

Ele soltou minha boca e então me deixou.

"Por que você disse que eu ataquei você?", Perguntou ele.

"Eu tinha de dizer alguma coisa", sussurrei para ele. "Algo para fazer Marylou sair."

Gerard parecia um pouco magoado, mas assentiu.

"Você nunca deveria ter vindo aqui. . .".

"Foi Marylou", disse eu.

"Henrique tem um carro. Eu não sei aonde estão as chaves. Quando você descer, você encontra as chaves, e as pega. E então você coloca a sua irmã no carro e sai daqui. Está tudo bem, desde que Henri esteja vivo. Fique seguro. Chame a polícia - "

"Você quer que eu roube o seu carro?"

"Isso é melhor do que a alternativa. Faça o que eu digo neste momento. Por favor. "

Eu não sei porque eu estava ouvindo Gerard. Das duas pessoas envolvidas neste processo, ele era consideravelmente mais estranho. Tudo o que Henri fez foi nos contar uma história e fazer uma sopa. Gerard ganhou a corrida louca por uma milha, sobre a face das coisas, mas ainda. . . Eu acreditei nele. Eu acreditava que Henri tinha feito algo muito, muito terrível e que estávamos em um monte de perigo.

"Marylou não vai vir, se eu roubar um carro", disse eu, me apoiando contra a parede.

"Não", ele disse com um aceno de cabeça. "Ela terá de ser levada a contragosto. De uma pancada nela. Eu posso te ajudar com isso. Eu vou esperar lá fora, e quando você sair com as chaves, vou socar ela. Isso será muito rápido. Ela vai sentir mais tarde, mas isso é melhor do que a alternativa ".

Aqui ele estava com "a alternativa" mais uma vez, o tempo todo falando casualmente rastejando para fora na escuridão e socar minha irmã no rosto.

"O que?" Eu disse.

"Eu sei como fazer isso."

"Como?"

"Eu era um salva-vidas", ele disse claramente. "Você aprende a fazer isso quando as pessoas lutam na água. Você precisa bater no queixo. Dar socos é - "

"Eu sei", eu disse. Evidentemente, a expressão "melhor do que a alternativa" era um jeito que Gerard tinha dominado em suas aulas de Inglês. Não que eu saiba o que ele queria dizer. "Não há outra maneira? E você está dizendo que essa alternativa - "

"Você não tem tempo para esperar. Volte até lá e procure pelas chaves e - "



Antes que ele pudesse dizer mais nada, a porta se abriu, e Henri estava ali, com um rifle de caça pequeno em suas mãos.

"Bonsoir²⁶, Gerard", disse ele.

Henri moveu nós dois até a cozinha. Sua arma em Gerard o tempo todo, mas eu sentia que ele não teria particularmente que se opor a usá-la em mim. Quando chegamos lá, ele fez Gerard sentar em uma cadeira, e educadamente pediu para Marylou para amarrá-lo com um carretel de corda que tinha na porta: tornozelos e pulsos.

"Você tem que chamar a polícia", disse Marylou, pelo o que tinha que ser a décima vez.

"Devemos assegurar ele em primeiro lugar", disse ele. "Por favor, certifique-se que esta apertado."

Marylou não parecia feliz, mas ela ficou de joelhos atrás de Gerard o amarrando, atando a corda mais e mais. Gerard estremeceu, mas nunca tirou os olhos do rosto de Henrique.

"Então por que não levar o seu carro para a cidade?" Gerard perguntou. "Você quer me entregar à polícia, vá em frente".

"Sem gasolina. Eu estava indo a pé para pegar um pouco mais pela manhã. Agora. . .".

Por um momento ele parecia distraído pela visão de Tom Cruise na televisão minúscula, mas logo ele reorientado sobre a situação na mão.

"Você tem dado alguns problemas para essas meninas", disse ele. "Você tem invadido a minha casa. O que exatamente você está fazendo, Gerard? "

"Abra o meu saco para ver".

Henri puxou o saco de mensagem de Gerard com o pé, se curvou e abriu o encaixe com uma mão, e jogou o conteúdo no chão. As barras de chocolate e garrafas de água estavam lá dentro; Gerard deve ter os colocado de volta. Havia também uma lâmina de utilidade.

"O que é isso?" Henri disse, segurando-a.

"Bem", eu disse rapidamente "temos uma faca também".

"Charlie!" Marylou gritou, se virando para olhar para mim.

"Você?" Henri perguntou, soando profundamente indiferente.

"Por causa dele", Marylou disse, apontando para Gerard. "Nós trouxemos para proteção".

Tentei comunicar "Nós não teríamos esfaqueado você, ou pelo menos eu não teria" com os meus olhos, mas parecia um sentimento difícil de atravessar. Eu nem tenho certeza se Gerard estava atento neste momento. Estávamos todos armados até os dentes, mas Henrique era o mais armado, e Gerard foi amarrado a uma cadeira, de modo a contagem da faca era discutível.

²⁶ (Boa noite em francês)



Enfim, havia um problema muito maior do que o saco, e Henri estava apenas começando nele. Ele tinha alcançado o pacote de sacos de plástico e foi desfazendo-os com uma série de agitações afiada.

Então a mão caiu no chão. Gerard e eu sabíamos o que era, mas Henrique e Marylou teriam que ter um olhar melhor.

"Será que é um pássaro morto?" Marylou perguntou, fazendo caretas.

"Ele não se parece com um pássaro", disse Henri sombriamente. Percebeu bem rápido, penso eu. Marylou Demorou outro momento, e então ela gritou. No meu ouvido.

"Descobri que, no jardim, fora desta casa", disse Gerard. "Será que o cão cavou isso, Henri? Ou isso foi algum outro animal? Será que o cão tentou te parar quando você matou sua esposa? Você sabe mesmo o que você estava fazendo? Onde está a sua esposa, Henri? Onde está sua mulher? "

O silêncio que se seguiu teve uma qualidade horrível, sugando ele. Os suspiros de Marylou foram abafados por um momento. O ar estava pesado com a cebola picada, e a tensão fez isso, de repente, dolorosamente quente.

Henri pegou o controle remoto e desligou a televisão.

"Eu acho que é mais seguro se vocês dois subirem as escadas", disse Henri, principalmente para Marylou. "Há um bom cadeado na porta do quarto da frente. Leve a sua irmã e vá para lá. "

"Eu não vou sair", eu me ouvi dizer. Eu estava completamente convencido de que se me afastasse, Henri mataria Gerard. Não havia nenhuma maneira que eu deixasse-o amarrado e indefeso.

"Vá", disse Henri. E havia uma nota em sua voz que me disse que isso é o que eu tinha que fazer ou ele atiraria em Gerard agora. Eu podia ver Gerard discretamente esticando as cordas que o prendiam. Marylou tinha-me pego pelo braço. Suas unhas estavam escavando, e ela estava chorando e dizendo: "Vamos, Charlie, vamos, Charlie" mais e mais. Gerard conseguiu virar a cabeça o suficiente para olhar para mim. Ele estava com medo. Mas ele acenou com a cabeça, me dizendo para ir. Eu deixei Marylou me arrastar pelas escadas.

O quarto foi destituído da mesma forma misteriosa como o banheiro. Não havia lençóis, sem cobertores, sem cortinas. Marylou estava tremendo, mas manteve sua postura, caminhando pelo quarto. Eu ouvi vozes abafadas lá de baixo, mas era difícil de ouvir e era tudo em francês. Parecia calmo, no entanto.

"Marylou", disse eu. "Não é Gerard. Eu menti. Ele nunca me atacou. Eu não estava correndo dele. "

"O que?", Disse ela, rodando ao redor.

"É muito complicado de explicar. . . ."

"Experimente!"

"Foi Henri", Eu bati. "Essa mão. É Henri. . . . É a sua esposa. . . sua mão. Gerard estava tentando nos avisar. Eu não achei que você acreditaria em mim, então eu disse que ele me atacou. "

"Então você está dizendo que Henri matou sua esposa. . . ."



"E provavelmente seu cão", acrescentei.

"E Gerard deu a volta para nos dizer isso. Porque ele sabia. Porque ele encontrou a sua mão ... "

"Você viu a mão, disse eu.

"Eu vi uma mão. Que estava no saco de Gerard ".

"Bem, onde você acha que pegou uma mão?" Eu gritei. "Eles não as vendem aqui. Não é um tipo de carne. "

"Eu não sei onde ele conseguiu uma mão! Mas ele tinha uma faca! E você disse que atacaram você! "

"Eu apenas disse que eu estava mentindo!"

"Oh maravilha!" Ela gritou. "Isso é muito útil! Apenas fique quieto um segundo. Preciso pensar. "

A tempestade bateu afastando das janelas, batendo-as contra a parte lateral da casa, proporcionando um ritmo horrível debaixo dos nossos argumentos. No andar de baixo os murmúrios tinham parado. Marylou sentou na beirada do colchão nu e colocou a cabeça entre as mãos.

Então ouvimos o tiro. E um baque. E nada. Tanta adrenalina inundou o meu sistema, eu senti como se eu pudesse ter quebrado a porta e corrido com ela na cabeça. Que é o que eu fiz. Corri com ela na cabeça, quero dizer, ao mesmo tempo gritando o nome de Gerard. Marylou me agarrou e me segurou. Ela segurava muito forte, se agarrando com unhas e me lançando para trás na cama.

"Charlie!", Ela gritou, pegando em meu rosto. "Você não vai lá!"

"Você ouviu isso?" Eu gritei de volta. "Ele atirou em Gerard! Eu te disse! Gerard era inocente! Ele estava tentando nos ajudar! "

"Eu não sei o que está acontecendo, mas nos vamos ficar aqui!"

"Tudo bem. . . . " Eu disse, recuando como um caranguejo-rastejante para trás na cama. "Tudo bem. . . . "

Ela voltou para a porta para se certificar de que estava garantido. Agora eu sabia o que Gerard tinha dito. Não havia tempo para discutir com Marylou. A única maneira que eu poderia tirá-la do perigo era batendo nela e a arrastando para fora daqui - porque senão ficaríamos aqui em cima, e, eventualmente, Henri iria voltar aos passos com sua arma. Olhei em volta de algo para bater nela. Isso era muito mais difícil do que se poderia pensar. As luzes pareciam que iriam matá-la, a escova de cabelo iria apenas aborrecê-la. Isso era como Goldilocks²⁷ : Tão macio, tão difícil. . . .

Eu finalmente vi um aparelho de DVD muito parecido como o do andar de baixo (Henri realmente gostei desse DVD). Era fino e parecia leve. Enquanto ela estava cuidando da porta, discretamente puxei os fios soltos da parede e a parte de trás da televisão com um cabo áspero. Em protesto o aparelho cuspiu para fora um disco. Eu empurrei a gaveta fechada.

²⁷ (Não entendi muito bem....Mas parece que é o nome de uma personagem de uma história infantil)



Como eu faria isso? Gerard disse a mandíbula, mas isso não fazia qualquer sentido. Tinha que ser a parte de trás da cabeça.

Eu pesava o leitor de DVD no meu punho. Um lado parecia oco, o outro parecia conter todas as peças. Virei-o para que o lado pesado fosse o único com o qual eu iria acertá-la. Minhas mãos suavam. Limpei cada uma no meu jeans. Marylou virou.

"Charlie, o que está -"

Eu bati em seu rosto - um baque sólido contra o osso que reverberou através do aparelho de DVD. Ela cambaleou e berrou, mas não caiu. Eu fiz ela sangrar - Eu não estou certo de onde. Provavelmente o nariz.

"Desculpe", eu ofeguei.

Bati nela novamente. Na parte de trás da cabeça como eu tinha previsto inicialmente. Ela cambaleou para a frente para me atacar, e balançou mais uma vez, beisebol estilo morcego, balançando muito e trazendo o aparelho de volta para seu queixo com toda minha força. Ela caiu no chão, um fino fluxo de sangue que fluía de seu nariz, cortando seu rosto em uma listra fina. Eu rapidamente verifiquei para me certificar de que ela ainda estava respirando, então eu revirei debaixo da cama para escondê-la.

"Desculpe", eu disse mais uma vez, empurrando-a tanto quanto eu poderia. Eu abri uma gaveta e peguei algumas roupas, dispersando-as em torno do espaço para escondê-la tanto quanto eu poderia. Este era um camuflar ruim, mas eu estava fazendo isso quando eu fui e eu desafio você a fazer melhor se isso nunca aconteceu você.

Eu parei minhas mãos e os joelhos por um instante, prendendo a respiração. Não havia nenhum barulho lá embaixo. Isso pareceu ruim. Mas também não havia ruído de passos ou fora da porta.

Marylou tinha trazido sua bolsa com ela. Enfiei a tubulação a partir dela, assim como a faca. Segurei um em cada mão, tentando descobrir qual era o melhor para o trabalho imediato. O tubo, provavelmente. Arrastei-me até a porta e desfiz o bloqueio. Fiquei por um momento, o tubo pronto, no caso da porta virar e abri a porta.

Nada. Nada além do meu batimento cardíaco. Nada mais do que meu próprio sangue bombeando tão dificilmente que meus braços tremiam.

Estendi a mão para a maçaneta, segurando-a firmemente, em seguida, joguei a porta aberta. Eu fiz esse movimento que parecia de polícia para chegar às escadas - o único onde você salta em portas prontas para balançar.

Eu escutei um barulho fraco de baixo. Da cozinha. Henri ainda estava lá em baixo.

Segurei meu aperto no tubo e tomou as medidas de cautela quanto eu poderia, querendo que o meu corpo não pesasse nada, para não causar qualquer tipo de pressão sobre a madeira velha. O barulho continuou na cozinha, e eu tentei mudar no tempo com ele. Então eu estava na porta da cozinha, o cheiro de cebola queimava meu nariz. Cheirava como se Henri tinha tomado o tempo para realmente colocá-las no fogão. Eu podia ouvi-las chiando. Mas nenhum outro movimento. Eu me preparei.

E, em seguida, uma mão atirou-se e agarrou meu pulso, me fazendo derrubar o tubo. Eu gritei.

"Está bem!" Gerard disse.



Ele estava solto, parado lá, sozinho.

"O que?" Eu disse, ofegante. "O que. . .".

E então eu vi.

Henri estava deitado no chão de costas. Sua cabeça. . . Bem, o que restava da sua cabeça...

Um bocado disso estava faltando... Eu não daria uma boa olhada. Ele estava morto. Havia uma enorme ondulação por todo esse canto da sala, e o sangue corria ao redor dele, canalizado através das ranhuras no piso de madeira. A espingarda estava sobre a mesa.

"O que aconteceu?" Eu disse. Senti-me quente e fraco, e eu tinha que pegar a entrada para o apoio.

"Ele me soltou", Gerard disse, parecendo chocado. "Ele me deixou ir. E então ele disparou nele mesmo. Onde está a sua irmã? "

"Lhe bati com um aparelho de DVD", eu disse.

Ele assentiu distraidamente. Eu pisei em torno dele e deu uma melhor olhada em Henri. Ele estava definitivamente morto. Havia muito sangue.

"Acho que ele viu a mão e lembrou do que ele fez", Gerard disse calmamente. "Isso aconteceu exatamente como as notas, como a minha prima. Henri se matou, e agora isso vai passar. "

"Oh", eu respondi.

As cebolas bateram na panela. Puxei-as fora do fogão. Eu não poderia imaginar como desligá-lo. Gerard se aproximou e abaixou uma das tampas pesadas sobre ele.

"Você acredita agora", disse ele calmamente. "Eu não queria, mas depois de ter visto isso, você sabe que isso é verdade."

O cadáver de Henrique estava no chão, metade da cabeça falatando. O que parecia impossível agora parecia totalmente plausível. A maldição estava aqui.

"Sim", eu disse. "Eu acredito agora."

"Como você se sente?", Perguntou ele.

"Bem. Quer dizer, eu só bati na cabeça de Marylou. Mas eu não queria matá-la. Isso é bom, certo? Tive cuidado com isso. "

Esta notícia o animou. Seu rosto se embelezou um pouco.

"Isso é bom, Charlie! Isso é muito bom! "

Lembrei-me como Marylou agarrou a faca e o tubo antes, como ela lutou comigo agora. . . Como todos os seus instintos tinha sido tão assassinos.

"É ela", disse eu. "Ela tem isso. Eu tenho certeza disso. Ela está agindo estranho. "



Gerard me observava atentamente por um momento, me examinando para todos os sinais que eu pudesse entrar em uma fúria assassina. Ele olhou para o tubo de Marylou, que agora estava no banco ao lado da mesa. Então ele sorriu, alívio puro inundando suas feições.

"Sim", disse ele. "Se você não matá-la quando você poderia, se ela está agindo estranho. . . sim. Eu acredito que você está certo. Isso é sua irmã. Iremos trancá-la, então vamos todos estarmos seguros. Vamos todos estar seguros, Charlie! "

Com isso, ele me puxou para perto. Eu não sei o que era - talvez a emoção louca - mas ele me beijou. Quero dizer, um apaixonado, cheio, total-corpo-em-contato com a verdadeira moda francesa, feito apenas como um rapaz da aldeia alto, que estava massivamente feliz por estar vivo que poderia beijar.

Que coisa, se você estiver interessado, foi muito bom. Fiquei bastante feliz por estar mesmo viva, e no momento em que apenas inchou a cebola salpicada de sangue, a cozinha cheirando a chuva afastou para fora. Gerard parou de rir, os lábios perto dos meus, então me pegou vertiginosa. Eu envolvi minhas pernas em torno de seus quadris para a sustentação, e nos beijamos novamente.

Nenhum de nós ouviu Marylou entrar, notamos seu silêncio ou pegar o rifle.

"O que você fez?", Disse ela.

Ela realmente não parecia bem. O sangue tinha deixado manchas no rosto, e haviam sombras de hematomas ao longo de toda sua mandíbula e bochecha. Seus olhos estavam vermelhos e lacrimejantes, e seus dentes estavam juntos.

E nós fomos, vocês sabem, fazendo ao longo de um corpo morto com meia cabeça, para que eu pudesse ver como isso ia ser complicado.

Gerard me abaixou lentamente, e eu tentei sorrir. Uma calma, um sorriso esta-tudo-bem- agora.

"Você não entende. .." . Eu disse.

"Essa é a maior atenuação de todos os tempos".

Marylou acompanhou até a porta e virou a arma entre nós dois.

"Você o matou", disse ela para Gerard.

"Não", eu disse rapidamente. "Ele se matou. Porque ele matou sua esposa. Assim como eu disse."

"Você quer dizer, antes que você me batesse na cabeça?"

Ela começou a rir - uma risada alta, muito louca que poderia ter sido uma amostra de áudio que tocou quando você abriu o DSM-IV, como uma daquelas fichas em um cartão musical.

Era um ponto justo. Eu tinha uma boa razão para bater na cabeça dela, é claro, mas eu pensei que talvez Marylou precisava de um momento antes de eu lançar a minha explicação. Ela precisava possuir a sua raiva, como ela mesma teria dito se não tivesse estado enlouquecendo e agitando uma arma para nós.

"Você sabe mesmo como usar isso?" Gerard perguntou calmamente.



"Ah, eu acho que eu poderia descobrir isso", disse ela, cuspindo algumas lágrimas enquanto falava.

A ponta do fuzil começou a tremer para cima e para baixo um pouco.

"Marylou", disse eu, tentando me manter sob controle ", abaixe a arma. Gerard não vai nos ferir. Ele estava nos defendendo. "

"Você", ela disse, tentando trazer a sua voz sob controle. "Sente-se. Os dois. Sentem-se. "

Gerard abaixou-se lentamente de volta para a cadeira onde ele estava ficado, e eu me sentei perto da televisão. Marylou manteve o rifle levantado apontando para Gerard. Grandes marcas de suor apareceram em seus braços e no peito. Estávamos todos transpirando. Era estupidamente úmido.

"A lei dos suspeitos", disse ele em voz baixa. "Meu Deus. Isto é como isso acontece ".

"Cale a boca", disse Marylou. "Você atirou nele".

"E agora", Gerard disse. "Isso toma você. Não prejudique a sua irmã. Você deve lutar com isso. "

"Eu disse cale-se!"

Ela pisou diretamente até ele e enfiou a arma na cara dele. Pela segunda vez naquela noite Gerard enfrentou a morte. Desta vez, ele parecia calmo. Talvez ele estava apenas se acostumasse a isso.

Ele se levantou, colocando-se assim que a arma foi apontada logo no seu coração.

"Atire", disse ele, "não na sua irmã. Vamos terminar isso aqui. Atire. Atire, Marylou ".

Gerard. . . Esse menino que eu só conhecia por algumas horas em uma massa confusa, que tinha tentado me salvar mais de uma vez. . . Agora estava colocando sua vida em frente da minha. Marylou tinha parado de tremer, e não haviam mais lágrimas.

"Faça isso", disse ele simplesmente. "Porque se você não fizer isso, eu vou tomar a arma de você."

"Não", eu gritei. "Gerard, não. Marylou, não! "

Marylou tremia violentamente.

"Eu só posso fazê-lo para proteger a minha irmã e eu. . . ".

"Eu não vou te machucar".

"Filho da puta! Você matou - "

E então nós dois fizemos algo que nunca fará completamente o sentido para mim. Eu pulei da minha cadeira e empurrei Gerard para fora do caminho. Nós caímos no chão juntos, batendo a cabeça na ponta da mesa durante o processo. Desembarcamos nas pernas de Henrique (e seu sangue e um jato de algo que eu prefiro não discutir). Marylou balançou e pegou o gatilho. Eu ouvi um clique, clique, clique, e eu estava pensando, esse é o fim. O fim com os cliques. Clique, clique, clique, como todas as opções de ser desligado, todas as luzes saindo da vida.



Mas o clique, clique, clique era dela tentando desfazer a segurança, que Gerard deve ter colocado. Este atraso deu a Gerard tempo suficiente para chegar a seus pés e dar em minha irmã um pobre soco na cara. Um golpe, até o queixo, e ela caiu, pela segunda vez em cerca de quinze minutos.

"Oh Deus", eu disse, apressando-me mais para buscar ela. "Oh Deus. Deus, ela vai ficar tão inchada. . . "

Gerard não perdeu tempo. Ele pegou as cordas que haviam o prendido antes e amarrou apertado.

"Abra a porta", disse ele enquanto trabalhava.

Eu me apoiei na porta da frente, mas ele disse, "Não, não, não. . . A porta do porão. Aqui ".

Havia uma espessura, a porta do porão áspera apenas do outro lado do fogão. Eu tive que saltar sobre o corpo de Henrique e os rios de sangue para chegar a ela. Ele tinha uma prancha de madeira sobre ela para o bar fechado. Eu levantei ela.

"O que estamos fazendo?" Eu perguntei.

"Sua irmã está infectada. A melhor coisa que podemos fazer para ela é ter certeza que ela está bloqueada até de manhã. Rapidamente, antes que ela acorde. "

Não havia nenhum interruptor de luz, então eu tinha que saltar sobre o corpo de Henri novamente para pegar a lanterna do balcão, onde não foi milagrosamente manchado. E saltei novamente para voltar para a porta. Isso foram três saltos sobre o seu cadáver. Isso pareceu ruim. Assim, muitos aspectos disto pareceu ruim, mas é incrível como rapidamente você pode se acostumar a um novo conjunto de circunstâncias.

O porão era um lugar velho, muito pequena, com paredes feitas de pedras cimentadas.

Cheirava a terra e era absolutamente um frio congelante. Parecia que Henri tinha usado principalmente para desenvolver o cinema. Havia uma mesa de bandejas, prateleiras de produtos químicos, um varal de secagem de impressões - a maioria das árvores e as montanhas. Havia também alguns sacos de batatas e cebolas, algumas garrafas de vinho, algumas conservas caseiras em uma prateleira diferente juntamente com algumas rodadas de queijos em embalagens plásticas. Havia algumas pás e jardinagem implementadas no canto. A vida de Henri tinha sido tão agradável, tão normal, até recentemente.

"Deixe-me encontrar alguns cobertores", disse eu. "E um casaco".

"Seja rápida", disse ele.

Eu encontrei um afegão (roupa) no sofá, uma jaqueta na sala, e peguei a capa de chuva. Eu usei todos eles para fazer uma espécie de ninho para o meu inconsciente, ligada a minha irmã e ajudei Gerard a carregá-la descendo as escadas. Eu guarde-a cuidadosamente como eu poderia quando ele a colocou em um dos compartimentos de suporte das vigas. Eu deixei a lanterna lá, apontada para cima, para dar-lhe alguma luz. Então nós marchamos de volta subindo os degraus e fechamos a porta, colocando a viga sobre ela.

"É realmente necessário?" Eu perguntei.

"Se é necessário?" Gerard perguntou. Ele tinha pegado a arma de volta e estava examinando.

"Trancar ela no porão. Nós não podemos apenas mantê-la aqui?"



"É melhor mantê-la lá. Ela é perigosa agora. De manhã nós vamos libertá-la. "

Fazia sentido. Um pouco disso. Tanto sentido como nada poderia fazer. Olhei para o pobre Henri, com o corpo amassado no chão.

"O que faremos agora?" Eu perguntei.

Gerard olhou para mim e sorriu.

Certo. Então fizemos no sofá por uma hora. Eu não acho que é justo para ninguém me julgar. Sim, eu sei. Cara morto. Irmã amarrada no porão. Eu sei, eu sei. Mas não havia mais nada a fazer senão assistir Missão: Impossível em francês. Dizem que em situações estressantes você se une as pessoas. É verdade. Não, é verdade. Tenho certeza de que há algo no DSM-IV sobre isso.

Então, sim. Sofá, sala escura, chuva interior, exterior francês. . . O resto da imagem soa bem, não é? Nós tivemos apenas uma pausa porque nossos lábios tinham ficado um pouco dormentes quando ouvimos Marylou gritar na adega.

"Ela está acordada", Gerard disse calmamente, acariciando meu cabelo.

Eu enterrei minha cabeça em seu peito e coloquei minhas mãos sobre meus ouvidos, mas nada se afogou. Ela estava gritando meu nome mais e mais.

"Nós não podemos deixá-la sair?" Eu perguntei. "Nós temos a arma. Nós podemos amarrá-la na cozinha onde é quente. Ela vai precisar de água e alimentos. . .".

"Ela vai ficar bem", disse ele. Havia uma firmeza em sua voz que eu não gostei.

"Ela não pode nos prejudicar", disse eu, me sentando. "Há dois de nós. Eu não estou dizendo que nós vamos deixá-la correr ao redor, mas. . .".

"Você não tem idéia do que ela pode fazer".

No escuro tudo que eu podia ver era o contorno de seus cabelos, os olhos brilhantes. Sua mão estava na minha perna. Senti seus dedos apertarem e tensos.

"A infecção", disse ele, "você não entende. Você não sabe o que isso faz. Você não tem idéia. Já vi que não. Isso não é sua irmã, agora, Charlie. Ela foi embora no tempo em que você teve que partir para a guilhotina".

"Partir para o quê?"

"Partir para a guilhotina".

Voltei com minha mente, de volta para o momento em que eu estava lá com Henrique e ele estava falando e falando e eu pedi para usar o banheiro. . . . Ele nunca disse nada sobre uma guilhotina. Eu o interrompi. Nunca cheguei à história toda.

O que significa que, possivelmente. . . Possivelmente eu nunca tinha sido infectado. Eu nunca tinha passado para Marylou.



Mas Gerard parecia saber muito sobre essa coisa de lei dos suspeitos.

E ele estava soando mais calmo e sereno, o tom despojado da sua voz, tal como tinha sido sobre Henrique. Mas Gerard nunca iria deixar-se ouvir a história. . .

Gerard tinha sido amarrado em uma cadeira, sozinho com Henri. Desamparado.

Seus dedos flexionados novamente. Ele estava olhando para mim, no escuro, a sua expressão imóvel.

"Certo", eu disse, tentando soar legal. "Isso faz parte. Essa foi a parte bizarra".

Eu não poderia ter Gerard, não fisicamente. Tudo que eu tinha era a arma, e eu não ia matá-lo. Nós não nos conhecíamos há muito tempo, mas eu gostava dele. Ele era uma pessoa boa. Ele tinha conseguido quase se matar tentando me proteger.

"Eu estava pensando", disse eu. "O carro. Nós realmente devemos buscar o carro. Aposto que não há gás suficiente. Henri estava provavelmente mentindo sobre isso. "

"Ir onde?"

"A cidade", eu disse.

"Não há nenhum ponto".

"Eu me sentiria melhor se nós apenas olhássemos", disse eu. "Vou apenas ir verificar. Vai levar dois segundos ".

Senti suas mãos em movimento para agarrar o meu braço, mas eu me levantei primeiro.

"E eu vou conseguir alguma coisa para comer!" Eu disse com à alegria que pude. "Algo além de cebolas!"

Corri para a cozinha e me atrapalhei no caminho para o interruptor. Tive que apagar as luzes, porque a vista era tão horrível. Eu não conseguia encontrar o interruptor, então eu fiz o meu caminho para a mesa, no escuro e agarrei a arma. Eu tinha que mudar isso. Escondê-la. De alguma forma, tirá-la de vista. Mas eu não tinha exatamente nada, porque Gerard estava atrás de mim em um momento.

"O que você está fazendo?", Perguntou ele.

Se alguma vez houve um momento de mentira, esse foi.

"Deus", disse eu. "Eu tropecei e caí. Tropecei na perna dela! Deus. Isso é tão confuso! "

Eu cambaleei, a arma ainda em minhas mãos, mas eu continuei fazendo perturbação geral e confusão. Ajudou que Marylou ainda estava gritando longe.

"Você deve me dar isso", Gerard disse calmamente.

Eu pisei em cima de Henri e coloquei minhas costas contra a porta do porão, apontando a arma para ele.

"Eu não posso", disse eu. "Por favor, Gerard. Não me faça te machucar. "



"Charlie? O que você está.. ".

Ele parecia tão confuso, seu pequeno sotaque francês beliscando em meu nome. Como se ele estivesse lutando com algo dentro de si.

"Ele te contou a história", disse eu. "Quando você estava na cadeira. Ele não fez? Você não poderia ajudá-lo. Você não podia fugir. "

"Isso pega apenas uma pessoa", respondeu ele. "Isso tem sua irmã".

"Ele não tem a minha irmã. Tem você. Você sabe disso. Por favor, Gerard. "

Ele chegou mais perto.

"Eu tenho caçado coelhos toda a minha vida", disse ele. "Eu posso atirar muito bem. Dê isso para mim. Vou proteger a nós dois. "

No escuro os meus dedos foram febrilmente tentando encontrar a segurança. Eu nem sabia onde ela estava. Olhar para ela por conta própria. Gerard avançou e colocou a mão sobre a arma.

"Charlie", disse ele. "Isso sou eu. Isso é Gerard. Não atire em mim. Não dê ouvidos a isso. "

"Ainda não me pegou, Gerard! Eu nunca ouvi o final da história! Agora recue. . . ". E então, meus dedos encontraram a segurança. E eu atirei. E Gerard caiu.

"Oh, espera", eu disse para mim mesma. "Ele não mencionou uma guilhotina. Como é que eu esqueci isso? "

~~~~~

Aqui esta o fato. . . .

Deus. É difícil de explicar. Eu fico tão confusa agora. Eu começo a falar e eu esqueço o que eu estou dizendo no meio. Eu acho que é de todos os remédios que eu estou tomando. Eu tomo pílulas todos os dias. Eles tentam todas as combinações diferentes. Alguns trabalham melhor que outros. Hoje é um dos melhores dias. Esta bastante claro que eles me deixaram usar o computador. O computador normalmente é maneira fora dos limites. Acho que eles pensam que eu vou tentar comer o teclado ou algo assim.

Dizem-me que se passaram três meses desde que cheguei aqui, já que tudo aconteceu. Parece que duas semanas ou algo assim, mas eu só olhei pela janela e todas as folhas das árvores. Há uma abóbora salpicada no final da longa viagem, por isso acho que ou o Halloween está chegando ou já está indo.

Então eu acho que você quer saber o que aconteceu?

Pelo que me lembro, eu atirei em Gerard, e em seguida, um segundo ou dois mais tarde, houve esse ruído enorme quebrando, como um trovão, vindo de dentro da minha cabeça.

Tudo ficou escuro. Segundo os relatórios, se Geraldo não tivesse colocado a mão sobre a arma estúpida ele provavelmente teria ficado bem, mas eu estraguei tudo. Eu deixei cair a arma. Ele conseguiu se manter durante o tempo suficiente para pegá-la e me atingir com ela com sua mão restante.



Eu acordei no hospital. Marylou estava ali, segurando minha mão e me dizendo que tudo estaria bem. Então eu desmaiei novamente. Eu estava muito inconsciente. Um pouco acordada no hospital da França. Acordado por um minuto ou dois na cadeira de rodas no aeroporto. Eu me lembro de Gerard vir me ver antes de eu sair. Seu braço sem mão estava numa tipóia. Eu estava melhor que ele, no momento, mas ele não parecia zangado. Eu acho que ele ainda acariciou meus cabelos.

O juiz determinou que Henri realmente matou a si mesmo (em pó em suas mãos ou algo assim). Encontraram o resto do corpo de sua mulher exatamente onde Gerard disse que estava, juntamente com a ampla evidência de que Henri foi quem a matou. O cão foi enterrado com ela. Isso deixou o problema um pouco mais confuso do porque um menino de vila e duas turistas norte-americanas terminou em um confronto sangrento em sua casa: uma presa no porão, outro sem uma mão, um inconsciente terceiro no chão da cozinha. Que isso aconteceu três dias depois de um terrível assassinato-suicídio era ainda mais preocupante.

A análise final foi: Gerard foi o herói, aquele que percebeu o desaparecimento da esposa de Henri e vigiava a casa para ver se alguma coisa suspeita estava acontecendo. Quando as duas turistas norte-americanas (nós) viemos por tropeço, Gerard se mudou para nos proteger. Inundado com culpa, Henri tirou a própria vida. E eu, convenientemente, perdi a minha mente.

Quanto ao porquê de tudo isso acontecer no mesmo tempo exato, a polícia local não tinha idéia - mas vários psicólogos tiveram uma rachadura em perceber isso.

Baseado em minha mentir sobre Gerard me atacando, batendo na cabeça de minha irmã com um aparelho de DVD, atirar em Gerard. . . Determinou-se que eu tinha tido um surto psicótico. Acabei em um hospital de doentes mentais nos arredores de Boston. ("Isso não é o que nós gostamos de chamá-lo", disse Marylou. "É um centro de reabilitação psicológica".)

Agora que eu posso acessar meu e-mail, vejo que Gerard me enviou uma mensagem a cada dia. As primeiras eram realmente curtas, mas como ele se acostumou a escrever com a mão ele foi capaz de dizer muito mais. Ele é a única pessoa no mundo que acha que eu não pertenço aqui. Ele não pode esperar até que eles me deixem sair, o que parece que não vai ser por um tempo. Ele diz que vai entrar e visitar, tão logo ele for montado com a mão protética.

E eu acabei de ler o e-mail de Marylou. . . Aquele com o link para seu premiado papel de psicóloga que ela sente que irá lhe garantir um lugar em um dos melhores programas de pós-graduação. Eu leio isso. São todos os detalhes do caso.

Incluindo toda a história da Lei dos Suspeitos.

Incluindo a parte sobre a guilhotina.

Estou saindo agora e voltando para o meu quarto. E eu vou pedir-lhes o meu remédio. Eu gosto daqui, é agradável e seguro, sem coisas afiadas e todos estão trancados. É, como Gerard diria, melhor do que a alternativa.





*The Mirror  
House*

CASSANDRA CLARE



As duas horas pelo caminho de terra da lavanderia do aeroporto de Kingston até a pequena cidadezinha de Black River seria péssimo inclusive se não fosse por todo aquele champanhe do casamento. Sendo assim passo a maior parte do tempo com a cara na janela e tentando não vomitar. Não é fácil, principalmente quando seguem passando animais mortos pela estrada, e ainda algumas fogueiras queimando lixo fedendo a plástico queimado.

Minha mãe me disse que a Jamaica será um paraíso. Mas em seguida, de novo, essa foi a mesma mulher que insistiu em sair da lua de mel no dia seguinte ao casamento. Porque decidiram nos trazer a mim e ao Evan, filho do Philip junto com eles a sua viagem de lua de mel, não tenho certeza. Eles explicaram, ou pelo menos minha mãe explicou, dando ao Philip um olhar ameaçador algo sobre “Unidade Familiar”. Porém com Philip num silêncio mortal e Evan encolhido o mais longe de mim no assento grudado da van, não estou tão segura da muita união que vamos conseguir. Claro que, dado ao acontecimento de ontem à noite, depois da recepção, convivência é provavelmente a última coisa que Evan e eu precisamos.

A casa que minha mãe alugou é muito mais bonita do que nas fotos que vimos na internet. O piso é brilhante, escuro como o exterior polido de uma casca de noz<sup>28</sup>, as paredes são azuis com verde pintado por cima com uma esponja, chamando as cores do céu e do mar. Uma parede inteira está ausente, justo a abertura para deck exterior, a piscina turquesa, e a falésia<sup>29</sup> caindo até o fim na areia branca e mais pra lá o mar escuro. O sol já começou a se levantar, lançando na água anéis de cor vermelho, ouro e bronze.

Minha mãe parou sob o batente da porta e com a mão na garganta. “Oh Philip... Olha!”

Mas o Philip não está olhando. Esta na porta principal com uma pilha de malas, falando com Damon o carregador de malas do hotel, com uma voz rouca e baixa. Algo sobre como Damon não deve esperar uma gorjeta, e que ele de todos os modos pode carregar sozinho suas malditas malas. Damon se encolhe de ombros com sua camisa branca filosófica e folhas, dando um passo, passando por Evan que está apoiado na parede olhando seus sapatos. Posso dizer que ele está envergonhado por seu pai, mas quando eu trato de sorrir pra ele, ele olha para longe como se esquivando.

Philip olha para mim. Talvez ele visse a expressão na minha cara – não sei - mas de todas as maneiras ele me vê errada sempre.

“Evan” ele disse, “Pega as malas da Violet e leve-as ao seu quarto.”

Evan começa a protestar. Seu pai lhe lança uma olhada de desgosto.

“Agora Evan.”

<sup>28</sup> <http://geomaps.wr.usgs.gov/seeeps/Resources/Walnuts.jpg>

<sup>29</sup> Falésia é como uma pequena duna por assim dizer que cai de um terreno mais alto até a praia causada pelo movimento das ondas na maré alta e baixa. <http://www.dicionario.pro.br/dicionario/index.php/Fal%C3%A9sia>



Evan levanta a alça sobre seu ombro e me segue até o quarto três. Tem janelas com persianas com vista para o deck, uma clarabóia<sup>30</sup> e uma grande cama branca com dossel com vários mosquiteiros. Evan coloca com um estrondo a bolsa no chão, se endireita, seus olhos azuis brilhando.

“Obrigado.” Eu lhe digo.

Ele encolhe os ombros. “Sem problemas.” O vejele olhando ao redor, e vejo como os músculos dos seus ombros se movem quando ele vira. “Quarto legal.”

“Eu sei.” Eu rio nervosamente. “A cama é enorme.”

No momento que as palavras saíram da minha boca eu congelei. Não deveria ter dito isso. Nem sequer deveria ter mencionado a palavra cama perto do Evan, não depois do que aconteceu no jardim das rosas. Ele vai pensar que eu estou brincando, ser estúpido, ou ele vai pensar que eu estou perguntando...

“Meninos, hora de jantar.” Minha mãe aparece com a cabeça pela porta, com um sorriso radiante. Nunca estive tão contente de vê-la.

”Já vou pra lá, só preciso lavar minhas mãos.”

Enfio-me no pequeno banheiro, enquanto Evan se esconde dos saltos da minha mãe. As paredes do banheiro são de azulejos de vidro lavados no mar em tons de azul claro e opaco, verde e vermelho. Eu abro a água na pia de bronze e espirra água no meu rosto. Quando eu olho no espelho vejo que minhas bochechas estão vermelhas como as rosas.

O jantar foi servido no deck, com a nossa família sentada numa longa mesa, e os funcionários da vila nos servem tigelas de comida: saladas com pilhas amontoadas de batatas, uma azeda vinagrete de repolho, peixe cozido com alho e pimenta habanera\*\*, e um refratário com um escuro e cheiroso curry completo com carne cozida ao fogo lento.

Viro-me para os funcionários que me passam as tigelas com um sorriso, mas ninguém olha nos meus olhos. Os funcionários são uma mancha escura de rostos e mãos, o brilho de uma pulseira de ouro e coral com uma mão recolhe a tigela da salada, eu já tinha terminado de comer. “Obrigado” eu digo, mas não há nenhuma resposta.

Philip cutuca o curry com um garfo como se estivesse fora de moda.

“O que é isso?” diz de repente espetando um pedaço de carne e o levando a boca.

O mais alto dos cozinheiros, uma mulher com um rosto ossudo e um lenço branco amarrado ao redor do cabelo diz. “É cabra ao curry senhor.”

Philip cospe a carne de volta no prato e limpa a boca com um guardanapo olhando a cozinheira com olhos acusadores.

Eu olho a mesa tentando não rir.

---

<sup>30</sup> é uma abertura no alto das edificações, destinada a permitir a entrada de luz ou a passagem de ventilação



No dia seguinte o calor é impressionante. Estiro-me numa espreguiçadeira na piscina, pressionando embaixo dos meus braços as tiras do meu maiô azul para não ficar com marcas. Minha mãe não me permitiu comprar um biquíni. Philip está na sombra lendo um livro chamado *Império da Água Azul*. Evan está sentado com os pés na piscina. Tento chamar sua atenção, mas ele não me olha, então eu volto para o meu livro. Eu tento ler, mas as palavras dançam no livro como os raios de sol dançam na água da piscina. Esse tipo de clima faz com que tudo dance.

Finalmente eu deixo o livro e vago até a cozinha para buscar uma coca-cola. A cozinheira alta da noite anterior, a que disse ao Philip que estava comendo cabra esta na pia lavando a louça do café da manhã. Hoje com um lenço vermelho na cabeça, na cor de uma ave tropical.

Ela se vira quando me vê. “Posso lhe ajudar em algo senhorita?” Seu sotaque é suave como pétalas de flores.

“Só uma coca, por favor.” Eu tive a impressão de que eu não deveria estar aqui, essa cozinha é somente para os funcionários, mesmo se tudo o que eu quero é uma latinha de refrigerante. Convicta o suficiente, ao invés de me mostrar o refrigerador ela mesma pega uma garrafa, abre, e me serve num copo.

“Obrigado.” Pego o copo, o vidro gelado dá uma sensação gostosa nos meus dedos. “Como é o seu nome?”

“Meu nome?” ela levanta suas sobrancelhas marrons. São arcos perfeitos, como se as fizesse todos os dias. “Eu sou Damaris.”

“Damaris e Damon” eu digo e logo me arrependo. Fez-me parecer uma idiota. Talvez ela nem conheça o Damon bem.

“Ele é meu irmão.” Olhando através das janelas um franzido aparece entre as sobrancelhas. “Seu irmão foi à praia, estou vendo. Você tem que dizer a ele para se manter afastado das outras casas ao longo da estrada. As maiores são de propriedade privada, e nem todas são seguras.”

*Não é seguro. Eu penso. Talvez seja custodiado por cães ferozes ou seguranças ‘Gatilho-Feliz’<sup>31</sup>?* Mas Damaris é encantadora, seu rosto não expressa nada em absoluto. Deixei o copo vazio no balcão. -“Evan é meu meio irmão” eu digo como se importasse, de alguma maneira eu quero que ela saiba. “Não é meu irmão.”

Ela não diz nada.

“Eu digo a ele para tomar cuidado.”

O caminho que leva a água é de areia, com rochas na margem e arbustos. A praia arqueia em direção ao sul, alinhada com pequenas casas pintadas com brilhantes cores tropicais: rosa, verde-acido, amarelo cor de ventre de rã\*. A nossa é a última casa por trás da falésia de pedra cheia de buracos escuros como passas num creme pálido. Eu acho que as perfurações são cavernas.

---

<sup>31</sup> trigger-happy security guards: uma equipe de segurança privada.



Evan não está em lugar nenhum na praia. De fato, ninguém está na praia. É uma amostra de areia pálida que é de alguma forma convidativa totalmente vazia. Estranho não ver ninguém tomando sol. Mas à medida que faço a curva ao longo da água vejo que as casas estão fechadas e com trancas. Alguns têm cadeados pesados em suas portas. Parecem cobertos e poeira e sem uso. A única que parece habitada é uma casa rosa, na cor de uma rosa rosa, uma das mais próximas a vila. Seu enorme jardim se estende até a areia rodeada por um muro coberto de azulejos de moisaco que representam ondas e criaturas do mar. A parte superior está coberta de cacos de vidros, não pequenos cacos de vidro destinados a desencorajar intrusos, mas pedaços grandes de vidro refletindo o céu e o mar. Eu olho através do jardim desenfreado de flores de cores vivas, mas a porta da casa está fechada e as cortinas puxadas na janela.

Estou surpresa pela falta de atividade. Não podemos ser as únicas pessoas nesse âmbito, né? Panfletos de viagem sempre fazem propagandas de “Praias Desertas” como se fosse algo realmente desejável, mais na realidade é algo assustador. Tem passos na areia, sinal de que alguém esteve andando por aqui, mas não vejo ninguém.

Chego ao final da praia e começo a caminhar de volta pra vila. O sol bate forte no meu pescoço e ombros. É fresco na piscina, mas aqui embaixo o calor é como uma manta pesada e úmida. Posso ver vultos movendo-se até a vila, como siluetas negras esboçadas pelo sol. Quando eu estou me aproximando do caminho de arbustos, um vulto surge de um dos buracos nas rochas.

É o Evan. Ele está sem camisa, só de bermudas e rasteiras. Sua pele é tão branca como a minha, mas seus cabelos loiros parecem trigo dourado brilhando sob o sol. Ele tem algumas sardas claras no nariz e bochechas, eu tento me lembrar, mas não sei se essas são novas ou sempre estiveram lá.

Ele se surpreende em me ver. “Hey.”

“Hey” eu digo me sentindo desde o casamento, estúpida quando estou perto dele.

“Damaris me pediu pra te avisar que não é seguro aqui embaixo.”

Ele olhou de lado com seus olhos azuis contra o sol. “Damaris?”

“A cozinheira.”

“Oh, certo.” Ele olha para cima e para baixo na praia. “Parece seguro pra mim. Talvez ela queira dizer que haverá uma ressaca ou algo assim.”

Encolho meus ombros. “Talvez.” Ela não queria dizer uma ressaca, mas eu não sinto como se entendesse isso.

“Vamos lá” Ele fez um gesto para que eu o seguisse. “Eu quero te mostrar uma coisa.”

Ele se curva na parte escura da rocha e eu o sigo tragando minha claustrofobia. Eu prendo minha respiração ao passar por um pedaço estreito, e logo nos encontramos num espaço mais amplo. Raios de luz se derramam por dentro da pedra, mas isso não é tudo proporcionando iluminação aqui: manchas de luz salpicam aqui e ali nas paredes úmidas da caverna, e são de várias cores também: gelo azul, verde pálido e rosa puro. “Musgo fosforescente.” Diz Evan, ele passa a mão na parede e logo mostra a palma pra mim. Brilha como uma brilhante barbatana de peixe. “Vê?”

Seus olhos brilham também. Lembro-me da primeira vez que vi correndo através da quadra da escola, com sua mochila no ombro e seu cabelo brilhando no sol. Um caminho invisível onde só seus pés podiam ver onde estavam e ele sabia aonde iam. Eu nunca o tinha visto antes e resultou que era novo este ano, depois de ter se mudado com seu pai de Portland, e não parecia



com nenhum garoto que eu teria gostado. Eu gostava de garotos hippies: Jeans usados, óculos, e cabelos sérios. Evan estava esportivo e limpo, e ele brilhava como ouro na luz do sol. E a partir desse momento eu o queria como nunca quis ninguém.

Agora eu toco seus dedos com os meus, e eles vem brilhando como se ele tivesse transferido a sua luz pra mim. Ele tenso quando nos tocamos então seus dedos envolveram os meus. Meus dedos dos pés cavando a areia quando eu fiquei nas pontas dos pés, aproximando meu rosto do seu, e então ele me beija. Sua boca úmida e suave. Seus dedos cavam firmemente em meus ombros antes de se separar. “Vi” ele diz, e é mais um gemido que outra coisa. “Não podemos.”

Eu sei o que ele quer dizer. Fomos ao final disso antes, na noite do jardim quando nos beijamos, e depois brigamos durante horas. *Temos que lhes dizer que não podemos lhes dizer que não podemos, eles não precisam saber claro, mas eles nos encontraram e nos mataram me encontraram e me mataram, não. Não.*

Evan se move pra longe de mim em direção a entrada da caverna e se desliza por ela. Eu sigo dizendo o seu nome, me espremendo através da estreita entrada da rocha depois dele, a tira do meu maio enganchou num pedaço de rocha forte que sobressaía, o que me tomou um momento para desenroscar e me unir ao Evan na praia. Ele estava ali olhando a praia de boca aberta. Quando eu sigo seu olhar vejo o porquê.

Tem uma mulher saindo da casa rosa. Ela empurra a porta de ferro pintada de azul e vai para a areia. Exceto que ela não caminha. Ela se move com as ondas. Seus quadris redondos, se cabelo longo loiro branco, como a espuma das ondas do mar. Ela leva posta uma canga, que se dividiu do lado onde se pode ver a totalidade de sua perna perfeitamente bronzeada quando ela caminha. Ela tem um biquíni branco, e a forma em que o enche-me da vontade de cruzar os braços por cima dos meus peitos para esconder o reta que eu sou. Ela segura numa mão uma garrafa, sorte que a minha coca-cola veio antes, embora não tem nenhuma etiqueta nela.

Ela coloca os óculos na cabeça vindo em nossa direção, e toda esperança que eu tinha de que seu rosto não combinasse com o resto dela se desvaneceu. Ela é bonita. Evan a olha fixamente. “Vocês são as crianças da vila.” Ela diz. Ela tem um sotaque indefinido, “Você não é?”

Evan olha consternado por ter sido chamado de criança. “Eu suponho que sim.”

Ela se inclina com a garrafa na mão. Está cheia com um liquido claro, que brilha com um brilho estranho, como um arco-íris. “Deve ser um tédio pra você estar aqui fora de temporada.” Ela diz. “Quase ninguém nas proximidades. Exceto eu. Eu estou aqui o tempo todo.” Ela sorri. “Eu sou a senhora Palmer. Anne Palmer. Fique a vontade de ir até minha casa de você precisar de alguma coisa.”

Evan não se via a ponde de falar como eu.

“Obrigado.” Eu digo com frieza, pensando que ela não parece nenhuma Anne. Anne é obviamente um nome amistoso.

“Mas tem algo que necessitamos.” Os lábios dele se curvam ligeiramente nas esquinas, como papel queimando. “Ninguém tem o que necessitamos.” Chego a tocar o ombro do Evan. “Temos que voltar para casa.”

Mas ele me ignorou, ele olhava para a Srta. Palmer. Ela continuava rindo. “Você sabe” ela disse. “Eu vejo você como um bom e forte garoto. Eu posso precisar da sua ajuda. Eu tenho um carro antigo – um clássico pode-se dizer. Que pelo geral funciona como um sonho, mas ultimamente estive tendo problemas para ligar-lo. Você poderia dar uma olhada pra mim?”





Eu esperei que Evan dissesse que não entendia nada de carros. Certamente eu nunca o ouvi falar deles com interesse.

A Srta. Palmer inclinou sua cabeça para trás e os reflexos do sol deram no seu cabelo. “Maravilhoso” disse ela, “Não posso lhe oferecer uma grande recompensa, mas tenho uma bebida gelada se você quiser.” A garrafa na mão dela refletiu o arco-íris.

“Ótimo.” Ele disse. Evan me deu apenas uma simples olhada. “Avisa aos arrendadores onde eu estarei okay, Violet?” Eu assinto com a cabeça, mas ele nem parece dar-se conta e já foi indo de caminho à casa rosa com a Srta. Palmer. Evan em momento algum olhou para trás, mas ela sim o fez, pausando na porta, ela olha por cima do ombro com os olhos patinando sobre mim de uma maneira reflexiva, que apesar do calor me mandou um calafrio correndo pela minha espinha dorsal.

O pôr-do-sol chega, pintando o céu sobre o oceano em geral franjas de coral e preto. Damaris e o resto do pessoal estão colocando a mesa na varanda. Eu sento na borda da piscina com os pés na água. Eu estive esperando encontrar Evan por essas horas, mas ele não apareceu. Minha mãe e Philip ainda estavam sentados em suas cadeiras no deck, embora Philip baixou seu livro, e parece que eles estejam discutindo em baixos, porém intensos tons. Eu consigo bloquear a briga deles me concentrando no som do mar como alternativo. Todos sempre dizem que soa como no interior de uma concha, mas eu acho que se parece mais com as batidas do coração, regulares, golpeando com ritmo, e o suave arremesso da água como o fluxo de sangue pelas veias.

Depois de dobrar uma serie de guardanapos com suas mãos, Damaris se aproxima do deck e pergunta: “Serão quatro lugares para comer ou três?”

“Quatro.”

“Não vejo seu meio-irmão por aqui.” Damaris disse.

“Ele está na praia” lhe digo “Mas ele voltará.”

Damaris diz algo em voz baixa. Algo com ‘não voltará’. Antes que eu possa lhe perguntar algo ela volta para colocar a mesa.

O jantar é comido em silencio. Nada de cabras dessa vez, só estofado de pimentões e uma espécie de peixe no limão. No meio do jantar Evan se une a nós, deslizando-se em silencio na sua cadeira como se esperasse não ser notado.

Philip se congela com seu garfo na boca.

“Onde você estava?”

Evan olha o prato, não está usando sua sunga, eu noto sim uma bermuda limpa e uma camiseta usada. Vê-se bem... Limpo. “Eu estava ajudando uma vizinha a arrumar seu carro. Ela me perguntou se eu podia fazer-lo funcionar, ela nos ofereceu seu bote, isso se quiser.”

“isso foi muito amável de sua parte.” Disse minha mãe. Ela se vira para o Philip “Não foi bonito, querido?” Philip resmungou uma resposta com sua boca cheia de peixe. “Eu não sei porque ela





pensou que você soubesse algo sobre o funcionamento de carros. Você é apenas um menino.”

Evan vacilou, mas não disse nada, concentrando-se em troca no garfo espetando a sua comida.

Minha mãe se virou para o Philip. “Estive pensando que amanhã poderíamos fazer um passeio até o Black River. Essa cidade que cruzamos no caminho para aqui?” Philip rasgou um pedaço de pão ao meio. “Parecia um despejo, Carol.”

“Aparentemente há um mercado lá, com pessoas trazendo coisas de todos os lados. E você pode fazer passeios rio acima, ver crocodilos na água.....” a voz da minha mãe sumiu com o olhar frio do Philip. “Eu pensei que podia ser algo para fazermos como família. Algo divertido.”

“Divertido?” Ecoou Philip. “Eu não vim aqui Carol, para visitar uma loja de artesanato barato ou para encarar as reivindicações idiotas de um guia turístico sobre crocodilos.”

“Mas, Philip.” Minha mãe estica a mão e acidentalmente derruba uma tigela de salada de frutas ao lado de seu prato. Philip pula, praguejando, embora não tenha caído nada encima dele. Minha mãe parece desanimada. “Desculpe-me.” Philip não a responde. Ele esta olhando friamente para os restos da salada no piso aos seus pés. “Olha essa bagunça.”

“Philip.” Minha mãe fica a beira das lágrimas lutando com os dedos escorregadios para pegar os pedaços de frutas e vidro quebrados. Gostaria de saber onde estão os funcionários, mas eles parecem estar suspensos atrás, sentindo a delicadeza da situação.

“Mãe não.” Eu digo, mas ela parece me ignorar. Ela se cortou com os vidros, sangue escorrendo sobre toda aquela bagunça de pedaços de frutas e suco salpicados pelo solo. Eu olhei para o Evan me perguntando se ele não ia dizer nada. Ele sempre gostou dela, ou isso eu pensava. Mas ele olhava silenciosamente seu prato evitando meus olhos.

Esta noite acordo em minha cama de dossel olhando o teto. O mosquiteiro branco, como o véu de uma noiva, balançando com a suave brisa do ar-condicionado. Escuto a voz de Philip do outro lado da parede, subindo e descendo como uma onda, à medida que ele se irrita. A voz da minha mãe corre fraca em contrapartida aos seus gritos: quando a voz dele se eleva, a dela vai ficando mais e mais tranqüila. Posso ver a cor verde brilhante de um besouro através da parede de estuco<sup>32</sup>, suas antenas alcançando delicadamente onde ele pode tocar.

Nós não vamos para o Black River essa manhã, é claro. Philip pega seu livro vai para a piscina, e se senta emburrado na sombra. Minha mãe fica no interior, com seus óculos de sol e um chapéu projetando sombras escuras em seu rosto, mas ainda assim posso ver seus olhos inchados de tanto chorar.

Evan não se levanta até o meio dia, e quando sai do seu quarto vem bocejando, com sua bermuda e suas rasteiras. Seu cabelo esta mais claro que antes, como se o sol já tivesse clareado algumas mechas. Estou estendida na espreguiçadeira no deck, uma revista aberta no meu colo, quando o vejo, me coloquei no chão passando por ele, me aproximo baixando a voz, “Como você dormiu a ultima noite?” eu pergunto esperando que ele possa ler meus olhos perguntando se escutou o mesmo que eu.

<sup>32</sup> pasta para textura a base de pó de mármore.



“Bem”, ele não lê meus olhos, seus próprios olhos, azul céu, se esforçam ao redor nervosamente. Talvez ele esteja se perguntando se estão nos vendo, se estão falando de como estamos tão próximos, falando tão suavemente. Mas não. Eles não se deram conta de nada. Nunca se dão.

Eu tinha encontrado Philip varias vezes antes que minha mãe me trouxesse até a sua casa, essa foi a primeira vez que eu percebi o quão sério eles estavam. Philip ainda tentava me impressionar um pouco naquela época. Ele pensava que era uma boa ficar do meu lado. Ele viria a nossa casa com um terno, um ramallete de flores, e algo estúpido para mim como uma presilha brilhante ou um CD de musica pop grudenta. Era porque ele pensava que todas as meninas adolescentes eram iguais e gostavam das mesmas coisas, mas ele estava tentando, minha mãe dizia que ele não sabia nada sobre garotas, pois só tinha um filho. Eu sabia disso, apesar de que eu sabia que Philip tinha um filho da minha idade, eu nunca dediquei a isso um pensamento, até aquela noite, quando minha mãe me apressou com uma caminhada iluminada até a porta da frente quando Philip tocou campainha, sorrindo nervosamente para mim o tempo todo.

E Evan abriu a porta. Ele sorriu quando me viu, “Oi” ele disse, “Você deve ser Violet.”

Eu parei na escadaria da frente sem dizer uma palavra. Senti-me atordoada como se eu tivesse caído de um galho de arvore direto no chão duro, batendo todo o vento fora de mim. E ali somente estava o garoto, aquele que eu via todos os dias na escola, onde eu tinha memorizado cada uma das suas maneiras, tinha memorizado o modo que ele tirava os cabelos dos olhos, como brincava com seu relógio quando se entediava, era o filho de Philip. Chato, lábios finos, cara amarelada, Philip não poderia ter um filho que se parecesse com ele.

Nem sequer importou que Evan não me conhecesse. Não importava nem sequer que ele não sabia que íamos à mesma escola.

“Você vai à praia?” ele perguntou. “Eu vou com você”. Eu encolhi meus ombros, realmente não há maneira de parar-lo. “Tudo bem.”

Têm cestas de toalhas de praia no deck, listras brilhantes com bastões caramelos. Evan se cobriu os ombros com uma enquanto descíamos para a praia. Esta abandonada hoje de novo, a areia se estende vazia longe pela distancia. Parece propaganda para lua de mel onde você pode beijar na praia sem ninguém olhando.

Nós estendemos nossas toalhas e deitamos, eu de barriga para baixo e Evan olhando o sol. Ele está com um livro sobre o estomago, *O Carteiro Sempre Chama Duas Vezes*, acho que é não consigo ver por cima das costas. Fiquei surpresa quando soube que Evan gosta de ler. Nunca vi um garoto que seu interesse não fosse só esporte e garotas, ao igual que eu nunca teria pensado que ele passaria um tempo com uma menina magra, que usava meias e camisetas de garotos porque ela não sabia o que é que deveria estar usando mesmo.

Mas eu estava errada. Eu descobri que Evan tinha tempo para mim. O tipo de tempo que significava passar horas juntos na biblioteca, conversando ou jogando Halo na televisão. O tipo de tempo que significava que ele realmente acenou para mim, por vezes, mesmo quando outras pessoas pudessem vê-lo. O tipo de tempo que significava que as noites de terça-feira, quando tínhamos jantar com o Philip, ele esperava por mim, do lado de fora da escola no seu carro, freado no estacionamento, com o motor funcionando, e a porta do passageiro ligeiramente aberta. Para mim.

Eu deslizo pelo assento, e sorriu para ele. “obrigado por me esperar.”

Ele ia chegando a mim para fechar a porta, “Sem problemas.” O rubor em volta do seu pescoço quando ele foi dar a partida na ignição me faz perceber que ele se deu conta de o quão perto ele



esta do meu assento.

Nós estávamos tão envolvidos com a conversa que, inclusive quando chegamos a casa dele, não saímos do carro, nos sentamos ociosos na entrada da garagem, nossas vozes se misturando com o som do carro. Cheguei para abaixar um pouco, colocando o cabelo atrás da minha orelha, mas os dedos do Evan já estavam lá, vacilantes suaves contra a minha pele, “Violet” ele disse quando eu fiquei em silêncio, “Você sabe-“

A janela do carro balançou quando Philip bateu “Evan.”

Evan baixou o vidro.

“Coloca o carro na garagem.” Foi tudo o que Philip disse, mas o rosto pálido do Evan me disse que aquele momento tinha ido para sempre.

“Evan.”

Creio num momento que é a voz da minha mãe e me viro. A praia esta deserta ainda, Evan esta sentado. Sigo seu olhar, para ver a Srta. Palmer, a dona da casa rosada, de pé com sua porta meio aberta. Ela esta muito longe para eu ter escutado sua voz, mas eu podia jurar que eu tinha ouvido como se tivesse falado ao pé do meu ouvido. Ela esta vestindo um vestido rosa longo hoje, quase a mesma cor que a sua casa, seu colarinho marrom caindo sobre os ombros. Ela esta com óculos de sol.

Evan já esta em pé, recolhendo sua toalha.

A areia brilha em suas costas e ombros como uma capa de açúcar. “Vemos-nos mais tarde, Vi.” Eu iço meu pescoço para olhá-lo, “Mas, aonde você vai?”

“Anne disse que como a ajudei com seu carro ontem, eu poderia andar com seu barco hoje.” Parece que ele sente que eu estou olhando para ele porque ele adiciona “Ter chamaria, mas o barco só tem lugar para duas pessoas.”

Eu não digo nada, e ele se afasta aliviado, eu acho, que eu não estou fazendo um lio. O vejo caminhar em direção a casa, o sol golpeando como um martelo, e quando ele passa pela porta e Anne a fecha atrás dele, o sol parece um estouro de cacos de vidros decorando a frente dela como uma explosão. Fecho os olhos contra a luz quente, refratada.

Com nada mais para fazer, ando acima e para baixo pela praia, tirando fotos com a maquina digital rosa que Philip me deu de presente, quando estava se esforçando para e fazer gostar dele. Eu nunca tive particular interesse numa câmera, mas eu me divirto com ela agora, tiro fotos de pedaços de vidro polidos pelo oceano, as carcaças de barcos de pesca abandonados, a distante linha negra do horizonte. Palavras que alguém escreveu na areia molhada pela orla do mar, a legibilidade desaparecida pelo tempo. Um cavallinho do mar lavado na areia, com sua boca abrindo e fechando com suspiros afogados. O lanço de novo ao mar.

No meu caminho de regresso paro para olhar ao longo da água. O barco da Anne esta ali, flutuando sobre as ondas, com sua vela como um dente-de-leão sobre o azul escuro do céu. Contudo eu posso ver o esboço de um par de formas que pode ser de duas pessoas, uma coisa está clara: Evan mentiu. Certamente cabiam mais que duas pessoas dentro do barco.

Minha mãe está em silencio total durante o jantar empurrando a comida com o garfo. Philip nos



ignora igualmente, cutucando bruscamente as fatias de carne de porco no prato. Ele demora inclusive em se dar conta de que Evan não está ali, e quando pergunta onde está, digo que seu filho está no quarto com uma dor de cabeça. Não sei porque estou cobrindo o Evan. Talvez porque não quero ouvir mais gritos.

Incluso horas depois da janta o ar cheira a especiarias. Me estiro na espreguiçadeira, olhando as estrelas. Insetos zunem cansados, fazendo clic com suas asas e rodopiando nas sombras. Em algum lugar ao longe posso ouvir o som da musica: forte, o pulsante Reggae. Olho para o mar, me perguntando se vou ver o barco a deriva na água safira, mas só vejo uma folha plana de luz da lua planando.

“Um pouco de água senhorita?” É Damaris, seu rosto esculpido como uma mascara na lua. Ela segura um copo gelado com gotas nas laterais para mim.

“Obrigado.”

“Onde está seu meio-irmão essa noite?” ela pergunta.

“Em algum lugar lá na praia.”

“Ele está com aquela senhora.” Seus olhos brilham com a luz da lua.”A mulher Palmer.”

“Sim, acho que sim.” Eu mato um mosquito no meu joelho que deixa um gota de sangue como um rubi.

“Você não deveria deixar que a visse. Ela é perigosa.”

“Perigosa como?”

Damaris olha para o outro lado. “Ela não é uma boa mulher. Ela gosta dos mais fortes, mais bonitos, dos mais jovens. Ela os toma e depois nunca voltam. Você deveria o manter afastado se não quer perde-lo.”

“e como se supõe que devo fazer isso?”

Damaris não diz nada.

“Eu não sei porque você está me pedindo para fazer algo de todas as formas.” Lhe digo.

Ela olha para a vila. Minha mão e Philip já foram dormir, as luzes estão apagadas a exceção das luzes do deck. “Porque” ela diz “ninguém mais o fará.”

Na manhã quando eu acordo, Evan está dormindo no sofá da sala de estar. Está sem camisa, retorcido numa posição incomoda, com os braços debaixo da cabeça. Tem marcas roxas embaixo dos seus olhos. Se agita quando chego e se senta lentamente, piscando, como se não me reconhecesse. Apenas se parece como alguém que passou o dia antes de relaxar no meio do oceano.

“Evan.” Eu digo “Evan, você está bem?” Me sento junto a ele no sofá, posso sentir o calor irradiando de sua pele nua, como uma febre. “Aconteceu alguma coisa ontem?”

Seus olhos como bolinhas de gude azuis “Passei um momento legal.” Ele disse, com uma voz



que parecia de um boneco mecânico. “foi um grande dia.”

Posso ver desde a varanda coberta como Evan baixa pela via de acesso a praia e vira a direita em direção a casa de espelho. A porta está aberta quando ele toca, e desaparece em seu interior. Olho em volta. Philip se foi, provavelmente ao campo de golfe, e minha mãe está lendo um livro numa cadeira junto a piscina. Coloco os pés nas minhas rasteiras e vou em direção a via de acesso.

A areia está quente, quente o suficiente para queimar meus pés pelas solas finas das minhas rasteiras. Eu corro para chegar até a casa de espelho, e então, de repente a areia é fria como o gelo. A porta está fechada e através do lingote vejo a natureza, um jardim cada vez maior, com sua profusão de flores, a maioria delas plantadas em urnas antigas de pedras. Tem outra coisa ali, agora que olho de perto: pedaços do que parecem ser mais espelhos, grandes fragmentos espalhados aqui e ali na areia, como se a Srta. Palmer esperasse ter arvores de espelho num terreno tão inóspito.

Eu alcanço a maçaneta, só para me dar conta de que não tem uma. Tem uma fechadura, mas não uma maçaneta. E as barras da porta se alinham com pedaços de vidros. Refletem meu rosto, pálido e ansioso, como esperando ver o que está acontecendo dentro da casa. Mas assim como antes todas as cortinas estão corridas. Agarro-me nas barras para tentar abrir a porta, mas as bordas dos espelhos cortam a minha mão, e quando as tiro para fora estão sangrando.

A porta não se move.

Volto a vila e me dirijo a cozinha para lavar minhas mãos. Posso ver os fios cor de rosa do meu sangue se misturando com a água e o rodaminho no ralo. Quando me viro da pia, Damon está na porta, me olhando. Ele me entrega um pacote com band-aids sem dizer nada.

Evan aparece para jantar, mas apenas come qualquer coisa. Os círculos debaixo dos olhos como se tivessem sido pintados. Minha mãe lhe diz para tomar cuidado com o excesso de sol que está tomando.

Toda noite quando eu entro no meu quarto o edredom foi descartado e os travesseiros virados para baixo. As janelas bem fechadas para não deixar entrar o ar úmido da noite em vez disso o ar condicionado soam como zuni, a refrigeração do quarto quase congelante.

Deitada na cama me pergunto se Evan estará em seu quarto, deslizando-se baixo suas mantas, olhando para o teto, pensando em mim como eu estou pensando nele. Ou talvez se perguntando quando os gritos começaram de novo. Ou poderia só estar com o olhar perdido como estava no jantar.

A tensão se iniciou depois do noivado. Philip não sorria tanto. Estava distante. Podia sentir sua ira como si se tratasse de um forno aberto. Minha mãe rodopiava ao seu redor como uma borboleta, tratando de satisfazê-lo, para o fazer sorri de novo. Eu odiava ver isso. Não podia dizer se Evan também. Não ao princípio.

Uma noite eu estava na biblioteca com ele jogando Kingdom Hearts 2 massacrando os botões com as mãos como se estivesse massacrando alguém. Evan me golpeava também. E então o ruído veio de repente, os gritos, a voz da minha mãe chorando e os gritos de Philip irritado com o



volume dos sons eletrônicos e gritos da Xbox.

Evan deixou o controle cair um golpe com força e foi fechar a porta. Quando se virou para mim e disse “Odeio ele”, disse. “Odeio ele.” Eu estava pensando no quão pálido o vi na garagem no dia que Philip golpeou a janela do carro. Quão assustado. Exceto que eu não tinha certeza se ele estava mostrando que estava assustado por ele ou por minha mãe.

“Eu pensei que nunca ninguém se casaria com ele” Evan disse. “Eu achei que sua mãe nunca diria sim. Se eu tivesse...” eu poderia ter feito ele terminar a frase, acho que agora, ele deve estar rolando na cama. Quando vou para retirar um dos travesseiros que estão embaixo de mim minhas mãos tocam algo: um vulto duro e frio, como um pedaço de metal. Minha mão se fecha ao redor dela, e a aproximo para olhá-la. É uma chave de metal escuro, com a alça de cobre trançado. Ela reluz perfeitamente baixo a lua.

Eu acordo ainda com a chave na mão. Tomo banho numa ducha do lado de fora, colocando meu maiô, observando o balanço do mar enquanto enxágua o shampoo do meu cabelo. Eu posso ver minha mãe e Philip na piscina, ambos estão lendo, em espreguiçadeiras lado a lado, minha mãe com uma viseira de plástico que reflete cores brilhantes no seu rosto. Ela enfrenta com o Philip, com voz forte e animada, mas seu rosto esta enterrado no livro e ele não a esta respondendo. Ela poderia muito bem não estar naquele lugar a final.

A areia queima meus pés. Eu não tenho nada mais pra calçar. Eu suporto a dor até que chego na areia fria na casa de Srta. Palmer. É quase meio-dia, sol derretendo, eu o sinto como um piercing sendo cravado nas minhas costas. O suor escorre pelo top do meu maiô, conforme eu trabalho com a chave na fechadura do portão, torcendo e empurrando até ouvir o som.

Click.

O portão está aberto e passo ao jardim. Eu tomo cuidado, vou costurando meus passos através dos pedaços de vidros que sobressaem da areia. Um deles poderia cortar meu dedo do pé se eu pisasse encima. Eu quase não consigo olhar para a casa até chegar lá, o rosa é ainda mais rosa, a casa é feita de um suave, normal estuque. Um padrão de rosas colhidas ai lado dele em pedaços de mosaicos de azulejos. Tem uma rosa branca pintada na pintada na frente da porta, mas eu não vou até ela. Me deslizo pelo lado da casa, me sentindo como uma ladra, uma intrusa. Eu vejo em minha mente o rosto da Srta. Palmer com seus óculos de sol escuros como os olhos de uma mosca, eu engulo a sequeidão na minha garganta.

Tem uma janela do outro lado da casa que esta aberta, apenas uma cortina movendo-se pelo ar silencioso como uma bandeira. Me estico sobre meus pés, agarro a borda para conseguir me elevar mais, e olho através da cortina para ver por dentro da sala.

É uma sala de estar, clara, dura, com moveis modernos, nada de moveis de luxo tropicais como os da vila. Uma mesa de café, um sofá vermelho, um ramo de flores num vaso preto, uma TV cheia de pó como se raramente fosse usada. Uma moldura quadrada paira sobre o sofá, mas está para trás, como se alguém tivesse virado a imagem.

Evan está estirado no sofá. Ele parece estar dormindo, seus braços pendurados, flexionados ao lado do sofá, e os dedos arrastando no chão. Seu cabelo caiu sobre o seu rosto, e se move conforme sua respiração, como algas numa corrente.

Há um ruído e a Srta Palmer vem a sala de estar com um drink na mão. Tem gelo nele, e umas fatias de limão. Parece um gin com Tonica, uma das bebidas favoritas do Philip. Ela coloca sobre





a mesa e olha o Evan. Ela está usando uma espécie de capa branca transparente por cima de seu biquíni preto e com seus óculos de sol. Quem usa óculos de sol dentro de casa? E salto alto? Seus pés devem doer, ela se inclina sobre o Evan. Meu estomago faz um ruído surdo enquanto ela coloca seu cabelo para trás e inclina-se, sua boca sobre a boca dele, eu espero para vê-los se beijando.

Mas ela não o beija. Ela permanece onde esta, pairando como uma abelha sobre uma flor. Seu cabelo loiro fica para trás como uma folha de ouro pálido, penso em como eu gostaria de ter um cabelo assim, então eu vejo seus lábios ofegantes como se ela fosse começar a assoviar. Evan abre a boca também, com os olhos fechados. Seu peito esta levantando e baixando agora, como se ele estivesse correndo. Eu vejo suas mão se fechando em punhos. Algo pálido como um fio de fumaça sai de sua boca. Parece que ele esta exalando um sopro de pelugem de dente-de-leão.

Srta. Palmer se endireita, e chega a virar a imagem do quadro na parede. É um espelho, sua aparência é estranhamente aborrecida. Ela volta seu olhar para Evan, e a fumaça branca se levantando sobre sua boca se converte em uma nuvem, se eleva, a superfície do espelho come a brilhar suavemente. Se inclina sobre Evan uma vez mas-

Minhas mãos perdem o equilíbrio sobre o peitoril da janela, e caio, meu tornozelo se vira torpemente, quase rolo na areia. Minha respiração sai choramingando em um suspiro.

“Quem está aí?” Srta. Palmer pergunta, sua voz estranhamente grossa. “Tem alguém aí?”

Eu corro.

Meu coração martela com muita força quando chego a vila, as plantas dos meus pés ardendo. Meto-me na cozinha pela porta traseira, pela lateral da vila onde as flores poeirentas crescem na sombra. Damaris não está lá, a cozinha está vazia, chapas e pratos empilhados numa cozinha pitoresca, e o pano está próximo a pia. Me dirigi a água e lavei minhas mãos de pó, meu coração ainda martelava. *Ela não é uma boa mulher. Ela gosta dos mais fortes, mais bonitos, dos mais jovens. Ela os toma e depois nunca voltam.*

Vou até o deck, minha mãe está lá estirada na espreguiçadeira, metade dentro metade fora da sombra. Ela tem um livro aberto no seu colo, o mesmo que esteve lendo a semana toda. Não creio que avançou mais do que umas poucas paginas. Ela olhou para cima, me viu, e fez gesto para eu ir.

Me sento nos pés da espreguiçadeira, e minha mãe me dá um fraco sorriso. “Está se divertindo Violet?”

Minha boca está seca, quero dizer a minha mãe sobre o que eu vi, sobre o Evan, mas ela está tão longe como se ela estivesse à deriva em alto mar. Trato de me recordar da ultima vez em que minha mãe estava realmente concentrada em mim. “Claro.”

“Sinto que apenas te vi.” Ela se queixa. “No entanto, acho que é melhor, você e o Evan se divertirem juntos.”

Penso no Evan estirado no sofá, mole e com a cara cinza. “Estou preocupada com o Evan, mãe.”

“Preocupada?” Seus olhos cinza estão vagos por trás dos óculos. “Você não deve se preocupar enquanto está de férias.”

“Não, quero dizer que há algo realmente errado com ele... Algo realmente errado.”

Ela suspira. “Os garotos adolescentes costumam ser rabugentos e mal-humorados, Vi. Os





hormônios que correm através deles e tudo isso. Ele tem que conseguir se ajustar a essa nova condição familiar, ao igual que você.”

“Mãe”, eu digo, e de vagar tomo coragem. “Mãe, você é feliz?”

Ela se senta, olhando surpresa. “Claro que eu sou. Quero dizer, olha onde estamos.” Ela faz gestos amplos mostrando o mar, o céu, a praia. “Inclusive comigo trabalhando em dois empregos nós nunca poderíamos ter nos permitido umas férias dessas.”

*Mas não é agradável.* Esta na ponta da minha língua, mas eu olho o rosto da minha mãe e paro. É como se estivesse parada frente e a mim com um vestido novo implorando para ser elogiada, mas eu não me atrevo a dizer a verdade, que o vestido é feio, de aspecto barato e as cores são de um péssimo gosto. Porque a amo eu engulo de volta as palavras.

Ela tira os óculos, por um momento parece que ela me olha, que realmente me vê. “Sei que o Philip parece que tem um mau temperamento.” Me diz ao final. “Mas ele está cansado, seu trabalho é tão exigente. Mas na realidade ele nos ama. Posso ver a bondade nele. Nos seus olhos.” Ela sai sem esperar uma resposta. “É o que esta nos olhos da pessoa que é importante. É como diz o refrão, os olhos são o espelho da alma.”

“Janelas.” Eu corrijo.

Ela pisca. “O que?”

“Os olhos são as janelas da alma. Não espelhos.”

Ela anda para frente e coloca a mão sobre a minha. A sinto magra, com os dedos duros e secos como ramos de árvore. “você é tão inteligente.” Ela diz. “Você sabe tudo.”

Na frente do jardim dianteiro e nas fronteiras da Vila se estende uma estrada poeirenta até Black River. Uma cerca de bambus cerca a casa privando-la da circulação ocasional nos escondendo do mundo. O jardim está cheio de flores: Jacarandás violetas, orquídeas, rosas. Damon está ali na sombra, com um chapéu com a viseira branca de novo na cabeça. Ele está inspecionando um dos asperçórios. Tudo parece normal até que eu me sinto um atonta e vou lhe perguntar: “Onde está tua irmã?”

Ele me olha com seu olhos negros insondáveis. “Minha irmã”

“Damaris” eu digo. “Por favor.”

Depois de um momento ele pega seu telefone, disca, e fala com ela num dialeto tão apressado que não entendo nada do que diz. Depois de um momento ele desliga e se dirige a mim com um movimento brusco. “Ela disse para esperar por ela debaixo da árvore da chama.” Seus gestos apontavam para uma árvore com galhos torcidos, e grandes flores de cor marrom avermelhadas. “Mais pra lá.”

Em pé debaixo da árvore as flores como chuveiros vermelhos caíam sobre mim cada vez que a brisa soprava entre os galhos mais altos. Os finos pelinhos das flores roçavam a minha pele do meu pescoço como patinhas de insetos. Tenho que lutar contra a tentação de arrancar e jogá-las fora. Me sinto aliviada quando ouço os passos de Damaris atravessando o portão da cerca de bambu e se aproximando. Ela está usando um vestido de algodão com as cores do por do sol, mas seu rosto é sombrio.



“Você a viu.” disse sem rodeios. “Não viu?”

E sai com pressa: a porta, a chave, o jardim, o vidro quebrado, o que eu vi pela janela. Ela me olha sem se mover enquanto falo. Até que de fato eu digo “Quem é ela Damaris? O que ela é?”

“Você realmente quer saber?”

“Eu quero.” Eu digo. “Por favor me diga.”

“Ela é uma bruxa.” Ela diz. “Uma bem velha. Nem toda magia é má, mas a dela é. Era dona de uma plantação, ou pelo menos seu marido era. Dizem que ele costumava bater nela. Um dia ela se levantou e o matou com suas próprias mãos. Então começou a matar os escravos um por um. Somente os homens, se você me entende. Fazem amor com ela e depois ela lhes chupa a vida, e deixa que morram, como cascas, como sementes vazias. Ela gosta dos jovens e bonitos, mas se não pode tomar esses pega qualquer um. Ela os atrai com uma bebida mágica, uma vez a prova são dela. Ela toma suas almas e se alimenta delas, para se manter jovem e bela. Durante centenas de anos ela fez isso. As vezes os mata rápido, as vezes espera e brinca com eles um tempo. Como ela está brincando com o seu irmão.”

“Evan não é meu irmão.” Lhe digo entre dentes. “Se você sabe disso, se todo mundo sabe, porque ninguém faz nada a respeito?”

“Ela não pode morrer.” Disse Damaris. “Há muito tempo mataram essa mulher e a enterraram numa tumba com marcas especiais que a impediriam de caminhar, mas inclusive isso não a prendeu na terra. Sua magia é forte, mortal e ela vive para sempre. Machucar ela só traria sua vingança sobre você e seus filhos depois de você. Você está saindo, indo pra onde ela não pode te machucar. Então eu vou dizer a você como machucar ela. Ela se alimenta das almas que toma. Destrói aqueles e você terá seu poder o suficiente para trazer seu meio-irmão de volta.”

“Mas onde é que ela os mantém?”

“Eu não sei onde estão.” Disse Damaris. “Mas você é uma garota inteligente. Talvez você possa imaginar onde é.” Ela olhos de relance. “Te digo uma coisa. Anne Palmer nunca renuncia a um homem que ela coloca suas garras. Não por nada.”

“Então porque você está me dizendo isso?” digo quase gritando “se não há nada que eu possa fazer para salvar o Evan, no caso de que seja extremamente tarde, então, qual é o ponto?”

Uma flor vermelha se desprende da árvore e cai descansando no ombro de Damaris como uma gota de sangue. “Eu digo que ela nunca renunciaria um homem por nada.” e Ela disse. “Não digo que ela não o faria por algo.”

Essa noite Evan não jantou. Philip franzi as sobrancelhas ao ver o lugar vago de seu filho, uma linha divide as sobrancelhas como tivesse sido fatiadas como uma faca. “Violet.” Ele diz, ele sempre arrasta o meu nome quando fala comigo como se fosse dar uma conferencia sobre mim: Vi-oh-let. “Violet, onde esta Evan?”

Eu olho o meu prato. Tem curry nele, peixe enrolado em folhas de bananeira e frutas fatiadas. A vista me embrulha o estomago. “Na praia acho.”

“Bom, vai buscar ele.” Ele pega o garfo. “Já tive o suficiente com suas desapareições na hora da



janta familiar.” Olho para a minha mãe que assente coma a cabeça de maneira imperceptível, como se temesse ser vista me dando permissão. Jogo meu guardanapo e fico de pé. “Tentarei encontrar-lo.” Digo. *Sem promessas.*

O sol já baixou, deixando a areia fresca e suave sob meus pés. E a brisa do oceano, ela balança entre os meus cabelos, refrescando o úmido suor atrás do meu pescoço e omoplatas. Eu me viro e olho para a casa da Srta. Palmer. Está escuro e sem luz, baixo um céu opaco, como uma flor cujas pétalas se fecharam para a noite. Penso no que Damaris me disse, e então penso na Srta. Palmer, em como ela se inclinou encima do Evan, e o meu coração deu voltas dentro de mim. Eu não posso ir lá. Eu não posso ajudar ou salvar ele. Eu não entendo porque Damaris inclusive me disse alguma coisa. Ela viu minha mãe e Philip juntos. Deveria ser obvio que não sou alguém que possa salvar ninguém, nem sequer aos que amo.

Eu volto em direção a vila, e então o vejo: um fragmento de azul que capturado numa das rochas na entrada da caverna que Evan me levou no primeiro dia que chegamos aqui. Uma cor azul da mesma cor que a camisa do Evan. Me movo para a caverna, olho para ver se ninguém esta olhando e deslizo para o interior. Empurro através da parte estreita da caverna e logo saio no espaço maior onde o musgo colorido brilha nas paredes como luzes. Me leva um momento até ver que Evan esta sentado na areia úmida da base da parede da caverna, com as pernas encolhidas e o rosto entre as suas mãos.

“Evan” eu me ajoelho perto dele. “Evan tem alguma coisa errada?”

Ele olha para cima e eu fico chocada. Inclusive em pouca quantidade de tempo entre ontem e essa noite seu rosto parece ter caído sobre si mesmo: fundo e cinza, seus olhos marcados por sombras rígidas. Seus ombros mais magros embaixo do tecido usado da camiseta azul. Antes parecia mecânico, amortecido, como a pessoa que toma remédio para dormir. Agora a droga desapareceu e ele está agitado e desesperado. Muito pior de algum modo.

“Vi” ele sussurra. “Algo aconteceu- a chatee. Eu nem sequer sei o que fiz, mas ela me mandou desaparecer.”

“A Srta. Palmer? É isso que você quer dizer?” Eu deslizo minha mão sobre seu ombro e aperto firmemente. Ele apenas se da conta. “Evan, você não deve ficar próximo dela. Ela não é uma boa pessoa. Ela não é... boa para você.”

“Eu tenho que ficar perto dela.” Ele diz. “se eu não ficar perto dela eu sinto como se me faltasse o ar. Como se eu fosse morrer.” ele apalpa nervosamente a areia. “Você não pode entender.”

Oh. Isso dói. Como só se um menino pudesse sentir qualquer coisa. Eu prendo minha respiração. “Você a ama?”

Ele da uma espécie de cacarejo seco, não como se risse de todos. “Você ama a água? Ou a comida? Ou você simplesmente precisa deles?” Ele inclina a cabeça na parede da caverna. “Eu acho que estou morrendo Violet.”

“Vamos te levar pra casa.” Eu disse. “Vamos para casa e você vai esquecer dela.”

“Eu não quero esquecer” ele sussurra. “Quando eu estou com ela, eu vejo... tudo. Eu vejo cores...”

“Evan.” Minhas bochechas banhadas em lagrimas, eu pego no seu queixo e viro seu rosto para mim. “Me deixa te ajudar.”

“Me ajudar?” Mas soa mais como um por favor me ajude, e ele abre seus olhos. Me inclino para



ele, e nossos lábios se encontram em algum lugar no meio dessa escuridão, e me recordo do beijo que me deu na recepção do casamento, quando estávamos um pouco bêbados, rindo, embaixo da cobertura de flores brancas falsas no jardim. Aquele beijo sabor champanhe e batom, mas agora o gosto do Evan era de mar e sal. Sua pele se sentia seca em minhas mãos quando eu as deslizava sobre eles. Inclusive enquanto ele rola por cima de mim e eu o tenho em meus braços, ele se sente tão leve, flutuando, e quando ele grita um nome, esse nome não é o meu.

Praticamente tenho que empurrar o Evan de volta a vila. Quando chegamos vejo que Philip e minha mãe já terminaram de comer: a mesa está abandonada, e há uma aglomeração de moscas em torno das bananas fritas. Empurro Evan numa espreguiçadeira, onde ele fica inerte com a cabeça nas mãos.

“Eu já volto.” Eu digo, mas ele parece apenas me ouvir.

Eu entrei dentro pelas portas duplas. Não tenho certeza do que é que eu estou pensando fazer - se eu peço a minha mãe e aí Philip que nos levem a casa, cortem nossas férias? Para levar Evan ao hospital, ainda que não lhe encontrem nada, como diz Damaris não fará nenhuma diferença.

A porta de seu quarto está fechada. Paro na frente, minha mão a ponto de tocar. Tem vozes do outro lado: Philip gritando e minha mãe tratando de acalmá-lo, mas não está funcionando. Sua voz se alça mesmo quando a dela são simples suspiros. Ela está chorando. Minha mão está congelada como a de uma estatua. Os soluços da minha mãe rolam suavemente por baixo da porta, como o som da maré sendo arrastada para o mar, cortado de repente pelo som de uma bofetada, repentino como um tiro. Escuto seu grito, e de repente tudo está tranquilo.

“Carol.” Philip diz. Não estou segura de se soa como me desculpe ou se estou cansado. Não sei se me importo. *Sempre será assim, eu acho, o resto da minha vida, escutando através de uma porta fechada como Philip destrói minha mãe aos poucos, sangrando sua alma seca como a Srta. Palmer drenou o Evan.*

Eu passo pela porta em silêncio para o outro lado dela. Na sala de estar a bolsa de golfe do Philip brilha, pendurada num gancho ao lado da porta principal. Eu pego um nove de ferro e saio ao deck. Evan está deitado na espreguiçadeira com os braços dobrados embaixo da cabeça como o deixei. Está tão silencioso que tenho que comprovar seu peito subindo e baixando lentamente, para que eu possa tomar o caminho que leva ao oceano novamente.

O mar de noite é negro como uma tinta. Se eu fosse um fantasma e voasse sobre ele, me pergunto se conseguiria ver meu rosto refletindo? Uma forte onda na praia, enviou gotículas de água como spray enquanto eu deslizava o portão da casa da Sra. Palmer e adentrava no jardim.

Em todo lugar os fragmentos de vidro refletia fora da areia como barbatanas de tubarão no meio da água. O ar aqui vindo do oceano é denso e quente para respirar. Eu levantei o nove de ferro<sup>33</sup>, o sentia pesado e sólido. trago abaixo contra o fragmento de vidro mais próximo esperando que salte fora dela. Mas o vidro se quebra em um milhão de rachaduras. Uma pequena nuvem sobe como ele, como fumaça de cigarro, e se dissipa no ar da noite.

Eu sigo lá respirando com dificuldade, mantendo o clube. E então me giro uma e outra vez. ar está cheio do som, lindo e prateado do vidro quebrado. Uma luz se acende de repente, a luz da varanda, enfraquecendo a minhas vistas, mais eu continuo balançando, vidro após vidro, até que algo se apodera do outro lado do nove de ferro que é arrancado violentamente da minha mão. A

<sup>33</sup> Sorry mais nem procurando como louca encontrei um significado para isso!!!



Sra. Palmer esta parada em minha frente. Ela já não parece mais tão perfeita, seu cabelo esta molhado e embaraçado, os olhos estavam abertos e selvagens. Esta com um vestido longo e negro, e uma boina passada de moda. Ela realmente não parece uma bruxa. "O que você pensa que esta fazendo?" Disse em meio a gritos. "Isso é uma propriedade privada, minha propriedade."

"Essas não te pertence" Eu disse a ela. Minha voz era firme mas eu não pude contribuir com um ou dois passos para trás, minhas rasteirinhas fizeram barulho no chão. "Essas almas."

Ela ficou boquiaberta. "Almas?"

"Tanto faz como você as chama. As vidas que você rouba. Você as coloca nos espelhos. Aqui é onde você as guarda."

Sua voz parecia um rosnado. "Você esta louca."

"Eu vi o que você faz." Eu lhe falei. "Eu vi o que você fez com o Evan. Eu vi vocês pela janela."

Sua boca se abriu e eu a vi olhando as chaves na minha mão esquerda. "Damaris." Ela falou. "Aquela mulher é uma intrometida. Ela nunca sabe como ficar fora dos negócios das outras pessoas."

"Eu quero que você deixe meu meio irmão sozinho." eu disse. "Quero que você deixe o Evan ir."

Desdenhou sua ira e curvou seus lábios vermelhos num sorriso.

"Damaris deve ter te dito que não seria tão fácil."

"Se você não deixar ele ir, eu voltarei e despedaçarei o resto disso - Eu contarei para todo mundo que você se alimenta de almas, e quando todo mundo souber..."

"Seu meio-irmão" ela falou. "Ele costumava falar sobre você. Ele sabia que você tinha uma queda por ele. Ele achava isso divertido." A ira tinha abandonado sua voz agora, ela estava melodiosa, do jeito que ela falou com o Evan quando lhe ofereceu a garrafa de suco. "Você era um divertimento para ele, Violet. Então porque destina tanta energia para salva-lo agora?"

Isso machucou, o que ela disse. Eu disse a mim mesma que ela estava mentindo, mas machuca de qualquer modo. Um agulhão afiado, como suco de limão num corte superficial. Eu respirei profundamente. "Eu o amo. Damaris disse que ele pode ser salvo por alguém que o ame realmente."

"Mas ele não te ama." ela falou. "Assim é como os homens são. Eles pegam o amor que você dá e retorcem até que vem com um bastão e te dão com ele." Ela olhou suas mãos. Seu olhar era vicioso. "Diga-me que eu não tenho o direito de igualar a incisão, Violet. Diga-me que você não poderia fazer o mesmo no meu lugar. Homens são a maldição das mulheres vivas e você sabe disso."

Na minha mente eu vi o Philip, e minha mãe aos seus pés recolhendo as frutas dos chão com seus dedos sangrando. "Eu não sei o que eu penso sobre os homens." Eu disse. "Mas o Evan ainda é só um garoto. Ele não é bom ou mal ou qualquer coisa pelo estilo ainda. Ele não pode ser punido."

"Ele ira crescer como o resto dos deles." falou a Sra. Palmer. Ela matou seu marido em sua própria cama. E num distante tipo de voz, ela continuou. " Todos eles vão. Esse é o porque de eu não o entregar."



Eu pensei no marido de Anne Palmer, o homem com um bastão. "Damaris falou que você não entregaria Evan por nada." Eu falei." Mas ele é tão novo e frágil. que eu poderia encontrar pra você que fosse melhor?"

Depois da escuridão, como repentinamente, assustadoramente irradiou como vaga-lumes no seu olhar. "Conte-me" ela falou.

Eu acordei de manhã com a brilhante luz do sol e o som dos pássaros. Eu me estirei na minha rede por um longo momento. Era fácil pensar que a noite passada não tinha acontecido, ao contrario disso, quando eu virei minha cabeça eu vi a garrafa de plástico na minha mesinha de cabeceira ao lado do despertador. O liquido claro dentro, brilhava como um arco-íris instável, como um abajur de óleo<sup>34</sup>.

Eu entrei no meu vestido de praia e deslizei meus pés nas minhas rasteirinhas. Tinha cortes manchando meu tornozelo onde voaram pedaços de vidro cortando minha pele, mas eu estou razoavelmente bem tanto que ninguém pensará que os cortes são mais que picadas de mosquitos. Eu peguei a garrafa que estava no meu caminho. A sentia pesada, pesada como se estivesse cheia de água. Quando eu a balancei<sup>35</sup>, o liquido no interior era denso, soava como neve derretida.

Damaris estava na cozinha fritando bacon na frigideira. Ela não falou nada mas pude perceber ela me olhando de canto de olho enquanto eu pegava uma grande taça redonda do armário de copos e o enchia de gelo. Eu desrosquei a tampa da garrafa que a Sra. Palmer me deu na noite passada e despejei o liquido sobre o gelo. liquido escorria lentamente fora da garrafa, denso como lava. Tinha um cheiro vagamente medicinal, como ervas. Enquanto eu fixava meus olhos nele, Damaris se aproximou de mim e colocou na taça uma rodela de limão, "Lá", disse ela. "Diga para ele que é para a sua enxaqueca."

Eu assenti peguei a taça e fui em direção ao deck. Evan ainda esta estirado na sua espreguiçadeira, mas seus olhos ainda não se abrem e sua pele esta sem cor.

*Ele não se lembrara de nada?* perguntei a Sra. Palmer na ultima noite no seu jardim de vidro, almas como pedaços dentados brilhando ao nosso redor. *Você promete?*

*Ele não se lembrará.* Ela prometeu. *Somente as férias. O sol. A areia. E então o acidente.*

Minha mãe estava sentada numa cadeira próximo do Evan mexendo e tentando colocar nele uma roupa lavada pela sua cabeça. Ele empurrou suas mãos aborrecido, mas ao final sua voz soou forte quando ele disse que não a ela. Ela estava usando óculos escuros de novo, mas isso não pode esconder sua face descolorida. Eu dei uma longa olhada para os dois antes de atravessar o deck em direção a sacada abandonada onde Philip estava sentado com o seu jornal aberto no seu colo.

"Oi", eu disse.

Ele olhou para cima, sua estreita e fria expressão baixo a luz do sol. Ele não mostrou culpa nenhuma ao me olhar, nem no mais profundo interior que ele tivesse perdido alguma coisa na

<sup>34</sup> Aqueles psicodélicos que fazem formas coloridas.

<sup>35</sup> no original: When i tilt it... Não encontrei uma tradução que encaixasse bem esse "tilt" o mais próximo que cheguei foi coberto de lona ou oleado. Pelo 'oleado' deu pra entender que ela deve ter feito um movimento como sacudindo ou balançando o que tinha dentro da garrafa, entaaaaum... achei que pra simplificar encaixaria melhor "balancei" nesse caso ok!!!





noite passada, isso porque minha mãe o perdoou, eu não. Mas eu duvido que o Philip estaria interessado nos meus sentimentos de qualquer modo. Ele nunca pensou em mim como as pessoas em geral, com o poder de perdoar ou negar perdão a alguém.

*Isso tem que ser rápido, não devagar.* Eu falei a Sra. Palmer. *Eu não quero que você estaria fora. Eu quero que você tome tudo de uma vez.*

Ela sorriu seu astuto, branco sorriso. *Tudo de uma vez.* Ela me prometeu e me deu algo fino brilhante e afiado. Um pedaço de espelho quebrado.

A alma do Evan.

*É sua.* Ela falou. *Para guardar ou quebrar para devolver-la a ele completa.*

Eu deslizei debaixo da minha cama, onde ele podia refletir a luz da lua. *Eu o quebrarei essa noite.* Eu pensei comigo mesma. *Quebrarei e devolverei ao Evan sua alma.* O farei essa noite.

Ou amanhã.

Eu empurrei o liquido em direção ao Philip. Na luz do sol parecia água comum, com uma rodela de limão flutuando dentro. Silencioso eu pude ouvir o chiado do sussurro do espesso liquido se movendo entre o gelo. Ou talvez fosse minha imaginação. "Aqui", eu disse. "Damaris mandou isso pra você, disse que ia ser bom para sua enxaqueca."

Ele franziu as sobrancelhas. "Como ela sabe que eu estou com enxaqueca?" Eu não falei nada, e um momento depois ele pegou o copo da minha mão. "Obrigado Violet." Ele falou, firme e formal como só ele.

Ele tomou um gole. Eu assisti a garganta dele enviando para baixo o liquido. Eu nunca vi o Philip tomar nada com tanta fascinação antes. No final ele baixou o copo e perguntou, "Que tipo de suco é esse?"

"Aloe", eu falei. "Damaris falou que é um bom curativo."

"Povo sem noção."<sup>36</sup> Ele bufou e pegou seu jornal de novo.

"Mais uma coisa." eu falei. "Aquela mulher, a que o Evan ajudou, bem, seu carro ainda continua quebrado. Ela falou que o Evan ainda não tem 'personalidade' para consertar aquilo."

Philip bufou. "Eu poderei arrumar isso pra ela. O Evan não entende nada de carros."

"Ela espera que você possa olhar isso pra ela." Eu falei para ele. "Visto que você entende. Você provavelmente sabe mais de carros do que o Evan saberá jamais."

"Isso é verdade eu sei." Ele pegou o copo de novo, bebeu de novo, e lambeu os lábios. "Eu acho que será necessário que eu dê uma ajudinha a essa pobre mulher." Ele se levantou.

"Isso seria ótimo." Eu apontei o caminho. "Ela mora lá, na casa rosa, a única que parece com uma flor. Ela espera por você."

E ela esta. *Ele é o meu padrasto.* Eu falei para ela. *Ele é forte, mais forte que o Evan. Mais velho. E ela bate na minha mãe. Como o seu marido batia em você.*

---

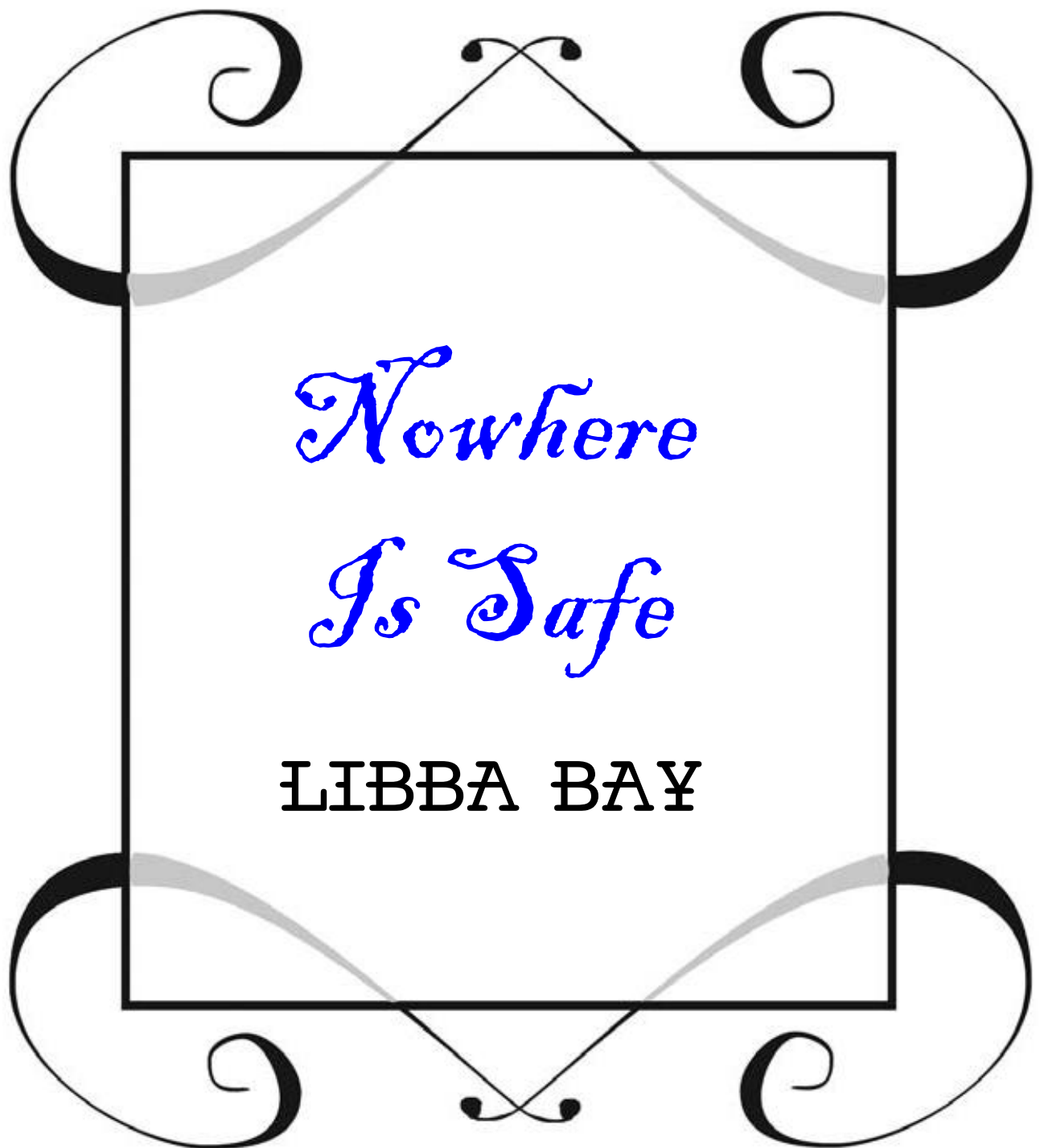
<sup>36</sup> Tradução ao pé da letra galera 'Folks nonsense.'





Philip endireitou meus ombros. "Você é uma boa garota Violet."

*Não, Não acho. Isso é uma coisa que eu não acho que sou.* Porque em algum lugar na casa rosa, a Sra. Palmer estará esperando, Anne Palmer, com seus lábios vermelhos e seu jardim de vidro, e seus espelhos que tomam sua alma. Eu olhei Philip trotando abaixo ao caminho, um pouco firme nas suas sapatilhas novas, a luz do sol balançando sobre sua cabeça, onde ele começava a ficar careca. Eu olhei e não disse nada. Eu assisti, porque ele nunca mais ia voltar.





**A**lô? Estamos gravando?

Vejo a luz vermelha, então eu espero que a bateria dure. Certo, preste atenção porque eu só tenho uma chance para fazer isso e vai ser tudo rápido. Se você encontrar isso no YouTube, tem muita sorte, porque você precisa saber disso. Desculpa pelo barulho no fundo. É muito complicado para explicar agora e você não quer saber o que está do outro lado dessa porta. Confie em mim. A propósito, meu nome é Poe. Poe Yamamoto. E é Poe como o Edgar Allan. É, por que qual cara não iria gostar de um nome como esse? Droga, eu tô me desviando. Certo. Concentração, cara. Conte a história.

Digamos que você acabou de se formar no Ensino Médio e decidiu celebrar o final de treze anos de educação obrigatória com uma pequena viagem de mochilão pela Europa com alguns amigos. Você faz o básico: Paris, Dublin, Veneza – que, a propósito, fede a merda de pomba frita na gordura – Londres (fria, úmida e cara, mas disso você sabia), talvez algumas cervejas na Alemanha. E só talvez um de vocês diga, “Ei, vamos sair da linha e visitar algumas daquelas cidades misteriosas do Leste Europeu, caçar vampiros e lobisomens e coisas que fazem barulho na noite Eslava.” E por que não, certo? Você só vai fazer isso uma vez.

Então, você faz as malas e vai pro leste. Pega um trem que atravessa o tipo de floresta que é mais antiga do qualquer uma que temos aqui, mais antiga do que qualquer coisa que você possa imaginar. Como se fosse praticamente possível sentir o cheiro da antiguidade que sai daquela imensa parede de árvores, e faz com que você se sinta completamente pequeno e inexperiente.

Mas então. Você chega numa vila e nota os pêndulos gigantes de aspecto maligno que os moradores penduram nas janelas. Talvez você até dê risada das superstições estranhas deles. Isso, meu amigo, é o tipo de porcaria arrogante que pode causar a morte de alguém. Não é estranho, e não é superstição. Existe uma razão pela qual os moradores ainda estejam vivos. Você dá uma volta, come um cozido grosso e apimentado, tenta puxar conversa com os moradores, que continuam a te falar para ir embora – visitar Moscou ou Budapeste ou Praga. Como se eles quisessem se livrar de você. Como se você fosse encrenca. Você os ignora, e um dia você e seus amigos se aventuram naquela floresta não familiar, andando por uma névoa grossa que aparece do nada.

Não é hora para parar e dar uma mijada numa árvore ou fazer um vídeo de viagem para sua família em casa. Sabe aquela sensação de arrepio que se sente na nuca? Aquela que te deixa com medo de olhar para trás? Presta atenção nisso, Holmes. Esse é um sinal de que há perigo vindo da parte “lagarto” do seu cérebro – algum centro primitivo da sua massa cinzenta que veio dos primeiros ancestrais, que não foi destruído pelos condomínios fechados, lojas de conveniência 24 horas que iluminam as estradas, e meia dúzia de programas falsos sobre Caça Fantasmas que passam tarde da noite na TV a cabo. Só to dizendo que esta parte lagarto existe por uma razão. Eu sei disso agora. Então, se você está andando por aquele caminho desconhecido e a névoa aparece do nada e escorrega as mãos pelo seu corpo, fazendo com que você dê voltas até não saber mais onde está, e parece que as árvores estão sussurrando para você? Ou você acha que viu alguma coisa no escuro que não existe, que você diz a si mesmo que não pode existir exceto nas histórias assustadoras em volta da fogueira? Ouça o lagarto, Holmes, e faça um favor a si mesmo. Fuja. Fuja como se o demônio estivesse no seu encalço. Porque ele pode muito bem estar. Ainda está gravando? Ótimo. Deixa eu contar para você o que aconteceu, enquanto eu ainda posso.



Não sei quem teve a ideia primeiro – pode ter sido eu. Pode ter sido Baz ou o primo dele, John. Pode até ter sido minha melhor amiga no mundo, Isabel. Só 3 caras e uma garota com mochilões. Passes da *Eurorail*<sup>37</sup>, e dois meses inteiros antes de termos que nos apresentar na faculdade. De alguma forma conseguimos acabar com a maioria do nosso dinheiro em um mês. Foi aí que um de nós – de novo, eu não lembro quem – sugeriu que esticássemos nosso dinheiro com uma viagem pelo Leste Europeu.

“Ou fazemos isso ou vamos para casa mais cedo e passamos o verão na Taco Temple entregando sacolas de bombas de gordura pela janela do *drive-thru*”, Baz disse.

Ele estava na sua quarta cerveja alemã e o jeito com que ele cambaleava o fazia parecer um bode sonolento de 2 metros de altura. Tinha cerveja na nova barbicha dele.

“Não podemos ir para Amsterdã ao invés disso? Ouvi falar que você pode fumar maconha lá às claras.” John implorou.

Isabel sacudiu a cabeça. “Caro demais.”

“Para vocês.” John falou baixo.

“Não seja assim.” Isabel deu um beijo nele, e John amoleceu. Eles estavam tendo um caso desde a segunda semana na Europa, e eu estava tentando levar numa boa. Izzie valia dez do John, para ser sincero.

“Então, para onde devemos ir? Não para algum lugar onde se vai com a tia Fanny. Vamos ter uma aventura de verdade, sabe?”

“Tipo o que, minha linda e audaciosa princesa viajante?”, disse Baz, dando uma de Baz, o que quer dizer a um dedo no lado “amigo” da linha entre “amigo engraçadinho” e “babaca insuportável”.

Ele tentou dar um tapinha na Isabel que estava com uma expressão de falcão.

Ela se livrou dele com um olhar divertido e ameaçou dar um soco, o que fez com que Baz ficasse de joelhos e fingisse estar assustado. “Misericórdia,” ele gritou, numa voz alta. Depois ele piscou.

“Ou não. Eu gosto dos dois jeitos.”

Virando os olhos, Isabel abriu nosso guia de viagem *Europa Barata* e apontou para uma seção com o título “Europa mal-assombrada” que dava informações rápidas sobre lugares pouco explorados que supostamente eram amaldiçoados de alguma forma: castelos construídos com ossos humanos, vilas que já haviam caçado e queimado bruxas, cemitérios antigos e cavernas onde vampiros viviam. Lugares com alta probabilidade de se encontrar lobisomens ou súcubos<sup>38</sup> – esse tipo de coisa.

John fez cócegas em Isabel e tomou o livro dela.

“E esse aqui?” Ele leu em voz alta, “Necuratul. Cidade dos Amaldiçoados. Na Idade Média, Necuratul sofreu uma série de percalços: uma seca terrível, perseguição de inimigos brutais, e a

<sup>37</sup> Companhia que vende passagens de trem na Europa. O passageiro pode viajar sem limites em quase toda a Europa por um preço fixo por dia ou ao longo de um determinado número de dias.

<sup>38</sup> Um **súcubo** [do *latim* *succubus*; *aquela que está deitada sob*] é um demônio com aparência feminina que invade o sonho dos homens a fim de ter uma relação sexual com eles.



Morte Negra. E então, de repente, no século XV, os problemas pararam. Necuratil prosperou. Escapou de toda doença e repeliu ataques inimigos facilmente. Havia rumores de que as pessoas de Necuratul fizeram um pacto com o demônio em troca de boa sorte e sobrevivência.

“Ao longo do último século, a sorte de Necuraul diminuiu. Isolada pela densa floresta e esquecida pela industrialização, a maioria dos jovens saíam da cidade em busca da diversão das cidades e universidades assim que podem. Mas eles retornam para o dia de festival da vila, 13 de agosto, no qual Necuratul honra seu passado através de vários rituais, culminando em uma festa parecida com Mardi Gras<sup>39</sup> completa com comida deliciosa e bebidas fortes. (Necuratul é famosa por seus vinhos excelentes e pela sua história infame.)

“Infelizmente, esse pode ser o último ano do festival – e da própria Necuratul – uma vez que há planos para transferir a cidade e construir uma usina elétrica no seu lugar.”

“Nossa. Que história feliz,” Baz começou a rir. “Venham para nossa cidade! Bebam nosso vinho! Paquerem nossas mulheres! Divirtam-se nos nossos dias de festa! E tudo isso custará apenas... Sua *alma*!”

“Eles tem vinhos ótimos e uma festa excelente? Tô lá”, disse John. Ele ainda estava com seus óculos escuros caros equilibrados na cabeça. O nariz dele estava queimado de sol.

Baz terminou de beber sua caneca e limpou a boca com o braço. “Tô dentro.”

“Eu também. Poe?” Isabel esticou a mão para mim e sorriu.

Era sempre difícil resistir a Izzie quando ela estava sendo aventureira. Éramos melhores amigos desde a sétima série quando ela havia imigrado do Haiti e eu havia chegado da cidade grande, e nos agarramos um ao outro como bóias em um mar escuro e incerto. Eu entrelacei meus dedos nos dela.

“Então vai ser a Cidade dos Malditos”, eu disse, e todos nós apertamos as mãos.

Na manhã seguinte saímos do albergue antes do amanhecer e pegamos um trem em direção ao leste de Munique. O trem foi fazendo barulho ao redor de montanhas com despenhadeiros tão altos que deixaram John e Baz, que ainda estavam de ressaca, enjoados.

Depois de mais algumas voltas e curvas, desaparecemos no interior de uma floresta escura e profunda – um guarda alto do poder antigo.

“Eu não ia durar um dia ali,” balbuciei.

“Cara, ninguém ia durar,” disse John. Ele puxou o chapéu para cobrir o rosto e bloquear a luz e foi dormir apoiado no ombro de Isabel.

Em Budapeste havia um influxo de viajantes, e nossa cabine confortável foi invadida por uma velha senhora com cheiro de alho e um sotaque pesado como pão integral.

“Meu lugar é aqui, sim? Vocês vão abrir espaço.”

Isabel e John ainda estavam dormindo no banco oposto ao nosso, então Baz e eu chegamos para o lado e a senhora sentou e se espalhou do nosso lado.

---

<sup>39</sup> Mardi Gras é uma festa carnavalesca que ocorre todo o ano em Nova Orleans, Estados Unidos.



“Onde vocês estão indo? Não, espere! Não me diga. Eu adivinho. Vocês estão indo para – “

“Necuratul. Cidade dos Amaldiçoados,” Baz interrompeu. Ele mexia as sobrancelhas para dar efeito.

A senhora grunhiu. “Eu disse que ia adivinhar. Eu sou quiromante. Quando garotos americanos estúpidos não roubam minha sina.”

“Você quer dizer ‘roubam a cena’?” Baz perguntou.

“Tanto faz. Vocês são?”

Nos apresentamos e ela concordou com a cabeça como se tivesse pensando no assunto e decidido que não tinha problema que tivéssemos nossos próprios nomes.

“Vocês podem me chamar de Sra. Smith.”

De alguma forma Sra Smith não parecia com o nome de uma cartomante do Leste Europeu que cheirava a alho e subiu no trem em Budapeste. Acho que nossas expressões nos entregaram, porque ela deu de ombros.

“Era fácil de pintar no meu caminhão. Além disso, todos conhecem alguém chamado Smith. Venham. Vou ler a sorte de vocês.”

“Não temos dinheiro”, eu disse rapidamente.

“Quem falou alguma coisa sobre dinheiro?” Sra Smith ficou brava. “Esqueci meu livro e estou entediada. Não seja tão cretino.”

“Não é isso que acontece muito nos filmes? Tem um cara velho ou uma mulher que lê a sorte e é tipo, ‘Oh, você vai morrer ou ganhar um monte de dinheiro ou conhecer uma garota. Agora me dá todo o seu dinheiro’?” Baz reclamou.

Sra Smith se arrepiou. “Eu consigo ler sua sorte agora mesmo sem nem consultar sua palma.”

“Consegue?”

“Sim. Você é um idiota. Será sempre um idiota.”

O sorrisinho de Baz desapareceu. “Tá, nos filmes é geralmente mais complicado. E menos abusivo.”

Sra Smith estava me encarando, e eu automaticamente senti minha armadura sendo colocada. Como se fosse o primeiro dia da sétima série de novo: *Ô, olho rasgado. Japa. Rolinho de Sushi. Ei, você é asiático – você pode me ajudar com o dever de matemática?*

“Algo errado?”, eu disse com muito nervosismo.

“Você tem um olho azul e o outro castanho”, ela disse. Eu cruzei os braços por cima do peito como se a estivesse desafiando a entrar no assunto. “É. Falha genética. Meu pai é Japonês. Minha mãe é Americana.”

“E muito gata,” Baz interrompeu. “Tô falando da sua mãe, não do seu pai. Quer dizer, seu pai é um cara bonito e tal, mas a sua mãe – “



“Baz, pára.”

“Tá.”

“Existe uma lenda sobre o homem com os olhos que vêem a terra e o céu. Um castanho, o outro azul,” disse Sra Smith. A voz dela mudou, ficou mais suave, um pouco cansada.

“Que lenda é essa?”

“Ele é condenado a andar em dois mundos, o dos vivos e o dos mortos. Eu posso?” Ela pegou minha mão e olhou para ela por muito tempo, fazendo careta.

“É como eu pensei. Você anda lado a lado com as forças invisíveis, os espíritos escuros, os inquietos e vingativos. O seu destino é detonar o mal, Poe Yamamoto, e logo, logo você será testado.”

“Cara,” Baz sussurrou no meu ouvido, suas dreads<sup>40</sup> de garoto branco fazendo cócegas no lado do meu rosto. “A velha esquisita acabou de dizer ‘detonar o mal’ ?”

Ela deu um tapa no braço dele. “Eu não sou surda, sabia.”

“Ai! Precisava fazer isso?”

“Você estava fazendo piada,” Sra Smith disse enfaticamente. Então Baz calou a boca. Qualquer um que podia calar a boca do Baz era uma força com a qual se podia contar, no meu ponto de vista.

“Cuidado com as respostas fáceis, Poe Yamamoto. Olhe além da superfície para o que está abaixo. Sempre existe mais. Outra explicação. Uma verdade mais profunda, mais assustadora. Mas sem a verdade não existe resolução. E sem isso, os mortos não descansam.”

“Táaa legal. Mais alguma coisa que eu deveria saber?” Perguntei.

“Sim. Não coma os bolos no vagão-restaurante. E isso não é ler a sorte. É experiência – são sempre velhos e duros como tijolos.” Ela me deu seu cartão. Estava escrito: Sra Smith: quiromante. Havia um número de telefone e negrito.

“Em caso.”

“Em caso de que?”

“De você conseguir voltar.” Ela juntou as coisas dela e enfiou tudo na bolsa. “Certo. Agora eu vou para outra cabine. Para ser honesta, você me dá arrepios. Boa sorte, Poe Yamamoto.”

A porta se fechou com um barulho atrás da Sra Smith. Isabel acordou e se espreguiçou. Ela ficava bonita toda sonolenta, com a luz do sol salpicando suas bochechas negras.

“O que eu perdi?”

“Floresta. Montanhas. Mais floresta. Ah, e uma quiromante bizarra acabou de falar para Poe que

---

<sup>40</sup> Consiste em bolos cilíndricos de cabelo que aparentam "cordas" pendendo do topo da cabeça. Para melhor designar é o rastafári... só que o dreads é bem mais antigo que o movimento rastafári, mas ficou conhecido pelo movimento rastafári. O trabalho realizado no cabelo é o mesmo.





ele tem um destino com o mal.”

Isabel soprou entre as mãos, fez uma cara feia. “ É, bom, eu acho que pode ser meu hálito. Vou ao vagão restaurante comprar chiclete.”

A hora do jantar já tinha passado há muito tempo quando chegamos na estação mais perto de Necuratul, e todo mundo estava sofrendo de dores nos músculos e barrigas vazias. Mostramos nosso guia de viagem ao agente da estação e ele nos apontou na direção de um motorista com um chapéu festivo que tinha uma pena fincada na aba. Ele estava sentado ao lado de uma carroça e comia um sanduíche. Isabel apontou a palavra *Necuratul* no guia e o cara parou de mastigar e olhou para nós de um jeito engraçado.

“Vocês deviam ir para Bucareste ou Praga. Muito Bonito”, ele disse.

“Nós queremos muito ver o festival,” Isabel disse. Ela deu aquele sorriso vou-fazer-você-gostar-de-mim, mas não funcionou com esse cara. Ele nem esboçou um sorriso.

O motorista cutucou seu sanduíche. “Dizem que eles costumavam adorar o demônio. Alguns dizem que eles ainda adoram.” Baz fez uma cara de vampiro, colocando os dentes para fora dos lábios inferiores e abrindo bem os olhos. Isabel deu um tapa no braço dele.

“Ano que vem,” o homem continuou, “eles irão construir uma usina elétrica na montanha. Adeus, Necuratul. Isso é progresso, eles dizem. De qualquer forma. Vocês têm dinheiro?”

“Muito dinheiro”, disse Baz ao mesmo tempo em que John disse, “Não muito.”

“Jovens”, o motorista grunhiu ao limpar as mãos. “Levarei vocês. Mas primeiro irei dizer: não entrem na floresta. Fiquem no perímetro das pedras e não as cruze ou vocês se arrependerão.”

“Porque iremos nos arrepender?” Isabel perguntou.

“Espíritos inquietos, esperando para serem libertados. Fiquem longe da floresta”, ele avisou, e ofereceu o resto do sanduíche para seu cavalo.

“Esse foi um toque legal de bizarrice,” John disse enquanto subíamos na parte de trás. “Você acha que eles pagam extra para ele adicionar aquele último pedaço, igual quando a gente vai no tour do Jack o Estripador em Londres e eles ficam avisando sobre como ele nunca foi encontrado e depois algum ator vagabundo de casaco preto passa correndo?”

“Talvez,” eu disse, mas o motorista não parecia estar brincando. Foi aí que eu reparei no muro baixo de pedra beirando a floresta em cada lado da estrada de terra estreita. Fileiras de pó branco iam ao longo do muro. Atrás de nós não era possível nem ver a estação de trem, apenas vegetação grossa e fumaça. E por um segundo e podia ter jurado que vi uma garota escondida atrás de uma árvore, observando.

“Ei, vocês viram – “ Eu apontei, mas não havia nada lá.

“Jack o Estripador *nunca foi encontrado!*” Baz disse. Ele caiu em cima de mim como Bela Lugosi e eu tive que chutá-lo para ele parar.

Quinze milhas por sobre uma ponte e subindo uma montanha numa carroça puxada a cavalo fizeram com que eu sentisse que meu traseiro era feito de carne seca e dor. Finalmente, a



floresta ficou um pouco mais escassa. Eu podia ver telhados queimados de sol e pequenos laços de fumaça saindo de chaminés tortas. Um perímetro de pedra como aqueles que havíamos visto no caminho bloqueava o acesso da via à floresta. O mesmo pó branco estava lá. O motorista parou perto das pedras, mantendo o cavalo bem longe delas. Pagamos a taxa. John não ficou feliz em ter que se separar de mais do dinheiro dos avós dele.

“Sabe, isso nem foi minha idéia”, ele reclamou.

“Pára de reclamar,” Baz disse. “No que mais você vai gastar?”

“Pornografia.” Isabel disse com uma risada. “Ouvi dizer que depois de 100 assinaturas de site, você ganha uma de graça.”

Baz cambaleou para trás, com a mão no coração. “Oh! Você foi possuído pelo sino<sup>41</sup>, Johnster!”

“Cala a boca,” John disse, e esmagou com um tapa o braço de Baz mais forte do que de costume. À nossa direita havia um poste alto com um sino e uma corda.

O motorista tocou o sino, e alguns minutos depois uma senhora usando uma saia longa e clara, camisa de mangas longas marrom e os cabelos enterrados dentro de um lenço veio correndo. Ela e o motorista trocaram algumas palavras, algumas delas bem irritadas. Ela deu uma boa olhada em nós: quatro adolescentes sujos cheirando a suor velho e interior de trem. Quando ela chegou em Isabel, ela pareceu arrepiar-se. Isabel cruzou os braços sobre a sua camiseta cortada dos Ramones.

“Ótimo,” ela balbuciou. “Racistas. Meus favoritos.”

A mulher enfiou a mão no bolso do avental e jogou um punhado de pó branco em nós. Isabel se encolheu e fechou os dedos em punho. “Mas que droga?”

“Sal,” John disse, segurando as costas dela. Um pouco do pó tinha ido na boca dele. “É sal.”

A senhora jogou mais um punhado de sal atrás de nós.

“Proteção,” ela disse.

Nós descobrimos depois que era uma das duas palavras em Inglês que ela conhecia. A outra era “demônio”. Ela rasgou um pedaço de pão e segurou na nossa frente como se ela estivesse tentando atrair um animal. Achei que era pra gente aceitar o pão dela, mas quando eu tentei, ela deu um passo atrás, ainda segurando o pão com uma expressão cansada. O vento aumentou com uma força repentina, nos empurrando um pouco. Ele assobiava pelas árvores como orações dos mortos. A mulher parecia preocupada. Eu pulei por cima das pedras, os outros me seguiram. O vento parou, e a floresta ficou quieta. A senhora colocou o pedaço de pão de volta no bolso do avental e limpou as mãos na saia com um olhar que mostrava que ela queria nos tirar dali com a mesma facilidade. Depois ela se virou e foi embora às pressas.

“Isso foi estranho,” Isabel disse.

“É. E qual é a do pão?” Baz perguntou. “Pão é para o os vivos,” uma voz respondeu. Nos viramos e vimos uma garota mais ou menos da nossa idade, talvez um pouco mais velha, varrendo a rua. Ela tinha os olhos escuros e cabelos compridos cor de trigo, e usava calças jeans e uma camiseta dos Flaming Lips. Uma mulher da idade da minha mãe também estava varrendo. Ela usava as

<sup>41</sup> Deixei como no livro, mas aqui quer dizer que: Salvo por uma intervenção de última hora. No caso uma intervenção do sino que iria ser tocado. É uma expressão antiga que nasceu segundo alguns, quando as pessoas eram enterradas com um sino no caixão, para que tocassem caso recobrassem a vida lá dentro (século 17) e conforme outros, que nasceu pelo sino tocado pelo juiz na luta de Boxe.



mesmas roupas sem graça, de camponês, iguais as da mulher que havia jogado sal em nós. Ela não olhou pra cima.

“E daí? Os mortos estão de dieta?”, eu perguntei sorrindo. Felizmente, a garota respondeu meu sorriso. “Os mortos não comem. Se comessem, nós seríamos ainda mais pobres.”

“Ela é gostosa,” Baz sussurrou. “ Eu posso até imaginar ela posando pra um calendário das Garotas Gostosas de Necuratul, talvez usando um biquini de Vlad o Impalador – ai!”

Isabel tinha dado uma cotovelada forte no estômago de Baz. “Credo, Iz” Ele tossiu. “Evolua, Baz,” ela devolveu.

“Você fala inglês,” John disse para a garota, falando o óbvio.

“Sim, eu estudo na universidade. Estou em casa para passar o verão. Para o festival. Hoje à noite a taverna vai estar cheia de bêbados.”

John sorriu “Parece bom para mim.”

“Qual é a língua, mesmo?” Baz perguntou, tentando parecer cosmopolita. “Parecei meio Romeno? Húngaro?”

“É Necuratuli. É tradicional na vila. Não se incomode em tentar achar uma tradução. É obscuro demais. Meu nome é Mariana, a propósito.”

Ela estendeu a mão e eu a apertei, o que fez a mulher mais velha sacudir a cabeça e reclamar baixo. Ela cuspiu três vezes. Mariana virou os olhos.

“Minha mãe. Ela não acredita em nada novo e cheio de pecado como mulheres apertando a mão de homens.”

Mariana respondeu para a mãe dela em Necuratuli, e a mulher mais velha nos deu outro olhar suspeito antes de sair pisando duro.

“Não ligue para ela. Ela fica nervosa por causa de forasteiros e coisas novas. Então. Vocês estão aqui para o festival?”

“Sim. Lemos sobre o festival aqui.” Eu mostrei nosso guia.

“Sabe, aquela história da cabeça do bode, de sacrificar carneiros, e sobre o possível pacto com o Grande D.”

Mariana riu. “É assim que pegamos nossos turistas. Florença tem o David, nós temos Satã. Sinto muito em desapontar vocês – o que mais tem aqui são ovelhas e superstições. Mas o vinho é fantástico e o festival é muito divertido. Aqui. Deixem suas malas. Elas vão ficar em segurança. Essa é uma das grandes coisas em relação a essa cidade – tudo é seguro; você nunca precisa se preocupar. Você consegue imaginar fazer isso em Londres, Nova Iorque ou Moscou?”

“Roubaram minha bicicleta uma vez, e estava com a tranca,” Baz disse. Ele fez uma cara falsa de timidez, e Izzie virou os olhos. “Eu sinto mais falta da campainha.”

Mariana levou na brincadeira e riu da piada ruim dele.

“Sinto muito sobre isso. Talvez um pequeno tour por Necuratul vá te animar. Venham. Eu mostro para vocês.”



“Qual é a das pedras e do sal?” Eu perguntei, colocando minha mochila no chão.

“Um velho costume do povo. Dizem que mantém os espíritos malignos do lado de fora. Nenhum morto-vivo consegue atravessar o limite. E nenhum morto-vivo consegue comer. E é por isso que ela ofereceu o pão para vocês enquanto vocês ainda estavam do outro lado – para provar que vocês estavam entre os vivos. Se vocês tivessem tentado pegar o pão enquanto cruzavam o limite, vocês teriam virado cinza.”

Baz assobiou. “Caraca.”

“Aparecem muitos mortos-vivos por aqui, tirando fotos e pedindo camisetas escritas ‘Eu me diverti com a cabeça do bode’ ? “, perguntei.

Mariana concordou com uma expressão grave e suspirou.

“Por que você acha que eles são chamados de espíritos inquietos? Eles destroem os quartos na pousada e não deixam gorjeta. De qualquer forma, vocês não podem ir até a floresta. E especialmente, vocês não podem levar pão para a floresta. É como se estivessem alimentando os mortos-vivos, dando poder a eles.”

“Superstições, cara. A cultura do medo. Completamente retrógrado, certo?” John deu um sorriso sarcástico.

“Todo lugar tem suas tradições,” Mariana disse, um pouco friamente.

Baz se inclinou para perto do primo.

“Parabéns, você conseguiu a simpatia dos habitantes, meu amigo.” Para Mariana, ele disse, “Eu adoro ouvir sobre costumes!”

Ele ficou ao lado de Mariana enquanto ela nos guiava na direção do coração de Necuratul. O guia não havia mentido: a cidade era charmosa, como as cidades dos livros de histórias, num estilo “tememos por nossas vidas”. Cada casa era circundada por sal. Réstias de alho ficavam penduradas nas janelas e eram pregadas nas portas.

Atrás da vila havia uma área plana habitada por ovelhas. Era calmo. Lindo como nos cartões postais. Então eu notei os espantalhos com os grandes símbolos do olho do mau pintados em suas testas. Ninguém ia gostar de ver aquilo no álbum de fotos da família. Mas a obra prima do lugar era a igreja gótica enorme que ficava no topo de uma colina bem na extremidade da cidade, praticamente na frente da primeira linha de árvores. Eu contei treze espirais retorcidas. A entrada era guardada por grandes portas de madeira com rostos entalhados nelas. De perto, os rostos eram assustadores. Bocas gritando. Olhos arregalados de terror. Pessoas implorando – pelo que, eu não sabia nem queria saber.

“Nossa. Encantador,” eu disse.

“Eu sei. Viver com medo não é vida.” Mariana empurrou as portas para abri-las, e nós entramos.

“Uau,” Baz engasgou.

Pelo lado de fora não tinha jeito de perceber como o lado de dentro era lindo. As paredes – cada pedacinho delas – brilhavam com murais dourados. Eles haviam sido muito bem preservados.

“Isso tudo foi feito na Idade Média,” disse Mariana. “É uma história da cidade.”



Na esquerda, os painéis pareciam saídos de um filme de terror. Imagens estranhas de plantações mortas. Pessoas doentes, metade esqueletos, cobertas de feridas. Crianças chorando. Cachorros atacando uns aos outros por causa de um pedaço de carne. Cadáveres colocados em carroças e queimados, mulheres chorando perto. Na direita, os painéis mostravam uma história mais feliz do que na esquerda. Fazendeiros trabalhando nos campos. Mulheres fazendo pães. As plantações crescendo. Animais pastando calmamente. Era bem parecido com a vila que tínhamos acabado de visitar, exceto por uma coisa estranha que a gente tinha que apertar os olhos para conseguir ver. Em todas as figuras, no lado direito, havia sombras de crianças e adolescentes na floresta, observando.

“Até o teto é pintado,” disse John, esticando o pescoço.

Acima de nossas cabeças, havia apenas uma imagem. Mostrava um lago cercado por floresta. As pessoas da vila estavam de pé em um monte, ao lado. As crianças estavam de pé dentro do lago, com água pela cintura. As mãos delas estavam amarradas com cordas. Um padre usando um robe vermelho com capuz, segurava no alto uma cabeça de bode, que parecia ter tranças saindo dos chifres. Era horrível, mas também meio engraçado. Heidi, a cabeça de bode de satã. Na verdade, eu tinha visto garotas nos clubes com um visual bem parecido com esse. Uma névoa grossa estava vindo por cima das árvores, e as crianças estavam com a atenção voltada para ela, enquanto os adultos estavam com os olhos na cabeça de bode. A água ao redor das crianças borbulhava e se mexia.

“Que imagem feliz,” eu brinquei.

Mariana tremeu. “Tão bizarro, não é?” ela riu. “Você não teve que crescer tendo que olhar pra essa coisa. Pode acreditar, deixa todos nós na linha.”

Fiquei feliz pela piada. A igreja me dava arrepios de verdade. “E qual é a das tranças iguais às da Heidi no bode?” Perguntei.

Mariana andou para o altar onde um livro gigante estava apoiado. Ela folheou o livro até que achou um desenho que mostrava a cabeça do bode de pertinho: os olhos brilhantes, as tranças acumuladas no queixo. Mas nesse desenho, estava claro que as tranças eram feitas de vários tipos e cores diferentes de cabelo. Isabel se contraiu.

“Mas. Que. Merda?”

“A alma de Necuratul,” Mariana explicou.

“De acordo com a história, durante a era escura, a cada sete anos, cada família sacrificava um filho para Satã em troca de segurança. Para mostrar que você era leal, que você iria manter a promessa e ir até o fim, você tinha que cortar o cabelo da criança e trançá-lo para colocar no bode. Ao fazer isso, você prometia a alma da criança.”

“Isso é muito doido, cara.” Baz disse, olhando fixo para o desenho.

“Mas eles acreditavam que era necessário. E a crença tem poder. É por isso que superstições são tão difíceis de acabar,” Mariana disse. Ela correu um dedo ao longo das beiradas antigas da página.

“Dizem que até a vinda dos Missionários Ingleses no final dos anos 1800, os sacrifícios ainda ocorriam.”

“Caraca,” John disse.



“Desculpe por assustar vocês,” Mariana disse com uma risada desinteressada. Ela fechou o livro com um barulho *‘thump’* pesado que liberou poeira. “Claro, os missionários acabaram com aquilo imediatamente, destruíram a cabeça do bode, todos os símbolos, e os robes vermelhos – na verdade, até hoje, a cor vermelha é proibida na cidade. Os missionários começaram a assegurar que as crianças fossem educadas e mandaram alguns dos meninos para estudar na Inglaterra.”

“Meninos, claro.” Isabel reclamou.

“Onde isso dá?” eu perguntei, apontado para uma parede ornamentada na parte da frente da igreja. Era pintada com anjos e santos dourados. No centro havia outro conjunto de portas entalhadas.

“Chama-se Iconóstase,” Mariana disse. “Ela esconde o altar do povo, basicamente. O padre pode escolher abrir a porta durante a missa e deixar as pessoas ver o altar ou não.”

“Podemos ver?” Jonh perguntou.

“Claro.” Mariana tentou abrir a porta, fez uma careta. “Estranho. Está trancado.” Ela levantou as palmas das mãos. “Desculpe.”

“Tudo bem,” Baz disse, ficando um pouco mais perto dela.

“Então, eles vão mesmo construir uma usina aqui?”

“Ano que vem. É o que eles dizem. É por isso que todos nós fizemos questão de vir para o Festival esse ano. No ano que vem isso tudo pode não existir.”

Mariana olhou em volta com tristeza por um momento, depois pareceu afastar o sentimento.

“Certo. Agora que vocês viram o nosso pior, venham ver o melhor. O cozido de carneiro da taverna é uma delícia. O vinho é melhor ainda. E não precisa ter 21 anos.”

“Agora estamos conversando,” John disse.

Quando chegamos à taverna, havia sinais de vida. Pessoas que não precisavam de cartão fidelidade estavam chegando. Mariana os cumprimentou como primos – muitos deles eram primos – e explicou que eles haviam voltado das cidades onde trabalhavam ou estudavam para participar do festival. Havia crianças mais novas também. Eles estavam chutando uma bola de futebol e rindo, o que me fez ter um pouco de saudade de casa. Um cara de cabelos escuros e jaqueta de couro beijou Mariana nas duas bochechas e se apresentou para nós. O nome dele era Vasul, e ele tinha uma bolsa de estudos na Escola de Economia de Londres. Ele tinha 20 anos, como Mariana, e parecia um príncipe Russo. Eles nos tratavam como velhos amigos. O vinho correu livremente. Ficamos acordados até altas horas debatendo sobre vida, política, tradições, modernidade. Esse era o tipo de conversa que eu achei que nós teríamos na faculdade, uma prévia do que estava por vir, e eu senti que eu havia finalmente chegado. Como se eu não fosse mais criança.

“Cuidado com o Tio Radu. Ele está pegando o acordeão.” Vasul disfarçou o riso. Mariana enterrou o rosto no ombro dele, abafando uma risada.

“O que é?” John perguntou.





“Só espere,” os dois disseram ao mesmo tempo, rindo.

Tio Radu, que tinha uns cento e dois anos, começou a tocar. Eu uso a palavra *tocar* levemente. Era mais como se ele estivesse matando o acordeão, porque o som que fazia, era o som de um instrumento com dor. Mariana e Vasul não se controlaram, com as mãos tapando a boca, os olhos lacrimejando. A mãe de Mariana olhou para ela com desgosto. Mas o Tio Radu continuou a tocar. Outro homem pegou seu violino e uma das mulheres começou a cantar.

O dono da taverna andava entre as mesas batendo palmas, mas as pessoas acompanharam desinteressadas e quando aquela canção acabou e a outra começou, eles voltaram a beber, jogar cartas e discutir sobre bandas alternativas ou filmes indie.

“Eu vou ter que escutar por causa disso depois,” Mariana reclamou.

“Quando minha avó viu minhas roupas, ela me mostrou a língua e foi embora.” uma das garotas na ponta da mesa disse.

O cara ao lado dela apagou seu cigarro. “Tem momentos em que meus pais olham para mim como se não me entendessem. Como se estivessem um pouco enojados, um pouco com medo.”

Mariana interrompeu. “Cada geração teme a geração que vem depois. Nossas músicas, nossas roupas, nossas aspirações. Nossa juventude. É como se soubesse que nós faremos o que eles não podem mais fazer.”

“Às vezes minhas tias falam na língua Creoula quando elas não querem que a gente saiba do que elas estão falando. É como se estivesse nos confundindo de propósito,” disse Isabel. “Me deixa doida da vida.”

Vasul riu. “Louca da vida,” ele imitou e Isabel deu o seu sorriso mais surpreso. John enroscou seus dedos nos dela e deu um beijo neles, para deixar claro a sua posse.

“Só faz algumas horas que estou em casa e meus pais já estão me perguntando quando eu vou me estabilizar e dar netos a eles,” uma garota chamada Dovka reclamou. “Eu tenho 21 anos! Trabalho de DJ em um cube em Bucarest!” Ela virou para John. “Você não odeia quando eles fazem isso?”

“Meus pais não estão nem aí, contanto que minhas notas sejam boas e eu não vá preso. Eles só me dão dinheiro para eu ir embora e parar de interferir nos jogos de golf deles e sessões de Pilates,” disse John, com uma risada amarga, e eu meio que me senti mal por ele. Era como se os pais dele acordaram um dia completamente surpresos e descobriram que tinha filhos, então eles contrataram um bando de gente para cuidar deles.

“E você, Poe?” Mariana perguntou.

Eu dei de ombros. “Meus pais são legais. Irritantes, mas tem bom coração. Não acho que eles tenham medo de mim. Talvez eles tenham medo do estado do meu quarto,” brinquei. “Minha mãe é de Wisconsin. Ela fala engraçado e adora os Green Bay Packers<sup>42</sup>. Meu pai é professor, joga Tetris demais, quando devia estar corrigindo trabalhos, coleciona LPs raros da Stax<sup>43</sup>. Minha avó ainda se apega um pouco aos costumes antigos.”

Quando eu era pequeno, minha avó costumava me contar sobre como foi ficar nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial. E quando era demais para ela falar sobre o assunto,

---

<sup>42</sup> Green Bay Packers é um time de futebol americano da cidade de Green Bay, Wisconsin

<sup>43</sup> **Stax Records** é uma gravadora americana fundada em 1957 e fechada em 1971





ela simplesmente terminava a conversa com, “O medo leva à idiotice.” Então ela me ensinava a caligrafia japonesa, guiando meu pincel com graça sobre o papel. Depois íamos ao McDonald’s. Ela adorava as fritas de lá.

Dovka apoiou a cabeça com a mão. Os olhos dela estavam vidrados. “Mas tradições são legais. Unem as pessoas, lembram de onde você veio.”

“Ou mantém você afastado,” Eu não sei por que eu disse aquilo. Acho que só queria ser do contra.

“Exatamente,” disse Baz com desdém. Os olhos dele estavam meio fechados. “Tipo, ano passado, quando eu estava saindo com a Chloe? Meus pais ficaram muito arrasados. E eles são, tipo, totalmente liberais e tudo, mas eles tiveram um ataque porque ela não era judia. Tipo, de repente o menorah<sup>44</sup> apareceu e meu pai começou a me perguntar se eu queria ir ao Templo na sexta-feira à noite.”

Ele deu um sorriso. “Eu falei para ele que sexta-feira eu tinha uma outra ocasião religiosa: *Doctor Who*<sup>45</sup>. Ei, não é culpa minha se eles ainda não tem TiVo<sup>46</sup>.”

Mariana fez um sinal positivo. “TiVo!”

“TiVo” Vasulo concordou.

Todos chocaram seus copos, gritando “TiVo!” Até que os velhotes nos silenciaram.

“Mesmo assim,” Vasul disse quando voltamos a ficar quietos. “às vezes eu acho que talvez não fosse tão ruim voltar para cá. É calmo. É seguro. Nada de DSTs, comida processada, poluição.” Ele deu uma pausa. “Nada de bombas.”

Mariana colocou a mão no braço dele. “Vasul sobreviveu ao terrorismo em Londres. Ele estava na praça Russell. Ele viu o que aconteceu,” Mariana explicou.

“Eu podia estar naquele ônibus,” Vasul disse suavemente. “Às vezes parece que o mundo está indo pro inferno. Como se nenhum lugar fosse seguro. Menos Necuratul.”

Todos ergueram seus copos, em um brinde queito e respeitoso.

“Necuratul.”

Mariana disse algo para Vasul na língua deles.

“De qualquer forma,” ela disse com um suspiro, “não adianta discutir. Essas pessoas – nossos pais e avós, bisavós – eles estão envelhecendo agora. Quando eles morrerem, a vila vai morrer com eles. Essa cultura toda vai ser perdida. Especialmente se eles mudarem por causa da usina elétrica. Já vi isso acontecer antes. Diáspora.”

“Isso é triste,” disse Isabel suavemente, e eu sabia que ela estava pensando em sua própria família que foi forçada a sair do Haiti e foi transplantada para os subúrbios americanos onde eles nunca conseguiram avançar além dos sorrisos educados de seus vizinhos brancos.

“Merda acontece.” Dovka roncou. “Deixa prá lá. Que venha a novidade.” Mariana virou os olhos.

---

<sup>44</sup> Candelabro judeu de sete astes usado em comemorações

<sup>45</sup> série de ficção científica britânica

<sup>46</sup> gravador digital de vídeo que permite armazenar a programação da televisão em um disco rígido



"Você tem razão. Isso está ficando mórbido. Não quero ficar mórbida. Quero mais vinho." Ela encheu nossos copos mais uma vez e levantou o dela pela terceira vez. "Ao futuro."

"Ao futuro," todos concordamos, a caminho de ficarmos completamente bêbados.

No canto, os moradores velhos da vila olhavam para nós com atenção, como se nós merecêssemos ser vigiados, se fôssemos algo que ia explodir e levá-los conosco. Eles continuaram com suas músicas, cantando e tocando em um som controlado. Mas nossa mesa começou a cantar "*Should I Stay or Should I Go*", do *The Clash*", rindo por causa das consequências. Éramos mais jovens e mais barulhentos, e logo nossas vozes apagaram a música folclórica completamente.

No dia seguinte, chovia como louco. Eu nunca tinha visto o céu derrubar-se jamais como aquilo. Era uma coisa boa Necuratul estar em uma montanha, porque eu estava certa que caso contrário nós estaríamos inundados. Mariana, Vasul, Dovka, e as outras pessoas da nossa idade tinham partido antes do amanhecer para conseguir material para o festival. Aquele era o trabalho deles e eles fizeram isso, de ressaca ou não. Agora, com a chuva, parecia que eles iriam ter problemas para irem embora.

"Ponte", o guarda da taberna explicou em Inglês incorreto.

Ele deu um assobio e gesticulou com as mãos: Vão indo. Sem os outros ao redor os aldeões não eram excessivamente amigáveis conosco.

Na verdade, eu tinha a sensação que eles queriam que fôssemos para a ponte. A mãe de Mariana correu para a padaria. Eu saí apressadamente para comprar pão, o que consistiu na maior parte de mim apontando e sorrindo e depois, armazenando o dinheiro para ela compreender. Enquanto ela cutucou através de minhas moedas, eu olhei ao redor da confortável loja. Dois homens corpulentos sentados em uma mesa de madeira pesada na frente da janela bebendo algo escuro nas canecas que exalava vapor. Eles olharam completamente encarando. Um dos sujeitos disse alguma coisa para o outro, e ambos riram.

"Como na lanchonete da Sétima Série, murmurei para mim mesmo, sentindo meu rosto se aquecer.

Eu mantive meus olhos para frente, olhando as prateleiras de pão fresco, as paredes de gesso decoradas com olhos malignos e alho, em arco dando um vislumbre nos fornos. Algo me deu desconforto. Eu pensei ter visto uma mancha de vermelho dentro de um armário parcialmente fechado. Eu olhei vesgo e de repente a mãe de Mariana estava fechando a porta com firmeza. Ela me deu um sorriso tenso e jogou seu olhar no meu troco. Com um murmurado agradecimento eu estava fora da porta com o meu pão, perguntando-me se eu realmente vi a cor proibida ou não. Eu estava voltando apressado à pousada através do aguaceiro, quando eu vi a menina na floresta novamente. Desta vez, ela estava de pé, palmas para fora. Ela estava pálida, com sombras profundas ao redor dos olhos e lama em todas as suas longas saias, como se ela tivesse deslizado colina abaixo ou algo assim.

"Olá?" Eu chamei. "Você está bem?"

Ela não respondeu, então eu me aproximei. Eu estava diretamente contra a borda do círculo de pedra.

"Você precisa de ajuda?"



Eu perguntei lentamente, como uma idiota, pensando que iria me ajudar com a barreira da língua. Ela apontou para o meu pão.

"Você quer... isso? Está com fome?"

Ela abriu a boca como um grito, e as árvores sacudiram com mil sussurros, que fez os pêlos do meu pescoço levantar. Senti uma mão segurando meu braço. Era a mulher velha que nos deixou no portão. Sua expressão estava irritada, e ela soltou uma torrente de linguagem, todas as vogais e consoantes guturais pouco conhecidas que me fizeram tonto.

"Eu não entendo!" Eu gritei sobre a chuva.

"Demônio", ela disse, usando sua única outra palavra inglesa.

Ela jogou o olhar em direção à floresta. Ninguém estava lá. Mas eu sabia que tinha visto aquela garota. O sino da igreja soou ruidosamente. Em poucos segundos, muitos dos aldeões, incluindo o guarda da taberna, a mãe de Mariana, e os dois homens que estavam sentados na padaria, apressaram-se colina acima até a igreja. Eles deram a mim cuidadosos olhares à distância. Nenhuma das crianças estavam com eles.

"Onde ela foi?" Eu perguntei à mulher velha. "A garota. Você a viu?"

"Demônio", ela disse novamente, e correu para a igreja com os outros.

Ela abriu a porta, e com o canto do meu olho, eu vi que o flash de vermelho novamente. Túnica vermelha, o meu cérebro disse. Mas foi rápido, e eu não podia ter certeza. Eu não podia ter certeza de qualquer coisa, exceto que eu desejava que Mariana, Vasul, e o resto se apressassem em voltar. Os mais velhos me davam arrepios. Quando voltei para o quarto, eu estava com a pele encharcada, o pão não era comestível, e os outros estavam deitados em volta de suas camas e cadeiras olhando fixo para o espaço. Nenhum dos nossos telefones conseguiam recepção aqui, e não era como se houvesse um Cyber café<sup>47</sup> dentro de cem milhas. Depois de um dia inteiro presos no nosso quarto sem também algo como um vídeo do YouTube para quebrar as coisas, estávamos nos aproximando de enfado letal.

"Eu estou tendo a retirada da Internet", disse John.

Ele estava inclinado na cama equilibrando o pingente olho-mau que ele havia comprado na estação de trem do nariz.

"Como, seriamente, se eu não pude fazer entrar e enviar uma mensagem para alguém – ninguém - eu vou enlouquecer."

Isabel pegou o telefone dela e fingiu um texto nele.

"J, OMG<sup>48</sup>, onde TFRU? Ela gorjeou em siglas de palavras<sup>49</sup>.

"Não no inferno", respondeu John de volta, seus polegares em movimento no ar. "U<sup>50</sup>"?

"Inferno por certo. Quer Fritas BK<sup>51</sup>. Nenhum alho."

<sup>47</sup> No livro a palavra era internet café, mas achei melhor Cyber, esse termo é mais comum para nós.

<sup>48</sup> Oh, meu Deus.

<sup>49</sup> Text-speak

<sup>50</sup> You – você.

<sup>51</sup> Bucker King – patente de sanduíches.



John riu, e então parou.

"Quero dizer, ROTFLMAO<sup>52</sup>."

Eu contei a eles sobre meu encontro estranho com a garota na floresta e como eu tinha visto ela duas vezes agora. Eu disse a eles sobre como a mulher velha guardava o portão tinha referido a floresta como "demônio".

"Eu penso que nós devíamos fazer uma horripilante viagem de campo para a floresta", John disse.

Os outros estavam nisso imediatamente.

"Vocês, irão suportar, se houver, coisa igual como, armadilhas e cobras venenosas ou malévolas, rena comedora-de-carne-humana na floresta? Ou pior? Nós poderíamos tropeçar em um Festival de avaliação dos Irmãos Jonas<sup>53</sup>."

Eu estremei pelo efeito.

"Ou Belzebu<sup>54</sup>", Baz disse. "O senhor das trevas tendo uma cervejada."

"Eu acho que devíamos ficar calados", eu respondi.

Com um suspiro Isabel pegou seu telefone e fingiu um texto para John.

"OMG, J. De fato uma merda aborrecida. BTW<sup>55</sup>, Poe muito chato."

Ela olhou para mim. John moveu seus dedos muito deliberadamente.

"Palavra."

Eu não podia suportar isso mais. Eu estava tão reprimido e na cabine-maluca do século XIV como o resto deles.

"Tudo bem. Horripilante viagem de campo. Amanhã nós vamos para a floresta."

Os três jogaram seus braços ao meu redor, e nós desmoronamos sobre uma das camas, cantando: "Horripilante viagem de campo! viagem de campo Horripilante! viagem de campo horripilante!"

Houve um estalo alto, e eu tive medo que tivéssemos quebrado a cama feia.

"Cara", John disse, segurando os fragmentos de seu pingente olho-do-mal quebrado agora.

"Eu sou um homem marcado". Então, ele riu.

---

<sup>52</sup> Rolling On The Floor Laughing My Ass Off. – Rolando No Chão de Tanto Rir.

<sup>53</sup> Jonas Brothers é um grupo estadunidense de teen pop formada pelos irmãos Kevin Jonas, Joe Jonas e Nick Jonas.

<sup>54</sup> Belzebu, é o nome de um dos sete príncipes do inferno, um nome derivado Zebub Baal, Baal Z bub θ ou Ba'al Z VUV θ (hebraico זבוב בעל; grego βεελζεβούβ; literalmente "Senhor dos Moscas"), com numerosas variantes, [1] que era uma semita divindade adorada na cidade dos filisteus de Ecrom.

<sup>55</sup> By The Way - a propósito



Na manhã seguinte, quando a chuva aquietou-se para um raiar de luz, nós pegamos nossas lanternas e algum pão fresco, no caso de termos fome.

"Nós devíamos ter isso?" Isabel perguntou. "Eu pensei que isto era proibido."

"Você não faz uma viagem sem alimentos. Você não leu sobre a Festa Donner?" Baz brincou.

Isabel parecia desconfortável. "Ainda..."

"Você realmente acredita nessa baboseira?" John beijou a bochecha dela. "Superstição".

"Certo. Superstição." Isabel melhorou o humor, e partimos para a floresta.

Em uma das ruas estreitas entre as casas, um grupo de garotos estavam jogando algum tipo de jogo. Cinco dos garotos ficavam de pé no centro, e as outras crianças os rodeavam. As crianças no círculo exterior juntaram as mãos e correram ao redor e ao redor, cantando. Quando eles nos viram, pararam e olharam encarando.

"Oi". Isabel acenou enquanto nós passávamos.

Eles foram para trás de nós. Quando nós voltamos para contorná-los, eles foram para trás do que estava disponível. Nós podíamos ouvi-los rindo, como nos seguir fosse à maior diversão que eles tiveram em muito tempo. Provavelmente era, mas isso estava fazendo nossa fuga na floresta bastante complicada.

"Nós somente estamos dando um passeio", eu expliquei nervosamente.

"Certo. Adeus agora. Divirta-se."

"Eles ainda estão nos seguindo", Baz sussurrou.

"Pare e faça algo chato." Nós, permanecemos de pé, olhamos para a igreja.

Isabel fotografou algumas pinturas. Nós conversamos sobre a arquitetura, que compunha totalmente isso. Alguns minutos mais tarde, os garotos perderam o interesse e esquivaram-se para outra rua abaixo, para jogar outra coisa.

"Eles se foram", disse John. "Vamos para lá."

Nós nos apressamos para a igreja, rastejando ao redor do lado. Eu não podia ver através das janelas de vidro colorido, mas eu podia ouvir os sons - não totalmente cantando, não exatamente rezando. Mais como cantando, talvez. Ou talvez estivesse rezando. Isso era difícil dizer. Isabel fez sinal para eu me apressasse, e eu corri para o muro. John pisou bem em cima da parede e do anel de sal. Ele estava do lado da floresta agora.

"Esse é um pequeno passo para o homem, um salto gigante para a evolução."

"Aqui vai", Baz disse.

Ele e Isabel seguiram John. Quando eu preparei-me para ir, eu ouvi aquelas vozes sussurrando no vento novamente.

"Você ouviu isso?" Eu perguntei.



"Ouvi o quê?" Baz perguntou.

Eu quase poderia dizer as palavras. Um soou como "vingança", mas eu não podia ter certeza.

"Nada", eu disse. "Vamos."

Como uma piada Baz soltou migalhas de pão atrás de nós, no estilo Hansel e Gretel<sup>56</sup>.

"Assim, podemos encontrar o nosso caminho de volta - se nós voltarmos. Mwahahaha!"

Isabel revirou os olhos. "Cale a boca."

A floresta em si era bastante surpreendente: luxuriante e verde com o fantástico cogumelo pintado-de-negro selvagem crescendo em toda parte. A única coisa estranha era ali não ter nenhum animal. Nenhum veado. Nenhum pássaro. Nada com um pulso, exceto nós. John e Isabel continuaram a disputa que tinham começado há algumas semanas atrás. Eu nem sequer pensei que se preocupavam com o que eles estavam dizendo mais, mas não quiseram admitir.

"Eu apenas acho que todo mundo na América deve falar Inglês. Quer dizer, se eu me mudasse para a França, eu aprenderia francês, certo?"

"Não, você não iria", Isabel disse, rindo. Isso era sua risada: você-está-embaixo-de-mim. "Você contrataria alguém para falar francês para você, John."

"Você acha que eu iria terceirizar meu idioma?" Ele zombou.

"Em uma batida de coração."

"Sabe, Isabel, não é minha culpa que eu não sou pobre." John caçoou, mas havia um pouco de algum significado nisto. "É como se você desejasse que eu pedisse desculpas por ter dinheiro até que ele seja conveniente. Sem ofensa, mas você sabe que vocês nem sequer estariam aqui agora se não fosse por mim."

Isabel apontou um dedo.

"Isso está aí: a atitude autorizada. Um minuto você é tudo, 'Oh, não me culpe; eu não sou elitista'; e no próximo você é como, 'não se esqueça que tenho mais dinheiro e, portanto, diz que você tem mais!'" Ela estava respirando com dificuldade.

"Deus! Você simplesmente... torce tudo o que eu digo."

"Não! Estou apenas dizendo o que você realmente sente! Às vezes eu acho que você só está me namorando para assim você poder dizer que você já namorou uma menina negra."

John parecia machucado. "Aceito isso de volta."

"Por quê? É verdade, não é?"

"Caras, nós podíamos fazer um descanso?" Eu disse.

Uma névoa estava subindo. Fez a paisagem cinzenta e indistinguível, e eu precisava de um momento para orientar a minha direção. Isabel tentou não parecer ferida, mas eu a conhecia

---

<sup>56</sup> Hansel e Gretel é um conto de fadas de origem germânica, gravado pelo Irmãos Grimm. Hansel deixa um rastro de pedras para retornar a origem de onde queria... e depois migalhas de pão... que são comidos pelas aves...



muito bem.

"Pare de capacitá-los Poe. Eles nunca vão nos deixar entrar no clube por conta própria. Você apenas quer achar que eles irão."

"Hey", Baz estendeu os braços. "O que sou eu, fígado picado? Como o meu povo também não foi escravizado e perseguido? Como não fomos sacrificados em lugares apenas como este aqui?"

"Preconceito não é a mesma coisa que o racismo", Isabel argumentou.

"Sim? Seis milhões de mortos podem discordar de você lá, Iz."

"Eu não sou um cara mau, Iz", John disse suavemente.

Aquelas vozes estranhas sussurrando estavam rodando por entre as árvores novamente, fazendo meus ouvidos doerem.

"Caras... "

Houve um matraquear à minha direita. Um galho quebrou. Um rosto espreitou por trás de uma árvore. Era a garota que eu tinha visto na entrada. Ela não parecia muito velha, talvez sete ou oito. Seu cabelo estava molhado, mas suas saias e blusas estavam endurecidas na sujeira e lama, como se ela tivesse nadado em um lago imundo. Ela gritou para nós em um idioma estrangeiro.

"Desculpe, eu disse. "Nós não falamos..."

Ela abriu a mão para nos mostrar às migalhas de pão ali.

"Santo..."

Rapidamente olhei atrás de nós. Nenhuma migalha. Ela, obviamente, estava nos seguindo desde o início. De repente eu me senti desorientado e inseguro do caminho de volta. Só então, ela levantou suas saias e começou a correr para dentro da floresta. Sem pensar corri atrás dela.

"Não deixe ela ir embora!" Eu gritei.

Ela se esquivou nos subjacentes ramos baixos que bateram em meu rosto e correu facilmente em torno de cada obstáculo. Ela conhecia o caminho e tinha vantagem, mas ainda conseguiu mantê-la em nossas vistas. No fundo eu sabia que estávamos mais para dentro da floresta. Nós alcançamos uma parte onde a neblina era muito mais espessa, e as árvores estavam mortas e cinzas, como se elas tivessem sobrevivido a um incêndio e nunca cresceu de volta. O chão já não estava alcochoado por folhas e vegetação. Era pedregoso e marcado, coberto com uma crosta.

"Não percam ela!" Eu gritei para os outros.

"Esta névoa é intensa!" Baz gritou de volta. "Eu não conseguia encontrar o meu próprio asno nessa sopa."

"Você não pode encontrar o seu próprio asno a muitos dias", Isabel atirou de volta.

Ela estava me acompanhando. O nevoeiro diluiu um pouco. A menina estava de pé ao lado de um profundo lago largo cercada por mais daquelas árvores mortas. Era estranho, porque em qualquer outra parte a floresta era exuberante e colorida. Mas este lugar era estéril. Como se nunca nada tivesse crescido aqui. Como nada nunca fosse crescer. Estava muito mais frio - mais parecido com outubro que Agosto. Mais ou menos dez pés do exterior dos topos arredondados





das pedras polidas apontavam sob a água. A pequena garota olhou para o lago e, em seguida, moveu para uma caverna. Ela assobiou, e logo mais crianças saíram.

Eu as contei - cinco, seis, dez. Elas estavam pálidas e parecendo semi-famintas, todas com roupas em estilo camponês molhadas com algas e sujeira, como se tivessem estado aqui durante um tempo. Um deles, um garoto por volta de dezesseis anos, talvez, se aproximou de nós. Eu não sabia se corria ou permanecia parado. Os aldeões não tinha nos dito para não irmos para a floresta? E se esses garotos fossem selvagens? E se eles fossem assassinos? Instintivamente nós fechamos a linha, com as mãos prontas caso de precisarmos lutar por nossa saída.

"Hey," eu disse, forçando uma calma em minhas palavras, que eu nem remotamente sequer sentia.

"Nós somente estamos fora para um passeio, ok? Nós não significamos qualquer dano."

Para os outros, eu sussurrei, "Comecem andar para trás."

"Não é possível", Isabel guinchou. "Olhe."

O caminho atrás estava cortado por um bando de cerca de mais de dez crianças mais horripilantes.

"Nós só queremos voltar para a aldeia", eu disse.

John puxou a carteira.

"Ei, vocês querem dinheiro? Eu tenho dinheiro."

"John, cale-se, homem ", Baz disse.

As crianças fecharam, nos rodeando, cortando qualquer esperança de fuga. Elas cheiravam a terra e umidade, como se fossem parte da floresta. Enquanto observamos, eles devoraram as migalhas de pão. A pequena garota que tinha nos trazido até aqui me ofereceu uma garrafa de líquido escuro.

"A *bea*", ela disse.

Eu ouvi aquilo na taverna. Isso significava beber.

"Vin."

Eu sabia isto também: vinho.

"Cara, não bebo essa merda. Pode ser qualquer coisa", Baz advertiu.

Eu sacudi a minha cabeça, e três das crianças mais velhas agarrou Baz e o arrastou em direção ao lago. Antes que qualquer um de nós pudesse fazer qualquer coisa, eles empurraram seu rosto debaixo da água. Seus braços longos espancando e tentando agarrar a qualquer coisa que ele pudesse, mas havia mais deles e sempre rodearam marcando um ritmo - mesmo que um fosse de seis pés com a força de quatro bateristas Metal da Morte, que Baz era. Nós tentamos correr até ele, mas eles nos cercaram, segurando-nos de volta.

"Ok! Eu irei *bea o vin!*" Eu gritei, agarrando a garrafa.

Eles deixaram Baz levantar.



"Santa merda!" Ele administrou entre os acessos de tosse.

Eu sabia que tinha sido uma má idéia entrar na floresta. Minha avó costumava dizer que você devia ouvir os seus instintos. Na manhã que os homens vieram para arrancar sua família de sua casa na Califórnia, ela acordou às quatro da manhã, com o impulso de correr. Ao invés disso ela tentou acalmar-se, organizando suas bonecas em torno de uma xícara de chá, como se tudo estivesse bem.

"Isso é o que nós fazemos", ela disse para mim, enquanto esperávamos o ônibus. "Nós tentamos matar a voz interior que diz a verdade, porque o medo da verdade é maior do que qualquer outro medo".

A menina trouxe a garrafa a minha boca.

"A bea."

Minha mão estava tremendo enquanto eu tomei a bebida e a enguli. Isso tinha sabor como de queijo moldado. Eu engasguei e senti uma maré de pânico subir dentro de mim.

"Poe!" Isabel agarrou meu braço. "Você está bem?"

"Isso saboreia como merda", eu tossi para fora.

Mas eu estava bem. Nenhum veneno pareceu trabalhar de alguma forma acima de minha garganta. O meu coração ainda estava batendo rápido, contudo. Um por um, nós fomos forçados a beber da garrafa. Eles vieram em volta por três vezes, e então, nos fizeram sentar juntos debaixo da carcaça cinza de uma árvore.

"Agora o quê?" Baz perguntou.

A água gotejava abaixo de sua face ainda. As crianças estavam ao redor de nós, esperando. Para o quê, eu não sabia, e eu tinha medo de descobrir. Mais ou menos dez minutos mais tarde eu comecei sentir uma arrepiante-sensação rastejando sob minha pele, e a floresta parecia respirar. Quando o vento sussurrou após meus ouvidos, eu podia jurar que eu o ouvi dizer, "vingança."

"Izzie?"

Eu me ouvi sussurrar, mas ela não respondeu. Em uma pedra próxima eu vi uma criança deixar cair um dos cogumelos pintado de preto no odre de vinho.

"O que você nos dá?" Eu falei de forma indistinta. "Que inferno esta nisto?"

"Algo para ajudar a você ver", a garota respondeu, e eu a entendi perfeitamente.

"Eu vejo muito bem. Vinte- vinte."

Mas os escanteios de minha visão já estavam enrolando sobre si mesmos, revelando qualquer mentira na parte de baixo. Eu caminhei através de câmaras de loucura. Cada uma parecia como o fim de um sonho, só que eu "acordaria" e me encontraria vivendo dentro de outro sonho. Eu estou andando pelo corredor de um agitado trem. Esquerda e direita, os compartimentos estão preenchidos com os mortos-vivos: faces esqueléticas; olhos ocos assombrados, queimados, machucados, corpos mutilados. Eles olham para cima como se estivessem esperando algo de mim.



Sra. Smith me chama do fim do corredor, "Esta jornada está apenas começando, Poe Yamamoto."

Eu estou de pé na igreja com muitos outros. A cena me lembra da pintura no teto. Um padre em um manto com capuz vermelho lê um livro gigante. No centro da sala sete crianças estão aglomeradas juntas. Elas não parecem assustadas. Enquanto o padre lê, uma das mulheres corta uma mecha de cabelo de cada criança e tece elas nas tranças que fluem nos chifres do bode, amarrando-as com barbante.

Agora eu sou uma das crianças. Eles nos levaram para o lago. Está frio e eu quero ir para casa para comer cordeiro. Em vez disso, eles nos forçam entrar no lago. A água está congelando e escura. Nós não queremos entrar, mas eles nos obrigam. Nossas mãos estão amarradas juntas. Se um lutar, todos nós lutamos e as cordas se apertam ao redor de nossos pulsos. As crianças suplicam.

O padre tem a cabeça do bode no alto, canta algumas palavras: *Permita que nossas colheitas sejam abundantes e boas. Sele nossas fronteiras contra os nossos inimigos. Aceite o nosso sacrifício como um símbolo de nossa fé em ti, Senhor das Trevas.*

A névoa vem sem hesitação sobre o lago e debaixo dos meus pés; o fundo do lago se desfaz. Eu estou sendo sugado para baixo rapidamente.

Estou na taverna. Dentro do armário, na porta tem um gancho. No gancho tem um manto vermelho. Tesouras de cortar cabelo. Isto cai em uma bola de madeira de lençóis. Os mais velhos se reúnem em torno disso, olhando.

"Demônio", a mulher velha no portão diz para mim. "Demônio."

Eu comecei a sair das minhas alucinações induzidas por drogas.

"Isabel?" Eu chamei.

Eu não vi os outros, então eu cambaleei para os meus pés, chamando eles.

"Baz! John!"

Eu estava completamente sozinho. A névoa dançava sobre a superfície do lago. As pedras. Elas pareciam estar balançando. Movendo. Subindo. Elas não eram pedras mesmo. Elas eram as cabeças de crianças - centenas delas – subindo do lago, onde haviam sido afogadas há anos, séculos atrás. Serpentes enfiadas através de suas órbitas oculares ocas. O musgo se agarrava por suas bochechas. Os lábios tinham apodrecido há tempos, expondo o mosqueado osso e pequenos dentes cariados.

"Eles querem fazer a oferenda novamente", eles sussurraram. "Um sacrifício para salvar Necuratul. Isto já começou. Amanhã, ninguém está a salvo. Nossa vingança."

Suas palavras giravam ao redor de mim como o sussurro de folhas secas.

"Nossa vingança."

A garota que eu tinha visto primeiro, aquela quem tinha me levado para dentro da floresta, adiantou. Sua pele parecia amalucada. Quando olhei novamente, minúsculas mariposas cobriam



cada parte dela. Voaram para longe, e debaixo de sua pele era branco gelo e movimentava em ondas. Larvas<sup>57</sup>. Com um grito, eu acordei assustado. Meus amigos estavam desmaiados ao meu lado à beira do lago.

Nenhuma pedra era visível; somente a nuvem mais leve da névoa pairava ali. Eu sacudi minha cabeça no caso disso ser outro sonho. Estava mais escuro agora, e eu tinha perdido toda noção do tempo. Nosso pão estava faltando, mas uma nova trilha de migalhas havia sido disposta.

"Levantem", eu disse, cutucando meus amigos acordados.

Sentaram-se com esforço e lutaram para sair de seus estupores. Eu disse a eles o que eu sonhei.

"Eu penso que eles – os mais velhos da aldeia - estão planejando nos sacrificar."

"Onde estão aquelas crianças?" Baz disse, procurando.

"Se foram", eu disse. "Assim como nós precisamos ir."

Seguimos as migalhas de volta à aldeia, parando no muro de proteção de pedra. Nós tínhamos ido embora. O início do crepúsculo estava acabando. Eu pude ver alguns dos aldeões nas ruas, varrendo, cumprimentando os vizinhos, fechando a loja, os assuntos de sempre.

"Não podemos deixar que eles saibam que nós sabemos". Eu sussurrei para os outros. "Nós voltamos para a hospedaria, arrumamos nossas coisas, e uma vez que estiver tranqüilo, nós pegamos nossas lanternas e encabeçamos de volta para a estação de trem, mesmo que tenhamos que caminhar toda a noite."

"E sobre a ponte?" Baz perguntou.

"Nós não sabemos se eles estão dizendo a nós a verdade ou não. Nós lidaremos com isso quando chegarmos lá."

Isabel deslizou seu braço pelo meu como se fosse o primeiro dia de escola mais uma vez.

"E sobre Mariana e Vasul e os outros? Devemos adverti-los."

"Eu não vou ficar", disse John.

Ele olhou para Isabel. "Vamos sair daqui."

Meu instinto disse para ignorar e correr, mas não advertir Mariana e Vasul parecia como nós pudéssemos também estar cometendo assassinato.

"Nós os advertiremos. Então nós corremos."

Nós deslizamos de volta por via da igreja e saímos casualmente, apenas turistas dando um passeio à noite. Tudo parecia diferente. Sinistro. As lanternas em seus ganchos. Os espantalhos nos campos. Os pingentes de olho mal balançando ao vento. As estrelas cintilantes existentes no início da noite. Nada mais parecia bem. A mulher velha que tinha nos deixar entrar, o porteiro da cidade, estava fazendo sua ronda noturna. Quando chegou ao muro, no entanto, deixou cair sua caixa de sal e começou a gritar, a chorar. O anel de proteção desapareceu completamente, e em seu lugar era uma estreita faixa de terra queimada. Vasul veio correndo, sua bolsa de viagem ainda em seu ombro. Ele a apaziguou até que ela se acalmou.

---

<sup>57</sup> Larvas de moscas que se alimentam de carniça.



"O que aconteceu?" Eu perguntei, mas eu não olhei nos olhos dele.

"Ela pensa que é um sinal que o selo foi violado e os espíritos vingativos dos mortos podem entrar."

Ele sacudiu a cabeça. "Eu disse a ela que foi a chuva e a terra foi corroída por todo aquele sal."

"Sim, eu tenho certeza que é isso", Baz disse, seu sarcasmo apenas escondendo seu medo.

"O que está errado?" Vasul perguntou.

"E se ela devesse se preocupar?"

Desta vez eu olhei-o nos olhos.

"E se há algo lá fora?"

Vasul levantou uma sobrancelha.

"Não me diga que você está começando a pegar a superstição da aldeia."

"Não", eu menti.

"Bom. Por que o festival amanhã vai ser fantástico! Você deveria ver tudo que Mariana e eu trouxemos de volta. Nós, meu amigo americano, estamos indo a festa até nós vomitarmos."

Enfiei as mãos nos bolsos.

"Na verdade, hum, nós não vamos poder ir ao festival. Temos que sair um dia mais cedo se nós quisermos ver Praga antes de voltarmos para os Estados<sup>58</sup>. "

Vasul cruzou os braços e sorriu, e eu me senti o maior cagão do mundo.

"Então... você está me dizendo que você tomou um trem de quinze horas de Munich seguida por mais quinze milhas de tortura de carroça montanha acima somente para você poder vir para o festival e dizer a todos os seus amigos em casa sobre isso, e agora você não vai ficar para vê-lo?"

Em minha mente eu conseguia ver aquelas crianças mortas subindo do lago. Eu podia ver o corpo da garota revolvendo-se pelas larvas.

"Vasul," eu comecei, esperando que eu pudesse terminar. "E se os sacrifícios a Satanás... e se eles estivessem iniciando eles novamente?"

Ele assentiu com a cabeça seriamente zombando. "Certo."

"É verdade!", Isabel disse. "Eles estão tramando alguma coisa."

Vasul riu, mas quando viu o medo que todos nós parecíamos, o sorriso vacilou e foi substituído por uma expressão de dor.

"Você sabe, eu vi o mal na realidade. Corpos estendidos nas ruas. Aço esmagado. Bombas

---

<sup>58</sup> E.U.A



explodindo."

Ele sacudiu sua cabeça como se estivesse tentando limpar nossas palavras dela.

"Mas essas pessoas? Eles são velhos e inofensivos e são de sua forma obsoletos. Eles não estão fazendo qualquer coisa exceto o que eles sempre fizeram: fazenda, fazer o pão, tendo famílias. Eles não podem se quer fazer parar uma usina elétrica de assumir sua aldeia. Eu pensei melhor de suas pessoas."

O que ele disse, me fez sentir como uma Classe de O Idiota. Mas o que dizer do que tinha acontecido conosco na floresta? O que nós vimos?"

"Cara, nós precisamos dizer", Baz começou.

"Ei, você está aí!" Mariana atravessou a praça sorrindo. Ela parecia diferente.

"Eles estão assando o cordeiro. Cheira maravilhoso lá. Eu não posso esperar para -"

"Você fez um corte de cabelo", eu disse de repente.

"Sim." Ela girou ao redor, modelando-o. "Minha mãe fez isso para mim. Ela insistiu, na verdade. Disse que era muito longo para o meu rosto. Mães", ela disse, revirando os olhos.

"O que você acha?"

Em minha mente eu só conseguia ver aquela trança terrível presa na cabeça do bode.

"Sua mãe... cortou o seu cabelo", eu repeti desanimado."

"Sim. Eu quero dizer, não é um salão chique de Paris, mas eu não disponho disto de qualquer maneira, e ela é muito boa com a tesoura se você se sentar reta e não incomodar."

Eles tinham o cabelo de Mariana.

"Minha avó deu um aparou o meu nesta manhã também."

Vasul passou a mão no topo de sua cabeça.

"Desejam que estejamos no nosso melhor para o festival, você sabe."

Eu não tinha visto os mais velhos correndo para a igreja? Eu não vi um manto vermelho? Uma das crianças mais novas, um menino de bochechas rechonchudas, correu para Mariana e disse algo. Ela acariciou sua cabeça e balbuciou uma resposta. O menino deu uma olhada rápida para nós e sorriu antes de voltar correndo para seus amigos.

"O que foi?" Eu perguntei.

"Ele queria saber se você jogaria seu jogo com eles. Eu disse a ele que talvez mais tarde", explicou Mariana.

"Qual é o problema? Você parece chateado."

"Há algo que nós devemos dizer para você", eu me ouvi dizer. "Encontre-nos em nosso quarto assim que você puder."



A poucos passos de distancia as crianças recomeçaram o seu jogo novamente. O círculo exterior desceu sobre as crianças se agrupando no interior. E todos eles caíram, rindo fortemente.

Dez minutos depois, Mariana e Vasul se juntaram a nós em nosso quarto na taverna, e Baz rapidamente fechou a porta atrás deles.

Mariana procurou nossos rostos.

"O que está acontecendo?"

"Nós fomos para a floresta", eu comecei.

Os olhos de Mariana se arregalaram.

"Você o quê? Poe, você não deveria ter feito isso. Você poderia ter sido ferido. Existem armadilhas velhas enferrujadas e buracos profundos e, provavelmente, morcegos raivosos."

"Você esqueceu os fantasmas", eu disse.

Vasul ergueu as mãos.

"Não, isto outra vez não."

"Só escute, por favor ", implorei.

"E se existe realmente uma razão para que eles não queiram que você vá para dentro da floresta? E se eles não querem que Necuratul morra? E se eles estão planejando fazer algo sobre isso, como fazer um outro sacrifício?"

Mariana e Vasul trocaram olhares.

"O que você quer dizer?" Vasul perguntou.

Eu disse a eles tudo. As crianças perdidas. As visões. O aviso.

"Sei que parece loucura, mas antes que eu viesse nesta viagem, esta vidente me disse que eu iria ser testado. Que isto era um teste de alguma forma. E se ela estiver correta?"

Baz lambeu os lábios nervosamente e baixou a voz.

"Eles cortaram o seu cabelo. Isso era sempre a primeira parte do ritual, correto? Cortar o cabelo e tecê-lo em uma trança para mostrar a sua intenção, a sua lealdade para com Satanás."

"Então diga o encantamento e os afogue no lago", Isabel terminou. "Certo?"

"Mariana, você mesma disse isso na igreja: superstições têm poder. É por isso que elas são difíceis de exterminar", John acrescentou. Ele estava andando.

"Eu acho que eles decidiram voltar às formas antigas", eu disse. "O realmente antigo, maus modos. Hoje eu juro que vi alguém vestindo um manto vermelho na igreja -"

Vasul sacudiu a cabeça.





"Ninguém veste vermelho nesta aldeia mais. Não desde os velhos tempos. É considerada má sorte, como tentando o diabo."

"Eu vi isto", eu insisti, mas agora eu não tinha tanta certeza.

Eu estava acusando a mãe de Mariana de algo terrível, e eu meio que esperava que eu estivesse certo que eu não estava louco, e eu meio que esperava que eu estivesse errado, porque era uma coisa terrível de se imaginar.

"Poe não é o único. Nós estávamos todos lá. Aquelas *crianças*."

Isabel tropeçou sobre a palavra.

"Seja o que for que elas sejam - elas estavam nos avisando!"

Vasul e Mariana se amontoaram juntos, sussurrando em seu próprio idioma. Eu não podia ler suas expressões. Eles estavam assustados? Chateados? Bravos? Será que eles ainda acreditam em mim? Eles se abraçaram e em seguida, Mariana girou de volta para nós. Seus olhos eram tão escuros como as sombras da noite escurecendo o quarto.

"Se o que você está dizendo a nós é verdade, nós temos que sair daqui o mais rápido possível. Temos de reunir as crianças..."

"Eu não sobrevivi à Faculdade de Economia de Londres para ter um fim em um lago", Vasul tentou fazer uma piada, mas seu sorriso era um fantasma.

"Mariana, sua mãe deu a qualquer outra pessoa cortes de cabelo?" Eu perguntei.

"Em todos nós. Todas as crianças", ela sussurrou.

"Temos que alertar os outros", Vasul disse suavemente para ela.

Ela olhou para ele por um longo tempo.

"Nenhum dos antigos podem ficar acordados após as onze horas, onze e meia. Essa é a nossa vantagem. Nós reunimos as crianças e as levamos para a igreja por volta da meia-noite. Quando nós tivermos certeza que é seguro e não existem os mais velhos ao redor, nós daremos a você o sinal: uma lanterna na janela da frente. Vai ser rápido, assim é melhor que você esteja olhando para ela. Nós não temos condições de fazer isso duas vezes. Quando você ver isso, arraste o burro<sup>59</sup> para a igreja."

"E então o quê?" John pressionou.

A boca de Mariana estava definida em uma linha sinistra.

"Então nós vamos ao inferno para fora daqui."

Nós tentamos agir normal. No jantar nós nos sentamos na taverna, empurrando a carne em torno de nossos pratos com o nosso pão. Se os mais velhos notaram, eles não disseram nada. Então

---

<sup>59</sup> Bem, haul ass – expressão idiomática americana, literalmente arraste o seu asno/burro, para nós quer dizer: mover-se muito rapidamente.



nós subimos para o nosso quarto para nos sentar perto da janela com vista para a igreja pressionada contra a floresta sinistra e esperar. A lua rosa, uma ferida vermelha no céu escuro. Eu nunca tinha visto uma lua dessa cor antes. Era exatamente o tipo de visão que nós tínhamos esperado para tirar fotos e postar em nossas páginas na Web – incrível lua vermelha sobre Necuratul! Mas certamente agora ela só me dava calafrios.

"Que horas são?" Isabel perguntou.

"Meia-noite", eu respondi.

"Onde está o sinal?" Baz observou atentamente para dentro da noite da silenciosa cidade.

"Talvez nós devêssemos ir", disse John. "Eles conhecem o resultado."

"Nós prometemos", eu disse, mas eu sinceramente queria correr.

Meu relógio mostrou cinco minutos de atraso, em seguida, dez. Cada segundo de transcurso parecia uma vida. Finalmente uma luz branca disparada através da janela da frente da igreja, uma vez para fora, assim como Mariana tinha dito.

"Vamos", eu disse.

Nós nos movemos às escondidas descendo as escadas com os nossos sapatos nas mãos, cuidadosos para não fazer barulho. Agonizando iluminação vinha da cozinha. A mãe de Mariana, o guarda da taverna, a velha mulher do portão, e vários outros mais velhos sentados à mesa. Suas vozes eram calmas, mas urgente, como quando seus pais estão tendo uma briga e não querem que você saiba. Nós seguramos nossa respiração.

Como poderíamos passar sem sermos visto?

Eu fiz um gesto para Izzie ir primeiro. Ela chegou à porta e gentilmente levantou o fecho, empurrando a porta aberta pouco a pouco. John na ponta dos pés andou para fora, seguido por Baz. Uma pequena rajada de vento bateu a porta, fechando-a atrás dele. Cadeiras foram arrastadas em todo o chão da cozinha. A mãe de Mariana e o guarda da taverna vieram correndo e me afundei para baixo e amontoei na escadaria sombreada. Satisfeitos de que estava tudo bem, eles voltaram para a cozinha e sua discussão. O que eles estavam falando, era cheio de paixão e fervor, e a mãe de Mariana parecia como se ela estivesse tentando convencer os outros de alguma coisa. Eu não estava esperando por mais.

Rapidamente eu escapei depois dos meus amigos, e nós corremos para a igreja por ruas vazias, as escuras casas como guardas dormindo acordado que podiam ser acordados a qualquer momento. No alto do morro da igreja apareceu. A porta tinha sido deixada entreaberta, então nós deslizamos dentro. Algumas velas de oração queimavam na parte de trás da igreja, mas o seu conjunto de luz não era muito amplo. Eu não vi ninguém.

"Mariana?" Eu sussurrei-gritado na escuridão.

"Vasul?"

Um gemido suave veio da frente da igreja. Nós seguimos isso.

"É de trás das iconostasis<sup>60</sup>", eu disse.

Desta vez, a porta abriu-se facilmente.

---

<sup>60</sup> Iconostasis é uma parede de ícones e pinturas religiosas, separando a nave do santuário em uma igreja .



"Santo..." Baz disse.

Esta parte da igreja foi pintada também. Mas era uma história diferente sobre estas paredes. Assassinatos. Enforcamentos. Violência moral. Inimigos crucificados de cabeça para baixo. A cabeça do bode – a alma de Necuratul que deveria ter sido destruído - tinha sido sustentada dentro de um nicho na parede como uma relíquia entesourada. Uma vela ardia debaixo disto, lançando luz para cima, fazendo os olhos ocos parecerem vivos, com um fogo estranho. As tranças de cabelo de criança caíram no chão e agrupadas em várias polegadas de espessura. O gemido novamente. Izzie ligou sua lanterna e precipitou ao redor. A luz caiu sobre o altar.

Mariana tinha sido amarrada e estirada lá fora. Sua boca estava amordaçada, mas ela tentava falar de qualquer maneira. Ou gritar seria mais parecido como isto. Ela estava olhando para algo atrás de nós somente. Nunca vi o golpe chegar.

\*\* \*\* \*

Acima de mim o teto da igreja entrou em foco. Aquelas crianças encolhidas de medo no lago, seus pais preparando as pedras como peso para afundá-las. Minha cabeça parecia que tinha derrapado na calçada de uma milha.

"Você pode me ouvir?" A voz de Mariana.

Minha cabeça latejava enquanto eu virei em sua direção. Mariana estava de pé a alguns pés de distância, uma mancha de vermelho. Pisquei e ela entrou em foco. Ela vestia um manto vermelho com capuz.

"É chamado de pano diabo", ela disse como se eu tivesse feito uma pergunta.

"Isto era usado pelo sacerdote que iria consagrar o sacrifício para o Senhor da Escuridão. Claro, tradicionalmente, aquele sacerdote era do sexo masculino, mas estamos tentando casar o progresso com a tradição aqui."

Eu tentei mover e descobri que minhas mãos estavam ligadas e uma corda tinha sido deslizada em torno de meus tornozelos. Era a mesma coisa com os meus amigos. Todos os jovens ficaram em torno de nós. Nenhum dos mais velhos estava presentes. Eles estavam abaixo de vinte e cinco no aglomerado somente. As crianças tinham sido juntadas e levadas ao redor. Elas pareciam sonolentas e curiosas, como isto fosse algum tipo de jogo que eles estivessem jogando, mas eles não tinham entendido as regras ainda.

"O que você está fazendo?" Eu grasnei.

"Colocando as coisas no lugar. Salvando Necuratul antes que seja tarde demais", Mariana respondeu.

"Os mais velhos. Eles fizeram você fazer isso? Eles estão forçando você para -" Eles todos riram.

"Os mais velhos? Forçando-nos? Eles nos imploraram para não fazermos isso! Cada um deles estavam prontos para embalar e deixar Necuratul, permitir as escavadoras e o 'progresso' tomar isto. Ser apagado por pessoas com mais poder do que temos. 'Contente-se', eles suplicaram. 'Aprecie o que você tem'. Mas nós vimos o mundo. Nós sabemos que só os poderosos são respeitados e a salvos."

Ela juntou as mãos com Vasul e Dovka.



"Então nós começamos a tradição de novo. Mas nós modernizamos. Por que sacrificar nós mesmos quando poderíamos sacrificar os outros?"

Dovka cortou uma pequena parte do cabelo de cada um de nós.

"Uma vez que juntarmos o seu cabelo para a cabeça do bode, suas almas serão prometidas para o outro mundo."

"Mas isso não é justo", disse Isabel. "Nós não tivemos nenhum direito de voz."

"A vida não é justa", Dovka respondeu.

John estava suando muito.

"Olha, meus pais são ricos. Vão pagar qualquer resgate."

"John, o que você está fazendo, homem?" Baz rosnou.

"D-desculpe, primo" ele gaguejou.

"John", Baz disse novamente, mas isso era tudo.

Mariana olhou de John para nós e vice-versa.

"Você estaria disposto a deixar seus amigos, seu próprio primo, aos seus destinos?"

John não iria olhar para nós.

"Não machuque Isabel."

"John..." Isabel iniciou e parou.

"O colapso da civilização, o fim da tribo. Nenhuma lealdade", Vasul disse. "Isto é o que o mundo é."

"No clube onde eu trabalho, existem tantas chatas crianças mimadas. Totalmente intitulado. Sempre procura pela seguinte conversa excitante em volta acima das cervejas. Assim como este aqui", Dovka zombou.

"Eu não tencionei qualquer desrespeito", John chacoalhado.

Mariana pensou por um minuto.

"Muito bem. Você pode fazer parte de nossa nova tradição."

"Tudo o que você quiser. Vou fazê-lo."

"Eu estou contente em ouvir isso."

Ela virou a sua cabeça e Dovka puxou uma navalha do bolso e moveu tão rápido que eu mal pude registrar o que estava acontecendo. Eu espero que tenha sido da mesma forma para John. Isabel gritou o nome de John, e a próxima coisa que eu sabia, John estava no chão, sem vida, e o restante deles estavam respingados com sangue.

"Oh deus, oh deus, oh deus", Baz lamentou.



Ele fechou os olhos e começou uma oração em hebraico, embora eu soubesse que não tinha estado no templo desde o seu bar mitzvah<sup>61</sup>. Esse era o tipo de medo que faz você fingir que existia um deus para salvá-lo. O tipo de medo que trazia tudo em relevo acentuado de tal forma que você poderia ver um amigo morrer e ainda ouvir um rato fazer um buraco no canto, o vento assobiando contra a lateral da igreja. Isabel tinha feito silêncio. Mariana colocou a mão sobre a cabeça de John.

"Nós oferecemos não só a nossa lealdade, mas este sangue também, ó senhor, como uma promessa de nossa fidelidade. A partir de agora, nós iremos sempre fazer tal oferta. Este é um mundo novo e isto apela para um compromisso novo. "

As crianças se reuniram em um amontoado. Elas olhavam assustadas. Dovka falou suavemente com elas e elas se acalmaram. Ela os tinha, nosso cabelo enrolado nas tranças na cabeça da cabra, e fizeram isso sem dúvida. Dovka disse algo em Necuratuli.

"Para provar nossa lealdade", ela traduziu, olhando para nós.

Mariana abriu o livro de ritos antigos e começou a ler em uma língua que exigia atenção, um idioma que expressava com seus ossos, fez seu coração bater mais rápido, sussurrou para todos aqueles lugares no interior que esconde nossos piores pensamentos, nossos medos mais terríveis. Isso era uma convocação – uma convocação. Uma nomeação. Quando ela terminou, ela fechou o livro e obrigou-nos a ficar em pé. As crianças tinham terminado sua tarefa horrível, e a equipe de Mariana amarrou Baz, Isabel, e eu juntos. Nossas mãos estavam atadas ao ponto de dor. Outra corda estava apertada em torno de nossas cinturas e Dovka segurou frouxo. Vasul e os outros caras levaram o corpo de John em seus ombros como carregadores de caixão. Só então a porta da igreja foi aberta em um golpe. Os mais velhos bloquearam a saída com suas pás e lanternas. A mãe de Mariana falou asperamente com a filha, Mariana respondeu em Inglês.

"Nós não vamos parar, Baba. Isto é o futuro. Em cento e trinta anos, desde que a aldeia parou com o sacrifício, as coisas só ficaram piores. É hora de começar novamente. Nossa geração terá tudo.

"O guarda da taverna agarrou o pulso de Mariana, mas ela quebrou seu aperto facilmente."

Tio Sada, você não pode nos parar. Você deveria nos agradecer, em substituição. Nós estamos salvando a aldeia", Mariana insistiu.

"Você irá amaldiçoar todos nós", ele respondeu de volta em Inglês, me surpreender.

Os mais velhos avançaram neles então, mas não existiam o bastante deles, e eles não eram fortes o suficiente para parar o que estava acontecendo. Os mais jovens seguraram eles de volta facilmente.

"Agora nós vamos para o lago", disse Mariana.

O grupo nos empurrou através da aldeia, os antigos seguiram, pleiteando. Nós deixamos eles do outro lado do muro. Eles pareciam preocupados, como pais enviando os filhos para a formatura, em vez de assassinato ritualístico a sangue-frio. Dovka nos puxou atrás dela para na floresta. Se nós diminuíssemos a velocidade, ela dava um puxão cortante na corda em torno de nossas cinturas, e nós tropeçaríamos um no outro. Lutar de volta, essa era a questão. A noite estava quente e opressiva. Ela pressionava suas mãos contra os nossos pulmões, nos fazendo suar enquanto nós marchávamos através da floresta em um grupo. Alguém começou a cantar. As

---

<sup>61</sup> Bar mitzvah – cerimônia religiosa realizada aos 12 anos onde o menino (homem) é reconhecido como homem adulto.



pedras.

"Simpatia para o diabo."

"Prazer em conhecê-lo, espero que você adivinhe meu nome..."

Havia algumas risadinhas, como se isso fosse uma brincadeira fraterna, um grupo de garotos a caminho de enganar seus amigos um pouco patetas aproveitando de uma vantagem. Eu até tentei dizer a mim mesmo – existe algum motivo para o que estava acontecendo. No entanto eu lembrava da navalha na garganta de John, e o terror vinha em cima de mim novamente. O canto ficou mais alto, e Vasul os silenciou. O corpo sem vida de John estava atirado sobre o ombro de Vasul. Nós continuamos em silêncio, as lanternas iluminando o caminho. O lago com seu chapéu de névoa apareceu. Dovka encheu nossos bolsos e camisas com pesadas pedras e nos empurraram para a fria, água preta.

"Vá mais distante", Mariana falou, segurando uma arma para nós.

Nós tropeçamos para trás até que apenas as nossas cabeças eram visíveis.

"Isso é bom. Agora nós esperamos."

"Eu n-nunca me sentarei no sindicato de estudantes," Isabel gaguejou em meio a lágrimas. "Nunca irei a uma festa da fraternidade ou namorarei um menino irlandês chamado Declan."

"Caras chamados Declan são todos idiotas", eu tentei brincar, mas isso saiu oco.

Baz havia parado de rezar. Nos quatro anos que tínhamos sido amigos antes, ele nunca tinha estado tão calmo, tão quieto. Vasul e o corpo de seu amigo John estendido no chão.

"Por que estamos esperando?" Um dos caras perguntou. "Vamos, isto está feito."

"Nós fizemos a oferenda. Cabe ao 'O Um' aceitá-la", Mariana disse com finalidade.

Nessa distância eu podia ouvir os mais velhos cantando as canções antigas, melodias do esqueleto, sem nada para disfarçar o desespero. O desespero. Minha avó disse que quando seu pai havia sucumbido de disenteria no campo, ela e mamãe cantaram até a sua voz ficar irregular. Como isso fosse a única coisa que restasse para ela. A noite avançou. A água fria nos entorpeceu, e os dentes de Isabel trepidavam. Eu tentei mover meus dedos só para manter a circulação correndo, qualquer coisa para afastar a perda de sensibilidade ou adormecer e submergir.

A princípio, eu contei em silêncio, tentando manter minha cabeça de vagar para lugares escuros, mas quando eu alcancei a dois mil e oitenta e três, eu não conseguia lembrar o que vinha a seguir, e isso me assustou de tal forma que eu parei. Depois de um tempo Dovka entediada e começou uma conversa sobre re-mixagem. Alguém mascava goma, ofereceu o pacote para os outros. Uma garota bateu em um percevejo em seu braço, sacudiu ele. Era tudo tão normal. Apenas uma - lista de afazeres, que incluía assassinato.

E eu me perguntei o que estava acontecendo, o que virou o interruptor no cérebro humano permitindo que às pessoas criassem desculpas para as atrocidades, sendo isso o racismo ou o terrorismo, ou genocídio, ou afogamento de pessoas, você partilharia com o vinho, seus bolsos pesados com pedras que você mesmo pegou e colocou lá. Debaixo da água senti Isabel agarrar minha mão, e eu estava contente por sentir isso. Parecia ser a única coisa que eu podia ter certeza de agora.



"D-desculpe-me c-colocar o toque da Celine Dion no seu telefone naquele momento", ela disse.

"Foi você?"

"Sim."

"Você não presta."

"Sim."

Ela mordeu para fora o seu riso quando se tornou um choro.

De repente Mariana levantou sua atenção, fez sinal para os outros.

"Está acontecendo", a névoa espessou e havia um cheiro forte, como enxofre, isso me fez sentir como se eu estivesse sufocando.

Bolhas apareceram na superfície do lago, e isso estava notoriamente mais quente. Desconfortável, como uma sauna. A lama debaixo dos nossos pés parecia ceder um pouco. Baz estava só até o pescoço afundado, mas a boca de Isabel caiu abaixo da linha da água, e eu não estava muito atrás dela. Ela moveu subitamente a cabeça para trás, tentando desesperadamente manter o nariz livre, e Baz e eu nos empurrou de encontro a ela o melhor que podíamos para mantê-la ereta. Mas era difícil com as nossas mãos amarradas atrás de nossas costas. Isabel entrou em pânico e quase nos levou para baixo com seu severo movimento corporal.

"Espere, Iz", eu disse, acotovelando ela com o meu ombro.

"Não deixe ela cair, Baz."

Em resposta, ele deu à ela um impulso do seu lado. A lama cedeu só mais um pouco, e a água rodou ao nosso redor. Isabel estava chorando agora e soprando bolhas, tossindo água para fora. Mariana e os outros estavam como fantasmas na margem, silhuetas perto das árvores devastadas.

"Necuratul, Necuratul, Necuratul", eles cantavam.

Algo estava vindo pela floresta. Eu ouvi o som de rachaduras e o cheiro de enxofre ficou mais forte. Eu mal podia respirar. Eu gani porque algo roçou em mim na água preta.

"O era isso?" Isabel clamou.

O impacto veio mais uma vez, nos empurrando para a frente neste momento. Eu tropecei e Baz puxou a corda, mantendo nós três na posição vertical. O movimento estava em todos os lugares ao mesmo tempo. O vento reiniciou.

"Vingança", ele sussurrou.

Algo me bateu novamente. Então nós vimos as cabeças subindo do fundo, do lago escuro, os olhos mortos circulados em sombras, as bocas abertas onde as larvas e pequenas serpentes rastejava. Eles surgiram passando por nós para a margem, a névoa deslocou novamente. Era difícil de ver. A floresta ecoava com gritos. Gritos. Não era em Inglês, mas eu não precisei de uma tradução. Era idioma do medo.

"V-vamos!"





Eu puxava a corda que me amarrava aos meus amigos. Nossos bolsos e as camisas ainda estavam pesados com pedras e nossos membros quase congelado pelo nosso tempo na água. Cada passo era complicado. Nós tropeçamos fora do lago e caímos no chão. Nossos corpos eram pesados demais para chegar longe. Eu alcancei os meus dedos para fora e enfiei dentro do bolso de Isabel, passando empurrando a dolorosa queimadura que a corda cavou em meu pulso. Eu só consegui retirar duas pedras. Ela tentou fazer o mesmo por mim, mas não conseguiu alcançar. Um grito agudo veio de algum lugar de dentro da floresta, e minha respiração acelerou.

"Vamos, vamos, vamos", Isabel disse, quase como se ela estivesse dispondo a si mesma adiante.

"Le-levantem-se. Em direção às árvores", eu gaguejei.

Eu estava frio demais para dizer muito mais. Nós esforçamo-nos para os nossos pés e cambaleamos em direção à floresta em uma espécie de passo-saltado. A névoa era intensa. Isso nos deu um pouco de cobertura, mas também escondeu o que estava acontecendo dentro do seu véu escuro, e esse pensamento me fez pular mais rápido, forçando os outros para continuar. A alguns pés dentro, chegamos a uma daquelas afiados, árvores mortas.

"Debruce p-para b-baixo", eu disse.

Eu cheguei perto o suficiente para usar a aspereza de um dos ramos para serrar as cordas ao redor de minhas mãos, então eu desatei os meus amigos.

"Oh Deus", Isabel disse, com os olhos enormes.

Eu segui o seu olhar, e através da névoa eu vi a face horrorizada de Mariana. Atrás dela, a floresta estava cheia das pálidas, crianças mortas de longa data de Necuratul, meio comidas pela vegetação e procurando por justiça. Elas avançaram lentamente, migalhas de pão caindo de suas bocas. Elas atacaram Vasul, devorando-o até não sobrar nada. Então eles se voltaram para Dovka. Ela gritou e lutou enquanto elas a arrastaram para o lago, e ela continuou gritando até que sua boca estava cheia de água e desapareceu sob a superfície escura.

Mariana tentou fugir. Ela foi detida por vários garotos fantasmagóricos que seguraram apertando-a. A menina de olhos ocos que tinham nos levado para dentro da floresta naquela manhã pôs as mãos em cada lado da face de Mariana. Onde as suas mãos tocaram, a pele de Mariana virou da cor das folhas putrefeitas. Ela não conseguia nem gritar enquanto a podridão espalhava rapidamente pelo corpo. A menina morta soprou suavemente, e o corpo de em decomposição de Mariana se desintegrou em uma pilha de folhas molhadas que foram pisoteadas pelos pés dos mortos. Eu podia ouvir gritos na névoa e distinguir as vozes dos mais velhos. O guarda da taverna ficou em pé à beira da clareira, gritando para as crianças mais novas. Elas correram para ele, e ele fez sinal para nos seguir.

Eu alcancei Isabel, que agarrou Baz, e depois fomos forçados a tropeçar-e-correr, nosso medo trabalhando duro para superar o peso de nossas roupas encharcadas e pernas entorpecidas. Com os gritos dos outros ainda ecoando em torno de nós, nós mantivemos nossos olhos na esperança da sua lanterna. Logo as luzes da aldeia estavam perto. O vento atingiu de novo e eu tive aquele sentimento espinhoso na parte de trás do meu pescoço. A floresta ardia com uma névoa esverdeada; ela diluía, e eu vi que os mortos vinham atrás de nós.

"A alma", eles sussurraram. "Dê-nos a alma."

A aldeia estava à vista. A mulher velha que guardava o portão estava gritando em palavras que não entendíamos e atirando sal em toda parte. As crianças correram adiante, e ela empurrou eles



para dentro do portão. Eu olhei para trás porque o guardião da taverna clamou. Ele escorregou e caiu, e alguns dos olhos ocos estavam quase em cima dele.

"A alma", ele engasgou fora. "Deve queimar."

"Poe!" Isabel gritou, me puxando junto.

Corremos para dentro do portão e a mulher velha fechou com um estrondo e selou com sal. Na floresta, o guardião da taverna gritou. Não havia nenhuma chance de salvá-lo.

"Santa merda!" Baz gritou.

Nós três estávamos correndo com o resto dos aldeões para a igreja.

"Que diabos ele estava dizendo, Poe?"

"A alma deve queimar", eu repeti.

"O que diabos isso quer dizer?"

"A cabeça do bode." Isabel ficou boquiaberta. "A Alma de Necuratul."

Existiam mais gritos. O sal não parou os mortos. Tinham comido o pão. Eles tinham o poder agora, e eles estavam vindo.

"Se nós queimarmos isto, isso acaba?" Baz perguntou.

"Só existe uma maneira para descobrir", eu disse. Isabel era a mais rápida. Ela subiu colina acima até a igreja antiga e tinha a porta aberta seguindo em direção a Estrela.

"Vamos!" Ela gritou.

Eu podia ouvir o afundamento daquelas coisas mortas que vinham pela aldeia, podia ouvir os gritos dos mais velhos que tentaram combatê-los, sem sucesso. Nós alcançamos a igreja e caímos em conjunto com algumas das crianças. Um dos poucos mais velhos apressados depois, mas o sussurrar escuro estava caindo sobre eles. Um dos homens mais velhos da padaria gritou porque os mortos mostraram os seus longos dentes brilhantes e pegaram seus ossos desimpedidos. Duas das crianças lutavam encima da colina. Baz e eu paramos por eles, mas não conseguimos chegar a tempo. Isso foi quando eu pensei que eu poderia perder isso completamente. Nós fechamos a porta e selamo-nos dentro da igreja sombria. Só nós, um punhado de crianças, e a mãe Mariana contra um exército de mortos. Eles bateram na porta de novo e de novo, e afastamos à distancia.

"Acabe com essa merda agora mesmo!" Baz gritou.

Seria engraçado se não estivéssemos completamente apavorados. A mãe de Mariana abriu a porta do iconostasis e voltou segurando a cabeça do bode, que entregou ela para mim. Enquanto nós estávamos gritando com ela para queimar isso, ela estava tentando nos dizer alguma coisa, mas nós não compreendemos. As crianças entenderam, entretanto. Eles correram ao redor verificando as velas, e eu percebi que estávamos todos na mesma página, pelo menos. A mãe de Mariana foi para ajudá-las a olhar, enquanto Baz, Isabel, e eu fiquei no iconostasis. Uma das crianças deixou escapar um grito quando ele encontrou uma vela acesa. Os golpes ficaram mais alto e, em seguida houve um impacto terrível, e os mortos estavam do lado de dentro. A menina de olhos ocos avançou. Ela falou em ambos idiomas, no dela e no nosso.



"Dê-nos a alma. A dívida deve ser cancelada."

A mãe de Mariana balançou a cabeça em mim, seus olhos arregalados.

"Se você queimar isso, nós seremos malditos para sempre", disse a menina morta. Os mortos cercaram as crianças vivas. A mãe de Mariana olhou deles para a Alma do Necuratul em minhas mãos. Ela sacudiu a cabeça novamente, e a mensagem foi clara: não dar-lhes qualquer coisa, não importando o quê. Mas aquilo significava desistir das crianças. Eu já tinha visto morrer duas crianças e eu não estava olhando mais afundando.

"Aqui. Você quer isso, venha buscá-la."

Eu segurei a cabeça do bode.

"Poe. Não faça isso, homem", Baz pleiteou. "Não dê isso para as furiosas pessoas mortas."

"Nós somos uma parte do que agora", alertou Isabel. "O nosso cabelo está nessas tranças."

"Nós somos parte disto, não importa o que fazemos", eu disse. "Se eles podem acabar com isso, então deixe-os."

A menina de olhos ocos tomou a cabeça do bode em ambas as mãos. Ela tinha nos seguido para dentro do iconostasis, onde ela colocou a cabeça no altar e falou sobre ele em voz baixa. A cor inundou os rostos dos mortos, e as sombras sob seus olhos desapareceu. E então, com pequenos suspiros satisfeitos, muitos deles desapareceram em mechas finas de fumaça. De repente, a menina parou de falar. Ela parecia com medo. Ela se afastou assim quando o altar pegou fogo, e tinha algo rosa dentro das chamas. Era um homem enorme, mais bonito do que qualquer um que eu já vi, homem ou mulher. Ele tinha longos cabelos negros, pele como mármore, e as asas como um anjo, mas seus olhos eram escuros como o lago onde tínhamos quase sido afogados. Seus lábios esticados em um sorriso cruel; seus dentes eram afiados. E quando virei a cabeça ligeiramente, ele parecia ter a cabeça de algum animal com chifres enormes enrolado em ambos os lados.

"A dívida está paga!" A menina de olhos ocos insistiu.

"A dívida nunca será paga," o anjo-besta rosnou com uma voz que me senti como milhares de moscas rastejando em minha pele.

Ele elevou-se sobre nós. Chamas lambeiram as paredes douradas. Os murais gotejaram pintura, e eu podia ouvir os gritos de dentro daquelas pinturas. Os mortos que haviam sobrado começaram a derreter como cera, agitando no chão e correndo pela igreja. A menina gritou, e isso era o suficiente para mim.

"Corram", eu coloquei para fora. "Vão!"

Nós fugimos pelas portas e apressamos o nosso caminho para fora fumaça sufocante. Em toda parte de Necuratul estava queimando. De repente, a menina de olhos ocos estava na frente de nós. Eu parei um pouco. Mas ela acenou para nós, a seguir, e ela nos levou para a floresta. Atrás de nós podíamos ouvir os gritos da besta. O fogo estava nas nossas costas e chegando mais perto, e eu tinha medo de toda a floresta queimasse, prendendo-nos. Finalmente chegamos a um ponto onde eu podia ver a ponte abaixo de nós. Estava parcialmente debaixo d'água, mas ainda visível. Dava para passar. A menina apontou para ela.

"Eu não posso ir mais distante", ela disse.



Eu não soube o que dizer, então eu só balancei a cabeça, enquanto Isabel e Baz ajudou a mãe de Mariana e as crianças descerem colina abaixo.

"Poe!" Isabel gritou do meio da ponte.

A menina de olhos ocos aproximou, e meu coração martelou em meu peito. Iluminada pelas chamas ela parecia frágil. Ela se inclinou e beijou-me totalmente na boca, e algo mudou dentro de mim como quando eu tinha bebido o vinho corrompido.

"Você pode ver o que vive no escuro", ela disse. "Não se esqueça."

O fogo queimou uma árvore. As faíscas caíram no meu braço e eu tive que apagá-las. Isabel e Baz estava gritando comigo.

"Vá", ela disse.

Seu corpo começou a mudar. Movendo. Como se algo tentasse aparecer inesperadamente. Sua pele, em seguida, explodiu, e milhares de pequenas mariposas em espiral subiram, suas asas como tênues cicatrizes contra o laranja-azul do fogo, o sangue da lua, e então elas se foram. Eu corri para a ponte, e todos nós a atravessamos para a segurança.

Nós levamos toda a noite e no dia seguinte retornamos à estação de trem, onde o agente disse que era um milagre que houvéssemos sobrevivido ao incêndio. A área inteira ao redor de onde tinha estado Necuratul tinha queimado até o chão. Nada sobrou além de enegrecidos tocos de árvores e cinzas. Estava tão danificado, eles nem sequer sabiam se eles poderiam construir a usina de energia lá. Isso é irônico para vocês.

O agente da estação pendurou cobertores em nossas costas e nos fez xícaras de chá forte. Em um momento a mãe de Mariana se aproximou de mim, olhou fixamente em meus olhos durante um tempo, e transferiu o pingente de olho mal do seu pescoço para o meu. Então ela se afastou para cuidar das crianças. O agente da estação não fez nenhuma pergunta. Ele entregou a nós três um pacote de bilhetes e nos colocou para fora no próximo trem. E todos eles estavam na frágil plataforma de madeira assistindo nosso trem avançar gradualmente, como se eles quisessem ter certeza que todo nosso vestígio tinha ido embora.

Baz e Isabel dormiram muito. Toda vez que eu fechava os meus olhos, eu via aqueles rostos mortos, Mariana tornando-se podre, e o anjo-besta elevando-se acima de nós como uma ameaça de algo por vir - e eu acordava ofegante. Era noite, e eu fiz meu caminho para o vagão de café. Eu pedi um Danish<sup>62</sup> e um café preto e me sentei próximo à janela para ver passar o rastejar da noite.

"Eu disse a você que a massa estava passada, não é?"

Sra. Smith tinha sentado no assento ao meu lado. Ela abriu a bolsa e tirou um pedaço de queijo, oferecendo-me um pouco. Eu balancei minha cabeça.

"Agora que você já viu", ela disse calmamente. "Agora você sabe."

"Sim? Que infernos eu deveria fazer sobre isso?"

"O que você acha? Pare os hipócritas."

Eu olhei encarando ela.

---

<sup>62</sup> Um biscoito doce Dinarmques.



"Como eu faço isso?"

"Não se pode combater o mal de uma vez. Isso foi apenas um pequeno teste. Existem coisas maiores por vir, Poe Yamamoto."

Eu me virei.

"Eu não quero isso."

"Quem quer?"

Ela estalou sua bolsa fechando-a e se levantou para ir embora.

"Não perca o meu cartão. Está gravando lá. Não é barato."

"O que vai acontecer?"

Eu perguntei, mas ela já estava fazendo o seu caminho através do vagão, cantando uma canção que eu poderia ter jurado que era de AC/DC<sup>63</sup>, "Highway to Hell."

De qualquer maneira, eu não sei Se você ainda está assistindo isso ou não. Talvez você tenha clicado em qualquer outra coisa - um clipe de um gato preso em um ventilador de teto ou uma entrevista de trapalhadas-cômicas. Talvez você pense que eu estou inventando isso, e não existe nada lá fora na escuridão, mas que nossas mentes imaginam quando nós estamos procurando uma emoção. Mas se você ainda estiver assistindo isso, eu quero lhe dizer uma última coisa: na viagem de volta de trem eu tive um sonho.

Estava eu, Baz e Isabel, e aquela névoa surgiu realmente depressa. Eu não podia ver o que estava à frente, mas eu senti que isso podia nos ver. E então eu vi John. Seus olhos eram poças negras. Um irregular, meio círculo de uma cicatriz feito um sorriso zangado em sua garganta. E seus dentes eram afiados como um de homem das cavernas.

"Existe muito no outro lado", ele sussurrou para mim. "Coisas que você não pode imaginar. Existe muito mal para bater em asnos lá fora, Poe. Você não tem ideia."

Ele não estava brincando. Eu vou tentar manter essa conta funcionando, atualizar quando eu puder, então você saberá o que eu sei. Mas justo agora, eu tenho que ir. Baz e Isabel não conseguem segurar a porta para sempre e se você sabe algo sobre lobisomens super-poderosos pode me enviar uma mensagem de texto nesse segundo, então eu terei como ir negociar.

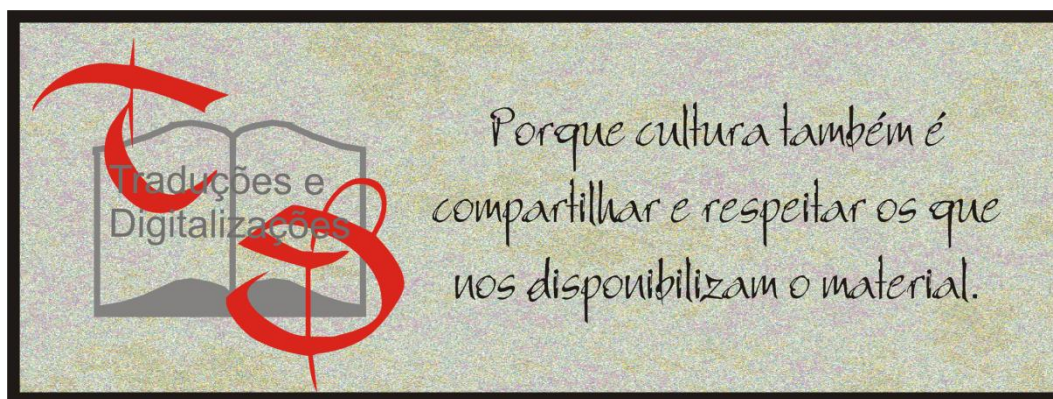
Basta olhar para fora, ok? Confiança de lagarto, meus amigos. Alguma coisa está indo para baixo. Algo grande. Isso já começou. Esteja pronto.

*Fim*

---

<sup>63</sup> Uma banda de roque Australiana.





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – [tradu.digital@gmail.com](mailto:tradu.digital@gmail.com)

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog - <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - [http://twitter.com/tradu\\_digital](http://twitter.com/tradu_digital)

Skoob - <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>



**FEITO POR:**

*Aline Mysock ~ ~ Ilana*

*Lynn ~ ~ Mary Fleury*